

ALEXANDRINO E. SEVERINO

FERNANDO PESSOA NA ÁFRICA DO SUL

MARÍLIA
1969

*Ao Spina, mentor e amigo,
com a amizade de sempre.*

APRESENTANDO

Por circunstâncias estranhas o meu nome vem ligado ao presente trabalho, tese de doutoramento do Autor na Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em cuja Comissão Examinadora figuramos como Presidente, — por outras palavras: como orientador da referida tese. Sentir-nos-íamos imensamente honrado se pudéssemos afirmar que na elaboração dêste trabalho atuou de forma decisiva a nossa orientação intelectual: esta circunscreveu-se pura e simplesmente à construção do edificio e aos seus aspectos estritamente técnicos. O esquema do livro foi fecundado pelo espírito amadurecido de quem, na posse de um riquíssimo e precioso arsenal de informações a respeito da vida adolescente de Fernando Pessoa, possuía dotes e uma paixão peculiar para trabalhos dessa natureza. Capacidade de pesquisa, de seleção de dados e de extração de elementos informativos para recompor um passado cheio de equívocos e de hipóteses, — quando não malsinado por afirmações errôneas —, revela-a o Prof. Alexandrino Eusébio Severino. Seu livro é uma contribuição indiscutivelmente valiosa, podendo dizer-se dêle que constitui uma pesquisa definitiva acêrca da formação da personalidade literária de Pessoa.

O Autor confinou a sua investigação ao período compreendido entre os anos de 1896 (quando o Poeta, aos 8 anos, chega à cidade de Durban na África do Sul) e 1905 (data em que, aos 17 anos de idade, regressa Fernando Pessoa à sua terra natal). Nove anos lacunosos e sombrios da vida de Pessoa, cobertos por um “véu de lendas” pelos seus biógrafos, véu êsse que Severino se incumbiu de desfazer, apoiado em fatos e documentos relevantes. Relacionando-se com pessoas que privaram da intimidade do Poeta durante a sua vida escolar na África do Sul, e levantando preciosas e raras informações oficiais junto à administração das escolas cursadas pelo Poeta nesse período, pôde o Autor reconstituir com segurança a formação escolar, artística e intelectual, do jovem poeta, desde a Durban High School (na qual se matriculou Pessoa aos 11

anos) até o seu Intermediate Examination prestado na Universidade do Cabo da Boa Esperança em fins de 1904.

No primeiro capítulo, uma espécie de vestibulo histórico-geográfico, Severino introduz-nos, como bom biógrafo, na paisagem exótica e cosmopolita da África do Sul, fazendo-nos respirar a atmosfera requintadamente britânica da cultura sul-africana dos primeiros anos deste século; e sentir a educação predominantemente humanística que a pedagogia vitoriana imprimia nas escolas do tempo. Esquadrinhando programas e livros adotados (desde antologias a obras de autores clássicos ingleses) e inventariando toda a documentação escolar relativa à produção didática do Pessoa estudante (desde provas de exame a pequenos ensaios publicados nas revistas da escola), o biógrafo pôde, através de uma ordenação inteligente dos dados e de apurações estatísticas do aprendizado, recompor com uma minúcia impressionante a trajetória escolar do Poeta.

Estabelecidas as leituras realizadas por Fernando Pessoa; analisadas as primícias literárias ainda comprometidas com as suas obrigações escolares; fixada a influência que sobre o espirito de Pessoa teriam exercido os seus mestres (como foi o caso do Headmaster Nicholas, seu exigentíssimo professor de latim, cuja personalidade entronca nas raízes mais profundas do heterônimo de Ricardo Reis), vamos penetrando progressivamente na gênese do pensamento literário de Fernando Pessoa, descobrindo o primitivo arsenal de temas e imagens de sua futura poesia, suas predileções e suas técnicas de assimilação dos escritores estudados. O capítulo em que o Autor examina as variadas influências dos escritores ingleses — desde Shakespeare a Carlyle, desde Milton aos poetas e prosadores românticos —, constitui a parte realmente positiva do seu trabalho, em que a sensibilidade do crítico no exame das analogias literárias se aliam as qualidades do erudito na reconstituição das fontes. É de ver, por exemplo, as considerações do Autor a propósito das adaptações pessoanas da poesia ódica horaciana e pindárica, diretamente ou através das imitações de Milton e Abraham Cowley, para se ter uma idéia da importância desta investigação genética, reveladora do processo imaginativo de Pessoa na constituição do Álvaro de Campos e do Ricardo Reis.

Se o objetivo do seu trabalho foi determinar a aculturação inglesa do grande Poeta português; a atuação dos escritores britânicos, clássicos e românticos, sobre a sua formação

artística e literária; e o débito que a sua poesia da maturidade registra com os referidos autores — lidos e estudados na sua adolescência —, pode dizer-se que tal objetivo foi plenamente alcançado. Na sua peculiar modéstia, o Autor entende que o seu estudo constitui “apenas um passo inicial para a averiguação dos elementos ingleses que concorreram para a criação da poesia de Fernando Pessoa”. É ler o seu trabalho, para convencer-se de que Severino foi muito além desse propósito.

SEGISMUNDO SPINA

São Paulo, 27 de fevereiro de 1969.

P R E F Á C I O

O presente trabalho, apresentado em 1966 como tese de doutoramento na Cadeira de Literatura Portuguêsa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, faz parte da pesquisa acêrca da vivência cultural inglêsa de Fernando Pessoa e de sua produção artística em língua inglêsa iniciada em 1959, quando de nosso estágio no Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Doutor Antônio Augusto Soares Amora, Catedrático de Literatura Portuguêsa nessa Universidade.

Resolvemos focalizar o período de formação da personalidade intelectual e artística de Fernando Pessoa, em contato com a cultura inglêsa por via dos ensinamentos colhidos nas escolas de Durban, África do Sul, ao tomarmos conhecimento das declarações do Professor Américo da Costa Ramalho em artigo publicado na revista *Colóquio* (No. 17, fevereiro de 1962), sob o título "O Globo Mundo Em Sua Mão". Ao apreciar a formação clássica de Fernando Pessoa, o ilustre professor da Universidade de Coimbra lamenta não haver sido ainda estudado "o problema da cultura clássica de Pessoa, em relação com sua escolaridade. . . (pág. 60). Pouco mais adiante acrescenta: "O próprio conteúdo dos cursos que freqüentou na África do Sul, que eu saiba, nunca foi investigado. . ."

Eis a tarefa a que nos propusemos ao longo do presente estudo. Coligidos os dados pertinentes ao panorama histórico-geográfico da cidade de Durban à época em que nela residia o poeta, determinados os vários aspectos culturais e educacionais vigentes na então colônia do Natal em confronto com os da mãe-pátria, avaliados os cursos ministrados na *Durban High School* e o nível dessa instituição de ensino secundário freqüentada por Fernando Pessoa, procuramos averiguar, não só a extensão dos conhecimentos de cultura clássica do poeta, mas ainda todo o comprometimento de Fernando Pessoa, nestes anos de sua formação intelectual, para com a cultura inglêsa assimilada em Durban. Para tanto, nos valem das próprias referências do poeta à sua escolaridade inglêsa, das leituras que empreendeu durante esta época, dos textos dos exames

externos prestados à Universidade do Cabo da Boa Esperança e dos resultados obtidos nessas provas. O ensaio acerca de Thomas Babington Macaulay, publicado no número de dezembro de 1904 da revista do liceu de Durban, serve como testemunho do amadurecimento crítico-literário de Fernando Pessoa. Apesar de seus dezesseis anos, o poeta evidencia um notável conhecimento das normas da arte de escrever e uma não menos notável proficiência no manejo da língua inglesa. É a prova mais concludente de sua assimilação cultural inglesa na África do Sul, à data em que concluía sua educação formal, seis meses antes do regresso definitivo à pátria.

Reputamos de singular importância, para a avaliação da personalidade artística do poeta, a análise desta fase de sua vida em Durban. Criado e educado a meio de um ambiente diverso daquele em que viria a escrever sua obra literária amadurecida, durante os anos cruciais de formação de sua personalidade, seria de prever, dada a riqueza dessa cultura tão profundamente absorvida, que no conjunto de sua obra se achassem alguns elementos cuja origem pudesse ser atribuída aos anos dispendidos em Durban. Assim, em uma segunda etapa do presente estudo, procuramos analisar globalmente a produção artística de Fernando Pessoa, a fim de determinar e identificar êsses elementos.

A atual versão pouco difere da apresentada para a obtenção do título. Incorporaram-se novos dados, quando êstes esclareciam algumas suposições deixadas obscuras por falta de elementos de apoio. Em geral, acataram-se as observações feitas pela Banca Examinadora da prova de doutoramento, composta pelos seguintes professores: Dr. Antônio Cândido de Mello e Souza; Dr. Adolfo Casais Monteiro; Dr. Fernando Mendonça; Dr. Paulo Vizioli e Dr. Segismundo Spina, orientador da tese. A todos os nossos penhorados agradecimentos. O trabalho sofreu ainda algumas modificações de tipo estrutural. Achemos por bem dividir o texto em duas partes, a fim de diferenciar a parte histórico-literária, que compreende a análise dos cursos e o aproveitamento de Fernando Pessoa, da parte em que avaliamos a contribuição da cultura inglesa no conjunto da obra amadurecida do poeta.

Muitos foram aquêles que nos ajudaram na elaboração dêste trabalho. Algumas pessoas e instituições que nos prestaram sua valiosa colaboração são assinaladas no próprio texto. A outras que, direta ou indiretamente nos auxiliaram, estendemos nossa sincera gratidão. Não podemos deixar de mani-

festar nosso apreço ao Professor Segismundo Spina, a quem dedicamos êste trabalho, pela gentileza de sua orientação e pelo seu estímulo, sem o qual dificilmente teria chegado a bom término o presente estudo.

Agradecemos também à Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, que nos concedeu bôlsa de estudos em Portugal, bem como tôdas as facilidades postas à nossa disposição pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, a cujo quadro de professôres pertencemos durante sete anos. A duas professoras desta instituição, nossas ex-colaboradoras na Cadeira de Literatura Norte-Americana, o nosso mais vivo apreço pela maneira dedicada com que nos auxiliaram. À Prof.^a Sílvia Mussi da Silva Claro devemos a leitura e revisão dos originais em primeira redação e à Prof.^a Lúcia Helena Carvalho Alves a penosa datilografia do manuscrito. Queremos igualmente agradecer à Prof.^a Hiromi Oniki, nossa ex-aluna, tôda sua dedicação e amizade.

São Paulo, 8 de fevereiro de 1971.

ÍNDICE DO PRIMEIRO VOLUME

INTRODUÇÃO

A Cidade Durban na África do Sul	21
A Cidade de Durban e o poeta Fernando Pessoa	24
I. PRIMEIROS ESTUDOS	
Fernando Pessoa na <i>Convent School</i>	31
Aproveitamento de Fernando Pessoa no Liceu de Durban 1899-1901	33
O <i>Headmaster</i> Nicholas	41
The School Higher Certificate Examination	46
II. FORMAÇÃO DO CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO	
O Poeta Interrompe os Estudos em Durban	51
Fernando Pessoa Frequenta a Escola Comercial	53
Fernando Pessoa Candidata-se ao Exame de Admissão Pela Escola Comercial de Durban	58
III. O MELHOR ENSAIO DE ESTILO INGLÊS	
Programas dos Exames das Várias Matérias	61
O <i>Queen Victoria Memorial Prize</i>	64
O Aproveitamento de Fernando Pessoa no Exame de Admissão	69
IV. FERNANDO PESSOA NÃO FREQUENTOU A UNIVER- SIDADE	
Estrutura da Universidade	73
A Presença do Poeta na Universidade	77
A <i>Durban High School</i> em 1904	82
V. REGRESSO A PORTUGAL	
A Prova do Exame Intermédio	90
O Exame de Inglês	93
O Exame de Latim	100
As Restantes Matérias	101
Fim da Educação de Fernando Pessoa	104
VI. O ENSAIO ACERCA DE MACAULAY	111

INTRODUÇÃO

A CIDADE DE DURBAN NA ÁFRICA DO SUL

*Dos LLOYD GEORGES da Babilônia
Não reza a história nada.*

Alvaro de Campos

A cidade de Durban em dezembro, 1899 — Estava-se no ano de 1899. Durban, cidade da Colônia Inglesa de Natal, situada a Sudeste da África, delimitada ao norte pela província portuguesa de Moçambique¹, acordara naquela manhã de fim de século para uma atividade fora do comum. Desde cedo que as ruas principais da cidade se apinhavam de transeuntes. Tanto pela West Street, assim chamada em homenagem ao primeiro governador da Colônia do Natal, Comandante Martin West, como pela Broad Street, Smith Street e Grey Street, artérias que se entrecruzavam e que formavam entre si o centro da cidade, bandas de música desfilavam levando atrás de si uma onda de populares frenéticos. Como que comandados por um ser estranho e invisível, todos se dirigiam a um só tempo e num mesmo movimento para o cais.

O cais de Durban dava para uma baía circundada por rochedos que resguardavam a cidade das águas furiosas do Oceano Índico. Ao lado sul de Durban erguia-se o Monte Bluff, promontório verdejante² que parecia guardar sonolentemente a estreita entrada da barra, um monte oblongo, espécie de hipopótamo dormindo a sesta.³ Do lado norte da entrada, uma ponta de areia, *The Point*, assinalava o começo da parte comercial e industrial da cidade, que se estendia para

- (1) Winston S. Churchill, *A History of the English Speaking Peoples* (London: Cassel and Company Ltd., 1958), IV, p. 297. A Colônia de Natal era delimitada ao norte por Moçambique e pela República do Transvaal; a este pelo Oceano Índico; ao sul pela Colônia do Cabo e ao oeste pela República de Estado Livre de Orange.
- (2) O Monte Bluff se assemelha a uma grande colina de areia.
- (3) João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa — História duma Geração* (Lisboa: Livraria Bertrand, 1950), I, p. 48.

o nordeste. “Durante os últimos anos do século dezanove e o começo do século vinte, a zona residencial europeia subiu as colinas de Berea, enquanto a indústria se situava na área de *The Point*.⁴ As moradias térreas com varandas reluziam com seus telhados vermelhos sob um sol tropical. Lindos jardins perenemente verdes circundavam as casas, pois o clima temperado e uniforme fazia com que a cidade se cobrisse o ano inteiro de luxuriante vegetação. As ruas do bairro residencial de Berea alinhavam-se em alas de *flamboyants* vermelhos, jacarandás azuis e cássias amarelas.

Vasco da Gama avistara o Monte *Bluff*, à entrada da barra de Durban, em sua viagem para a Índia em 1497. Como fôsse dia de Natal, cognominou a região de *Terra Natalis*. Mais tarde, marinheiros ingleses aportaram àquelas paragens e fundaram os primeiros lugarejos. O fundador e planejador da cidade foi o Capitão Allan Gardiner, que em 1835 (havia portanto sessenta e quatro anos) deu-lhe o nome de D’Urban, em homenagem ao então Governador Geral da Colônia do Cabo, Sir Benjamin D’Urban.⁵ Após várias lutas contra os nativos e principalmente contra os bóers,⁶ a cidade foi proclamada território britânico em 1845.

Já naquela época Durban tinha sua importância derivada do pôrto natural formado pela deslumbrante lagoa à margem da qual a cidade se desenvolvia rapidamente. Todavia, em 1899, as águas que banhavam Pôrto Natal (nome pelo qual a cidade era também conhecida) eram demasiadamente rasas para permitir a entrada de embarcações de maior porte. Naquele ano, os trabalhos de dragagem da baía de pôrto de Durban haviam sido completados. Tratava-se agora de aprofundar a entrada para o pôrto. Em 1904, quando a entrada da barra já atingira oito metros de profundidade, o navio correio, *Armadale Castle*, de 12.973 toneladas e cento e oitenta e um metros de comprimento, atracou no cais de Durban a 26 de junho.

Durban na Guerra dos Bóers — O pôrto de Durban havia sido uma das causas da Guerra dos Bóers, que principiara no

(4) Monica M. Cole, *South Africa* (London: Methuen and Co. Ltd., 1961), p. 603.

(5) João Gaspar Simões, *loc. cit.*, atribui a fundação de Durban a Sir Benjamin D’Urban.

(6) Os bóers eram habitantes da África do Sul descendentes de franceses e holandeses. A palavra bóer deriva do nome dado a camponês em Anglo-Saxônico.

outono daquele ano, a 12 de outubro de 1899.⁷ Winston Churchill descreve-nos essas razões em seu trabalho, *A History of the English Speaking Peoples*:

Há muito que Kruger queria um pôrto de mar sob seu domínio independente. Para lá das montanhas de Natal estava o pôrto de Durban pronto a ser capturado se pudesse chegar até êle. Durban ligava-se ao Transvaal por uma estrada de ferro que, comparada com a que ia até à cidade do Cabo, era curta, manejável e à soleira de sua porta. Assim terminariam as lutas por causa de impostos alfandegários, tarifas de mercadorias e muitas outras coisas; foi essa a razão porque a guerra, de princípio, se desenvolveu nessa região.⁸

Com a conquista de Durban, o Presidente Kruger anexaria o tão almejado pôrto de mar, de que muito necessitava. Os soldados bôers provaram ser ótimos guerrilheiros. Em outubro daquele ano uma brigada inglêsa se refugiara na cidade de Ladysmith, a duzentos e setenta quilômetros de Durban. No encontro entre as duas fôrças inimigas ocorrido a 29 de outubro, a brigada inglêsa sob o comando de Sir George White sofreu uma perda de mil e quinhentos homens. A situação se tornara de tal maneira crítica (os inglêses sofreram outra pesada derrota em Colenso), que o próprio General Buller, comandante das tropas inglêsas na África do Sul, viera pessoalmente a Durban a 22 de novembro a fim de comandar as operações.

Winston Churchill em Durban — Naquela manhã de dezembro de 1899, os residentes de Durban haviam recebido a primeira notícia auspiciosa relacionada à guerra. O *Natal Mercury* anunciava em destacadas manchetes que naquela manhã chegaria a Durban o jovem inglêso Winston Churchill. Depois de uma fuga espetacular que causara a admiração do mundo inteiro, Churchill, auxiliado por um seu compatriota⁹, tomara um trem do Transvaal até Lourenço Marques, para depois embarcar no *Induna*, que o traria até Pôrto Natal.

(7) Churchill, *op. cit.*, p. 295. A nove de outubro, quando as tropas inglêsas estavam ainda debilitadas, os Bôers enviaram um ultimatum aos inglêses. Três dias mais tarde as tropas dos Bôers cruzaram a fronteira (T. do Autor).

(8) *Ibid.*, p. 296 (T. do Autor).

(9) Robert Lewis Taylor, *Winston Churchill, Biography of a Great Man* (New York: Pocket Books, Inc., 1954, p. 179. "Era John Howard, um inglêso naturalizado bôer que trabalhava nas minas do Transvaal."

No cais de Durban a multidão se acotovelava em ansiosa expectativa. O *Induna* atracara à doca finalmente. Barcos engalanados apitavam ensurdecidamente; sinos, buzinas de nevoeiro, sereias de navios formavam um côro triunfal, enquanto as três bandas de música tocavam no cais.¹⁰ Robert Lewis Taylor, em seu livro *Winston Churchill*, narra que Churchill descera da prancha de desembarque e com ar de quem é completamente senhor da situação, saudara o povo apinhado no cais.¹¹ Em seguida, içado aos ombros dos populares que quase o faziam em pedaços, foi carregado em ruidosa procissão para o edifício do Paço Municipal. Existe uma fotografia de Churchill discursando defronte ao Paço Municipal. Taylor assim a descreve:

De pé, em uma plataforma improvisada em frente ao Paço Municipal, sem chapéu, vestindo um mal ajustado terno preto com colête, as mãos nas ancas, os cabelos ruivos já deficientes caídos sôbre a fronte, Churchill fala aos populares com uma expressão de patriótica intensidade. Ao seu lado um jovem não identificado, chapéu de palha na cabeça, empunha uma bandeira inglesa deflagrada ao vento. A massa humana é composta de pretos e brancos e em primeiro plano aparece uma charrete com um cavalo atrelado. Os homens estão todos de chapéu de palha, ou bonés, evitando um pouco o sol. Parece ter sido um dia de muito calor. De certo modo, parece ser mesmo um dia do ano de 1900, como um dia deveria ter sido nesse ano — preguiçoso, calmo, confortável, sem pressa, apesar da guerra.¹²

A CIDADE DE DURBAN E O POETA FERNANDO PESSOA

O dia da chegada de Winston Churchill fôra dia de festa na cidade de Durban. A fim de homenagear o jovem herói, as atividades normais haviam sido interrompidas a fim de que todos pudessem ocorrer ao cais para esperar o *Induna*. É de crer que as escolas também não tivessem funcionado naquele dia. E todos os alunos lá iriam também, atrás das bandas de música que desfilavam rumo ao cais, gritando pelas ruas, imbuídos de patriotismo.

A *Durban High School* era então o único estabelecimento oficial de ensino secundário na cidade.¹³ Em seu corpo dis-

(10) *Ibid.*, p. 182.

(11) *Ibid.*, p. 183.

(12) *Ibid.*, (T. do Autor).

(13) Simões, *op. cit.*, p. 66n. Existiam, no entanto, dois colégios particulares, a *Berea Academy* e a *Young Ladies' College*.

cente militava um jovem português de nascimento, de onze anos de idade, Fernando Antonio Nogueira Pessoa.¹⁴ Nascera em Lisboa no Largo de São Carlos, entre o teatro do mesmo nome e a Igreja dos Mártires, no dia do santo popular português, Santo Antonio de Lisboa. Seu pai era funcionário público, ao mesmo tempo que redigia as críticas musicais para o *Diário de Notícias*. Joaquim de Seabra Pessoa, pai do poeta, faleceu quando este tinha apenas cinco anos de idade.¹⁵ Sua mãe desposara, em segunda núpcias, o então Cônsul de Portugal na Colônia de Natal, Comandante João Miguel Rosa. O casamento se realizara em Lisboa por procuração a 30 de dezembro de 1895.¹⁶ A 6 de janeiro de 1896, mãe e filho embarcaram na companhia de um tio, o tio Cunha, para Durban, onde o Comandante Miguel Rosa os aguardava.¹⁷

O Comandante João Miguel Rosa fôra nomeado cônsul interino em Durban a 5 de outubro de 1895.¹⁸ A significação dêsse ato para as letras portuguesas é apontada pelo poeta e crítico Jorge de Sena quando assinala que,

a língua portuguêsã deve muito afinal à portaria que nomeou o padraço para o Consulado de Durban, visto que é a essa inspiração do Terreiro do Paço que ela deve o muito com que expressiva e funcionalmente Pessoa a enriqueceu e lhe deu obras imortais, *pensando-a* em inglês.¹⁹

Fernando Pessoa chegou a Durban em 1896. Tinha oito anos incompletos. Fá-los-ia a 13 de junho daquele mesmo ano. Demorar-se-ia naquela cidade durante mais de nove anos,²⁰ pois em 1905, partiria definitivamente para Portugal, onde viveu o resto de sua vida. Contudo, essa experiência de contato com a cultura inglêsa, numa possessão da Inglaterra em que o espírito britânico era dos mais puros, afetaria e profundamente influenciaria doravante êsse jovem que, em tempo, se

(14) *Ibid.*, p. 52. Fernando Pessoa frequentou até junho de 1900, a *Form II-A*.

(15) "Foi a 12 de julho de 1893 que faleceu o pai de Fernando Pessoa" (Armand Guibert, *Fernando Pessoa*, col. "Poètes d'Aujourd'hui", introdução e seleção de textos [Paris: Pierre Seghers, 1960], p. 14.).

(16) Simões, *op. cit.*, p. 41.

(17) *Ibid.*, p. 48.

(18) *Ibid.*, p. 38.

(19) Jorge de Sena, "Fernando Pessoa e a Literatura Inglêsã", *Estrada Larga*, ed. Costa Barreto (Pôrto: Pôrto Editôra, s.d.), I, 194.

(20) Excluindo uma viagem a Portugal com sua família, quando o poeta permaneceu ausente de Durban durante treze meses (de agôsto de 1901 a setembro de 1902).

tornou o maior poeta português da atualidade e um dos maiores de todos os tempos, visto os sons e ritmos novos que deu à poesia universal e a criação de seus heterônimos, que são expressões diversas de um mesmo incomum talento e mestria poética.

Jamais em seus versos ou nos seus escritos em prosa apareceria qualquer referência direta à cidade que o abrigara durante nove anos.²¹ Entretanto, ela continuou a expandir-se cosmopolita e arfante, progredindo através de seu excelente pôrto de mar, nessa lagoa à beira do Oceano Índico. Se o Tejo reconhecidamente exerceu influência na poesia do poeta (tantas são as referências a êsse rio em sua obra), queremos crer que a paisagem marítima natural que circundava a cidade de Durban também não poderia deixar de ter exercido influência marcante em seus versos, muito embora não haja, na verdade, qualquer referência direta a ela na obra de Fernando Pessoa. De onde morava em Durban o poeta podia ouvir o marulhar interminável e o ruído característico das ondas a quebrarem-se na areia.²²

Se o poeta não inclui a cidade de Durban em seus versos, esta, de igual modo, a pouco e pouco, imperceptivelmente o esqueceria. Seu intento era o progresso. O do poeta “o de não fazer nada fazendo”, como certo dia diria a um seu amigo.²³ Apolítico, abúlico, arremessado para sempre à inatividade por uma consciência racional, que lhe inutilizava a ação, Fernando Pessoa não conduziria, como Winston Churchill, os destinos de nenhuma nação. Todavia, sua genial inteligência, aliada aos conhecimentos profundos que tinha de literatura inglesa, levá-lo-ia a preconizar um Portugal quimérico, herdeiro do império britânico, a ser realizado no futuro, englobando tôdas as nacionalidades.²⁴

Fernando Pessoa morreu a trinta de novembro de 1935, há quase trinta e seis anos. Portugal e outros países vão

(21) Existem contudo referência à sua educação inglesa. Vide: “O Provincialismo Português”, *Páginas de Doutrina Estética*, seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena (Lisboa: Editorial Inquérito, 1946), p. 182 e “Carta a João de Castro Osório”, *ibid.*, p. 244.

(22) Jennings, Hubert. “Aspectos da Vida de Fernando Pessoa na África do Sul”, em *O Século*, 31 de agosto de 1968, p. 5.

(23) António Cobreira, “Fernando Pessoa, Vulgo o ‘Pessoa’, e a sua Ironia Transcendente”, *Estrada Larga*, *op. cit.*, p. 171.

(24) Fernando Pessoa, *A Nova Poesia Portuguesa* (2.^a ed., Lisboa: Editorial Inquérito, s.d.) pp. 57-9.

pouco a pouco percebendo “o quanto por detrás do véu de seus disfarces, êle era devorado pelo fogo; . . . atormentado pela inteligência, irônico e sério, superior a tôdas as paixões sem contudo ignorar nenhuma. . .”, para citar as palavras de Armand Guibert, que magistralmente traduziu seus versos para o francês.²⁵ Georg Rudolf Lind, outro divulgador da obra de Pessoa, desta vez na Alemanha, assim o descreve:

O que êle conseguiu arrancar da sua inata indecisão nos intervalos de sua criação poética, traz a marca de uma personalidade rica e muito dividida, cujo enigma fascinará além de quaisquer modas poéticas. O segrêdo do mundo e do ser, que rodeou suas poesias em renovados arremessos, permanece tão antigo e recente, quanto a própria humanidade.²⁶

Três datas assinalam o retôrno do poeta à cidade de Durban. Em 1950, João Gaspar Simões publica em seu estudo biográfico, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, alguns dos dados escolares do poeta que, com a relação de fatos pertinentes à cidade em que o poeta vivera e se educara, lhe haviam sido remetidos pelo então Cônsul de Portugal em Durban, o Sr. Dr. Albertino dos Santos Matias. Contudo, foi apenas com a indagação dirigida ao *Headmaster* da *Durban High School*, por Maria da Encarnação Monteiro,²⁷ pedindo algo que assinalasse a passagem de Fernando Pessoa pela escola, que os dirigentes e professôres dêsse estabelecimento se deram conta do renome que hoje desfruta seu antigo aluno. “Até aquela data nenhum de nós ouvira falar do poeta.”²⁸ Estas são as palavras textuais do Sr. Hubert Jennings, que durante doze anos (1923-1935) exerceu as funções de professor *assistant master* do liceu de Durban.²⁹ A publicação do livro do Sr. Jennings acerca da história da *Durban High School, The D.H.S. Story: 1866-1966* marca a terceira data importante no redescobrimto que a cidade de Durban fêz com referência a seu ilustre

(25) Armand Guibert, *Fernando Pessoa: Ode Triomphale et Autres Poèmes d'Alvaro de Campos*, pr. et tr. par Armand Guibert (Paris: Ed. Oswald, 1960), citado por Hubert Jennings, *The D.H.S. Story: 1866-1966* (Durban: Brown, Davis & Platt Limited, 1966), p. 99.

(26) Georg Rudolf Lind, “Auf Der Suche Nach Dem Verlorenen Ich: Fernando Pessoa”, *Humbolt*, IV (N.º 10, 1964), p. 18.

(27) Maria da Encarnação Monteiro, *Incidências Inglêsas na Poesia de Fernando Pessoa* (Coimbra: Coimbra Editôra, 1956), p. 16.

(28) Hubert Jennings, *op. cit.*, p. 103.

(29) Hubert Jennings, Carta Particular, 17 de agôsto de 1965. Por serem de importância vital para o nosso trabalho, incluímos as cartas enviadas pelo Sr. Hubert Jennings em apêndice.

filho adotivo. O décimo quarto capítulo dêste trabalho, intitulado, "That Long Patience Which is Genius" é inteiramente dedicado a Fernando Pessoa; outras alusões ao poeta e sua obra contidas ao longo do livro evidenciam a admiração do autor pelo singular poeta português. A todos os trabalhos acima referidos, às secretarias das Universidades da África do Sul e da Cidade do Cabo, ao Sr. Dr. Albertino do Santos Matias e muito particularmente ao livro do Sr. Jennings, assim como às informações gentilmente cedidas por êste senhor no decurso de nossa correspondência, devemos grande parte do estudo que segue acêrca da vida escolar de Fernando Pessoa em Durban.

Não foram as pesquisas de Hubert Jennings acêrca da vida escolar de Fernando Pessoa em Durban, e êsses dados continuariam por certo desconhecidos por mais alguns anos ou talvez mesmo se perdessem. Armand Guibert, que se deslocou a Durban a fim de averiguar os dados relativos à educação do poeta no liceu da cidade, pôde apenas certificar-se de que êste não era brilhante nos desportos: "Il n'était pas brillant en sport', m'a-t-on dit à Durban, où je m'en fus en pure perte essayer de retrouver ses traces." ³⁰

Dada a natureza retraída do poeta, a sua natural reserva quanto a fatos relacionados à sua vida e à tendência que tinha para a ironia e a contradição, ³¹ os fatos pertinentes à sua educação em urban acham-se hoje cobertos por um véu lendário que tentaremos penetrar no decurso dêste trabalho. Já no *Diário de Lisboa* de 2 de dezembro de 1935, quando êsse jornal dava a notícia da morte do poeta, escrevia-se: "Dos sete aos dezessete anos, Fernando Pessoa viveu no Cabo da Boa Esperança com sua família." ³² E Vitorino Nemésio, em trabalho citado por Maria da Encarnação Monteiro, declara, confundindo a Cidade do Cabo com Durban: "...Il faudrait, en outre, faire la part de l'influence anglaise chez Pessoa, élevé à

(30) Armand Guibert, *Fernando Pessoa, op. cit.*, p. 13.

(31) "Quando José Régio e João Gaspar Simões, jovens estudantes de Coimbra, vieram a Lisboa para conhecer Fernando Pessoa e o encontraram no café "Montanha", falaram-lhe a certa altura de influências da literatura inglesa na sua obra, ao que o poeta respondeu não conhecer tôda a literatura inglesa, tendo apenas lido dois ou três romances britânicos." Contado por José Régio: citado por Antonio Quadros, *Fernando Pessoa, A Obra e O Homem* (Lisboa: Editôra Arcádia, 1960), p. 94. Devemos ao Prof. Adolfo Casais Monteiro a observação de que quando os dois mencionados escritores vieram a Lisboa, a fim de conhecer o poeta, "não eram jovens estudantes de Coimbra".

(32) *Diário de Lisboa*, 2 de dezembro de 1935, p. 6.

Cap-Town et lui même poète en langue anglaise...³³ Mesmo aquêles críticos que estudaram até hoje a passagem do poeta pela África do Sul têm, invàriavelmente, contribuído para o alargamento dessa lenda que hoje cresce assustadoramente. Da mesma forma, é curioso notar que durante a própria estada do poeta no liceu de Durban, a excelência dos seus estudos, aliada à sua reserva, timidez e personalidade introvertida, contribuíram para a incipiência da lenda que hoje, decorridos cêrca de sessenta e seis anos, faz com que o estudo de sua educação inglêsa seja uma tarefa árdua e forçosamente incompleta.

O presente trabalho procurará determinar, mediante dados coligidos referentes à educação de Fernando Pessoa em Durban, África do Sul, a extensão do comprometimento do poeta para com a cultura britânica. Por um lado, propomo-nos a estudar os fatos pertinentes à sua escolaridade (até à data quase que desconhecidos da crítica pessoana), no intuito de avaliarmos, à medida do possível, o contato direto de Fernando Pessoa com a cultura inglêsa, numa cidade que conservava na época estreitas ligações com a Inglaterra e onde a educação seguia, através dos ensinamentos de professôres vindos das ilhas britânicas, as mais puras tradições das escolas inglêsas. O segundo objetivo que orienta o presente estudo define-se pela investigação progressiva da assimilação literária inglêsa de Fernando Pessoa, através das obras lidas no decurso de sua preparação para os exames externos administrados pela Universidade do Cabo da Boa Esperança, assim como da análise da sua criação literária em Durban, refletindo uma educação inglêsa. Essas composições, embora parcas, testemunham mais do que qualquer outro documento o grau de formação do poeta antes de seu regresso a Portugal.

Nosso estudo atêm-se exclusivamente, portanto, aos anos em que Fernando Pessoa residiu em África, ou seja, de 1896 a 1905. Todavia, por serem êsses os anos de sua formação, consideramo-los de suma importância no que êles poderão contribuir para a elucidação de um dos aspectos fundamentais de sua obra — o débito para com a cultura inglêsa. O âmbito do nosso trabalho determina, pois, que êste estudo represente apenas uma contribuição para a análise das influências inglêsas na obra poética de Fernando Pessoa. A escassez de bibliografia na especialidade não nos permitiu averiguar tôda

(33) *Études Portugaises* (Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1938), p. 139, citado por Montetro, *Incidências, op. cit.*, p. 14.

a extensão da influência dos autores estudados em Durban; restringimos, por conseguinte, nosso estudo à análise das obras literárias por êle lidas como preparação para os exames ministrados pela Universidade do Cabo da Boa Esperança e às referências do próprio poeta aos autores que mais o influenciaram a essa altura. Esperamos, no entanto, que êste trabalho, assim como os documentos referentes à educação inglêsa do poeta incluídos em apêndice, logrem despertar nos pesquisadores da obra de Fernando Pessoa o interêsse pela identificação das idéias e formas poéticas provenientes de seus estudos da literatura inglêsa, que, em justaposição a outros elementos, incidiram no processo imaginativo que deu lugar à criação da mais importante, ambiciosa e quiçá a mais universal poesia em língua portugûesa de todos os tempos. Pois queremos parecer que é no âmbito universal de sua poesia, isto é, na interpretação e continuação da tradição literária do mundo ocidental, que reside, ao final, o mérito da incomparável expressão artística de Fernando Pessoa.

I. PRIMEIROS ESTUDOS

FERNANDO PESSOA NA *CONVENT SCHOOL*

O primeiro contato que Fernando Pessoa manteve com a língua inglesa foi através da escola primária, que funcionava no convento de West Street, “a qual pertencia a uma congregação de freiras irlandesas”.¹ É nessa escola católica que faz sua primeira comunhão, antes de junho de 1896, mês em que completaria oito anos de idade.² Pouco mais se sabe acerca desse estabelecimento de ensino ou da passagem de Fernando Pessoa pelas suas dependências, além do que foi incluído na biografia basilar de João Gaspar Simões. Nossos esforços para coletar quaisquer dados relacionados com a passagem do poeta pela *Convent School* provaram até a data infrutíferos, pois não obtivemos resposta ao ofício que enviamos aos atuais dirigentes da *Convent School*. Informa-nos Hubert Jennings que seus propósitos de averiguar rastros da passagem de Fernando Pessoa por aquêle estabelecimento de ensino foram igualmente frustrados. Ao visitar a escola paroquial pôde apenas determinar que não existem quaisquer dados relativos às atividades da *Convent School* naqueles anos.³

Aproveitamento na “Convent School” — Podemos inferir, porém, pela data em que o poeta entra no liceu de Durban, assim como a série que logo frequenta, que Fernando Pessoa alcançou a equivalência de cinco anos letivos na escola primária da *Convent School* em apenas três. Segundo informações prestadas por Hubert Jennings, o sistema escolar na Colônia de Natal até 1938 tinha denominações diferentes para o nível primário e secundário. As séries primárias chamavam-se *Standard* e as séries de nível secundário eram chamadas de

(1) Simões, *op. cit.*, I. p. 50.

(2) *Ibid.*

(3) Jennings, Carta Particular, 16 de outubro de 1965. (Vide apêndice I).

Form. 4 O gráfico que segue ajudará a elucidar as séries correspondentes às idades escolares.

Idade Escolar	Ensino Primário	Ensino Secundário
8	Standard 1	
9	Standard 2	
10	Standard 3	
11	Standard 4	
12	Standard 5	Form I
13	Standard 6	Form II
14		Form III
15		Form IV
16		Form V
17		Form VI

Note-se que, conforme êste gráfico, as duas últimas séries do ensino primário eram equivalentes às duas primeiras do ensino médio. A êste respeito elucidamos o Sr. Jennings:

Naquela época, porém, os alunos ingressavam no liceu aos nove ou até mesmo aos oito anos de idade; cursavam as séries preparatórias da escola até poderem ingressar na *Form I*. Alguns estudantes continuavam cursando a escola primária até ao *Standard 6* ⁵

Fernando Pessoa, como veremos adiante, ingressou na *Durban High School* em 1899, antes dos seus onze anos. ⁶ No entanto, a série que frequentou é a *Form II*, ⁷ normalmente acessível apenas a estudantes com treze anos de idade que houvessem completado a quinta série. Se, como é descrito na citação acima, Fernando Pessoa, à semelhança de outros estudantes, cursou a escola primária até o término da *Standard 5*, êle então conseguiu completar os requisitos do ensino primário em apenas três anos. Tudo leva a crer que assim tives-

(4) Hoje em dia todas as séries levam a cognominação de *standard* (Arthur Henry Nochlman and Joseph S. Roucek [ed.], *Comparative Education* [New York: Henry Holt and Company, 1951.], p. 177).

(5) Vide apêndice I.

(6) Segundo o registro escolar do poeta, existente na secretaria do liceu de Durban, Fernando Pessoa entrou para a *Durban High School* a sete de abril de 1899 (Vide apêndice I).

(7) Simões, *op. cit.*, I, 52. Cf. Maria Allete Dores Galhoz (ed.), *Fernando Pessoa, Obra Poética* (Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1960), reportagem iconográfica.

se acontecido, visto ser na *Form II* que êle se matricula ao ingressar na *Durban High School*. O seu rápido progresso pode ser atribuído, decerto, à instrução recebida em Portugal sob a orientação de sua progenitora.⁸ Em 1895 já sabia ler e escrever correntemente.⁹ Antes da partida para a África o poeta viveu num ambiente familiar onde se cultivavam as letras. Sua tia, D. Maria Xavier Pinheiro, era uma senhora “de dotes literários. . . Fernando Pessoa foi o predileto. Conviveu com ela principalmente nos primeiros anos de sua vida.”¹⁰ Esta evocação de D. Maria Xavier feita pelo poeta em 1914 é importante para verificarmos a natureza do ambiente que estimulou sua nata predisposição para a literatura. Fizera sua primeira quadra aos cinco anos, antes da partida para Durban. Depois disso, sòmente em 1901 reinicia sua atividade poética, agora compondo em língua inglêsa.¹¹ Decididamente o contato com a *Durban High School* em breve atuaria em seu espírito no sentido de aprimorar as faculdades artísticas que lhe eram natas. Uma vez superado o obstáculo inicial apresentado pela língua inglêsa,¹² o jovem Fernando Pessoa, estimulado pelos excelentes professôres dêsse período áureo da *Durban High School*,¹³ obtém os mais altos galardões acadêmicos, inclusive o primeiro prêmio, entre todos os estudantes da África do Sul, no ensaio de estilo inglêso do Exame de Admissão à Universidade do Cabo.

APROVEITAMENTO DE FERNANDO PESSOA NO LICEU DE DURBAN: 1899-1901

O progresso do poeta antes de seu primeiro exame — Com onze anos incompletos, Fernando Pessoa ingressa no liceu a sete de abril de 1899. Está, portanto, pois anos adiantado,

-
- (8) D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira (nome de solteira da mãe de Fernando Pessoa) procedia de fidalga linhagem oriunda da Ilha Terceira e era uma senhora de invulgares dotes intelectuais. “. . .teve como professor de língua inglêsa o próprio preceptor dos Príncipes D. Carlos e D. Afonso” (Simões, *op. cit.*, I, 24).
- (9) *Ibid.*, p. 39.
- (10) Fernando Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes Rodrigues* (2.^a ed.; Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1959), p. 128.
- (11) *Ibid.* “Quadra feita por Fernando Pessoa aos 5 anos de idade e dirigida à mãe”.
- (12) Não é de todo improvável que a mãe de Fernando Pessoa tivesse iniciado o poeta no estudo das letras inglêsas antes da partida para a África do Sul e durante os primeiros meses após a chegada a Durban.
- (13) Hubert Jennings, *The D.H.S. Story, op. cit.*, p. 99.

pois, como vimos, normalmente os alunos freqüentavam a *Form II* aos treze anos de idade.

Hubert Jennings, em seu livro acêrca da história da *Durban High School*, narra-nos que de todos os contemporâneos de Fernando Pessoa — entre os quais se encontravam dois irmãos mais velhos do poeta Roy Cambell, que quase não se lembravam de Fernando Pessoa e o eminente médico Dr. Norman Mann, que tinha dêle sòmente “uma vaga lembrança”¹⁴ — apenas Clifford Geerds se lembra do poeta com precisão. “Êste senhor sentava-se ao lado de Fernando Pessoa nos bancos da *Durban High School* e era o mais sério competidor do poeta aos prêmios acadêmicos e nos exames escolares”.¹⁵

Na ficha escolar de Fernando Pessoa aparecem apenas a data de nascimento, a data de entrada na escola e a data de saída. De acôrdo com Hubert Jennings, “o cadastro escolar que contém o nome do poeta fôra encetado em 1880, em fôlhas avulsas, hoje rasgadas em alguns lugares e que estão rapidamente se desintegrando”.¹⁶ Não era costume, àquela época, registrar a data de aprovação para a nova série:

Hoje em dia o registro escolar incluía êsses detalhes, mas à época de Pessoa as coisas eram mais simples — apenas se registrava a data de nascimento do aluno e a data de entrada e saída da escola.¹⁷

Apresentamos em seguida os dados referentes ao poeta que constam da ficha de matrícula. A fim de tecermos algumas comparações entre Fernando Pessoa e Clifford Geerds, seu contemporâneo, apresentaremos também os dados referentes a êste seu colega, aluno igualmente brilhante, que em 1904 ganhou a bolsa de estudos oferecida pela Colônia de Natal ao melhor classificado no *Cape Intermediate Examination* admi-

(14) Hubert Jennings, *The D.H.S. Story, op. cit.*, p. 100. Roy Campbell é autor de algumas traduções da poesia de Fernando Pessoa para a língua inglesa (Vide, *Portugal* [London: Reinhardt, 1957] e *Collected Poems* [London: Bodley Head, 1949].

(15) *Ibid.* De acôrdo com as informações fornecidas por Hubert Jennings, Clifford Geerds lembra-se do nome completo de Pessoa adicionando um outro, Luis, que não aparece em nenhum outro documento (Carta Particular de 17 de junho de 1965. Vide, apêndice I).

(16) Vide foto do cadastro escola de Fernando Pessoa.

(17) Vide apêndice I.

nistrado pela Universidade do Cabo da Boa Esperança.¹⁸ São os seguintes os dados referentes a ambos:

Nome	Data de Nascimento	Matrícula	Saída
Pessoa, F. A. N.	13. 6.88	7.4.99	30. 6 02 16.12.04
Geerdts, C. E.	15.11.86	1.9.98	16.12.04

Clifford Geerdts ingressara no liceu seis meses antes do poeta, a um de setembro de 1898, era dois anos mais velho e apesar disso terminou o curso na mesma data que Fernando Pessoa. Ambos completaram a mesma série, a *Form VI*, antes de saírem do liceu. Além disso, Fernando Pessoa interrompeu os seus estudos naquele estabelecimento de ensino no período compreendido entre agosto de 1901 e fevereiro de 1904, uma ausência de dois anos e sete meses.¹⁹ A ficha de Geerdts testemunha que este cursou a escola sem qualquer interrupção.

Embora não exista vestígio do progresso acadêmico de Fernando Pessoa nos arquivos do *Durban High School*, podemos examinar a sua rápida ascensão pelas várias séries através dos dados fornecidos por João Gaspar Simões em seu trabalho, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*.²⁰ Não sabemos qual a fonte em que o autor colheu êsses preciosos dados, pois a escola, como vimos, não registrava as datas da passagem de uma série para outra. Todavia, tendo em vista a fôlha oficial de informação de aproveitamento escolar incluída na "Reportagem Iconográfica" do trabalho editado por Maria Aliete Dores Galhoz, *Fernando Pessoa: Obra Poética*,²¹ supomos que outras fôlhas semelhantes referentes às várias séries se encontrem no espólio do poeta e que foi de uma consulta direta a êsses documentos que Gaspar Simões derivou os dados que seguem:

Fernando Antônio Nogueira Pessoa matricula-se, pois, na *Durban High School*, e vai freqüentar a *Form II-B*, na qual se mantém até junho, altura em que transita para a *II-A*. Um ano depois, em junho de 1900, ingressa na *Form III*,

(18) Hubert Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 103.

(19) Note-se que a data da primeira saída do poeta assinalada na ficha estudantil é a de trinta de junho de 1902 (Vide *infra*, cap. II, p. 49.

(20) *Op. cit.*, I, 52.

(21) *Loc. cit.*

eis meses após o que, ascende à *Form IV*, onde se mantém até junho de 1901, data em que faz exame — o seu primeiro exame: o *Cape School Higher Examination*...²²

Não obstante estar dois anos à frente em relação aos seus condiscípulos da mesma idade, Fernando Pessoa, devido ao seu excelente aproveitamento, consegue adiantar-se ao ponto de fazer o equivalente de três anos em dois e meio. O ter ingressado na *Durban High School* vindo da escola primária, logo após o *Standard 5*, procedimento não encorajado pelo diretor da escola, “a practice which Head Master Nicholas disliked”²³, faz com que permaneça na *Form II* durante um ano e meio, de início numa classe mais atrasada, a *B*. Mas logo depois, provadas as suas aptidões escolares, ingressa na classe *A* entre os alunos mais adiantados. As duas séries seguintes, *Form III* e *IV*, Fernando Pessoa fá-las em apenas seis meses cada. Assim, quando em junho de 1901 termina a *Form IV*, tem somente treze anos. A idade correspondente à *Form IV* é como vimos no gráfico acima, a de quinze anos.²⁴

Felizmente, devido à fôlha oficial de aproveitamento escolar, referente ao segundo semestre do ano letivo de 1899, incluída na reportagem iconográfica do trabalho organizado por Maria Aliete Galhoz, *Fernando Pessoa: Obra Poética*,²⁵ podemos examinar o progresso do poeta com alguma exatidão. Na primeira semana do semestre, classifica-se em décimo lugar entre os vinte e dois rapazes que compunham a classe (três desistiram e a classe termina o ano com dezenove alunos). Mantém-se nessa posição por duas semanas, mas logo ascende ao segundo lugar e com exceção de duas semanas em que o seu aproveitamento de novo decai (durante as semanas que terminam a vinte e três e a trinta de setembro), permanece sempre entre os primeiros alunos da classe. Ao final do *Term* (divisão do período escolar), encontra-se em primeiro lugar. No exame final do semestre é também o primeiro classificado; no entanto, como encetara o semestre em posição inferior, alcança apenas o segundo lugar na colocação geral naquele *term*. Considerada a reserva natural dos ingleses, surpreen-

(22) Simões, *op. cit.*, I, 52. “Foi em dezembro de 1900, que Fernando Pessoa passou para a *Form IV*. Vide, *Idem*, “Cronologia da Vida e da Obra” in *Fernando Pessoa: Obra Poética*, *op. cit.*, p. IX.

(23) Cf. apêndice I, Carta de 17 de agosto de 1965.

(24) Para prestar o exame de admissão depois da *Form V*, o aluno deveria ter idade não superior a dezoito anos. Vide apêndice II.

(25) *Loc. cit.*

de-nos a maneira como seus professôres comentam o aproveitamento do poeta. O professor de Geometria (Euclid) excede o espaço que lhe é reservado na fôlha a fim de comentar o brilhante exame final do jovem Fernando Pessoa. Sobressai-se também em Latim e Inglês. Nesta última disciplina competindo com seus condiscípulos para quem a língua inglêsa era a língua mãe, atingira na média geral do semestre sessenta e sete pontos; todavia, já no exame final, alcança setenta e oito pontos, uma ascensão de onze pontos sôbre a média alcançada durante o semestre. Recebe, pelo seu aproveitamento nesse semestre, “o *Form Prize*, na altura do Natal, a título de ‘*general excellence*’.”²⁶ Maria da Encarnação Monteiro, na relação dos livros em língua inglêsa existente na biblioteca de Fernando Pessoa, apresentada em apêndice a seu trabalho, *Incidências Inglêsas na Poesia de Fernando Pessoa*, descreve a obra conferida ao poeta como prêmio, inclusive a dedicatória impressa no verso da capa:

Gilman, Arthur — *Rome*. From earliest times to the end of the Republic. Third Edition, London, T. Fisher Unwin, 1894. (Tem no verso da capa, em estampa colada, a seguinte indicação: Government of Natal/Education Department/Durban High School/X-mas 1899/To Pessoa Form II-A/For General Excellence/W. H. Nicholas/Headmaster/.²⁷

Êste prêmio fôra-lhe conferido por ter terminado o semestre, *term*, em primeiro lugar em tôdas as disciplinas.²⁸ Desde que o livro que lhe foi outorgado tratava de Roma, centro da cultura latina, depreende-se que o diretor da escola, *Headmaster* W. H. Nicholas, professor de latim no liceu de Durban, não deve ter sido alheio à escolha do prêmio, nem à excelência de Fernando Pessoa na referida matéria. A fôlha de aproveitamento escolar apresentada na obra editada por Maria Aliete Galhoz, atrás referida, transcreve a observação do professor, *Excellent*, e o índice de aproveitamento no exame final de latim que foi de noventa por cento. No ano seguinte, enquanto o poeta freqüentava a *Form III*, isto é, durante o semestre que vai de agôsto a dezembro do ano de 1900, Fernando Pessoa conquista o prêmio em francês. Tratava-se do livro intitulado *Stories from The Faerie Queen*, de

(26) Simões, *op. cit.*, I, p. 52.

(27) *Op. cit.*, p. 87.

(28) Galhoz, *loc. cit.*

Mary Macleod.²⁹ Maria da Encarnação Monteiro no trabalho acima citado descreve os dizeres incluídos no verso da capa referentes ao prêmio:

No verso da capa, há uma estampa colada com a seguinte indicação: "Government of Natal/Education Department/Durban High School/III Form/To Pessoa/For French/W. H. Nicholas/Headmaster."³⁰

Clifford Geerds associa suas recordações de Fernando Pessoa aos vários prêmios recebidos pelo poeta enquanto aluno da *Durban High School*. Hubert Jennings, interpretando as palavras de Clifford Geerds em referência a sua recordação do poeta, narra que os seus colegas se habituaram a ouvir os professores chamarem seu nome comprido e exótico durante as cerimônias de entrega de prêmios e a ver "um rapazinho de olhos profundos e brilhantes, cabeça grande em proporção ao corpo frágil e franzino surgir inesperadamente do fundo da sala, pegar seu prêmio com um reverenciada vênica e em seguida imiscuir-se novamente entre as sombras."³¹

À medida que ia se classificando em primeiro lugar e obtendo os prêmios que serviam como testemunho do seu excelente aproveitamento, o poeta ia ascendendo às séries superiores. Não admira portanto que poucos colegas se lembrem dele; as mudanças de série não lhe permitiam estabelecer amizade com colegas que ia deixando para trás. Até mesmo Clifford Geerds, que obteve em 1904 o maior prêmio a que podia aspirar um aluno da Colônia de Natal àquela época, a bolsa de estudos que lhe permitiu continuar seus estudos em Oxford, Inglaterra, parece ter feito as séries normalmente, como vimos no gráfico acima apresentado. Foi por isso mesmo que este condiscípulo do poeta se admirou quando soube recentemente que Fernando Pessoa competira com ele naquela prova. Até esta data, pensara que o poeta não tivesse prestado o *Intermediate Examination*, "pois se o houvesse feito, certamente teria sido ele o contemplado. Nos outros exames, Fernando Pessoa sempre se classificara em primeiro lugar", adianta Clifford Geerds.³² Se Fernando Pessoa consegue colocar-se à frente de um dos seus condiscípulos, cujos dotes intelectuais lhe conquistaram o primeiro lugar entre todos os

(29) João Gaspar Simões cita erroneamente o livro prêmio em francês como sendo *The Nile Quest: a record of the exploration of the Nile and its Basin* (op. cit., p. 52).

(30) *Op. cit.*, p. 92.

(31) Jennings, *The D.H.S. Story*, op. cit., p. 100.

(32) *Ibid.*, p. 103.

alunos da Colônia de Natal, a excelência dos estudos do poeta está amplamente comprovada. Devemos lembrar também que Fernando Pessoa era mais nôvo que Clifford Geerds, que entrara na escola seis meses após êste seu colega e que estivera afastado da *Durban High School* durante o período de dois anos e meio.

A passagem de Fernando Pessoa pelo liceu de Durban foi assinalada, portanto, pelo recebimento de várias menções honrosas que testemunham seu índice de aproveitamento e, de uma maneira indireta, sua absorção da cultura inglêsa que integrará sua personalidade de forma indelével. Resta determinar o nível da instrução recebida pelo poeta na *Durban High School*.

Padrão do ensino no liceu de Durban — A facilidade com que o poeta parece obter êsses galardões acadêmicos, assim como a ascensão rápida às séries mais adiantadas poderia levar a pensar que os estudos naquela Colônia longínqua da Inglaterra não eram de nível muito avançado. De fato, João Gaspar Simões, em seu livro *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, declara:

[Temos]... de reconhecer que os colonos inglêses do Natal deviam constituir a êsse tempo, como ainda hoje acontece uma sociedade muito pouco culta e de gostos intelectuais vulgaríssimos, composta como era essa sociedade de comerciantes e industriais, gente de uma mediocridade que em nada pode comparar-se, por exemplo, com a mediania da classe média francesa...³³

No entanto, respostas às indagações feitas aos dirigentes daquele estabelecimento de ensino a êsse respeito indicam que o liceu de Durban era naquele tempo uma escola secundária de alto nível. Única escola do ensino médio na cidade, a *Durban High School* era freqüentada exclusivamente por alunos do sexo masculino;³⁴ preparava candidatos aos exames

(33) *Op. cit.*, p. 66. A declaração de João Gaspar Simões não deixa de ser verdadeira no que diz respeito à cultura dos colonos inglêses do Natal. No entanto, não devemos necessariamente inferir, como o faz o ilustre crítico, que a educação na colônia seria por êsse motivo igualmente deficiente.

(34) Gaspar Simões declara, que segundo officio do *Education Department*, a *Durban High School* era freqüentada por alunos de ambos os sexos, entre 13 e 18 anos... (Cf. *op. cit.*, p. 66n). No entanto informações contidas na obra de Jennings, *The D.H.S. Story* não deixam dúvidas quanto ao fato da escola ser somente para rapazes (Vide, apêndice I, p. 254).

administrados pela Universidade do Cabo da Boa Esperança — O *Cape School Higher Examination*, o *Matriculation Examination* e o *Intermediate Examination*. A passagem de uma série para outra não tinha grande importância, e nem era anotada, como vimos, nos registros da escola, pois a excelência dos estudos era testada através desses exames realizados por uma entidade exterior — a Universidade do Cabo da Boa Esperança. Como o objetivo principal dos estudos era a aprovação nessas provas, os professores se empenhavam em estimular o aproveitamento do educando através de prêmios e de uma sadia, se bem que austera, concorrência entre os alunos, como tivemos ocasião de apontar quando estudamos a classificação semanal de Fernando Pessoa transcrita na folha de aproveitamento incluída na reportagem iconográfica da obra editada por Maria Aliete Galhoz. Esse estímulo através de prêmios e de competição entre os jovens estudantes tinha como finalidade a preparação para as provas ministradas pela universidade. Da classificação obtida dependia o nome da escola. Conseguindo assim, o examinando boa classificação, honrava a si, a sua escola e a sua Colônia, pois esses exames eram ministrados ao mesmo tempo a todos os alunos dos estabelecimentos de ensino dos quatro estados que compunham a África do Sul.³⁵ Nos anos de 1900 a 1904, enquanto Fernando Pessoa frequentou o liceu de Durban, foram alunos da *Durban High School* que obtiveram a Bôlsa de estudos conferida pela Colônia do Natal ao estudante que mais se distinguisse no exame de fim de curso: o *Intermediate Examination*.³⁶

Não é só entre os estabelecimentos congêneres da Colônia do Natal que a excelência do padrão de ensino do liceu de Durban àquela época pode ser comprovada. Em qualquer lugar os bons elementos formados por uma escola atestam sua eficácia. Em 1900, época em que (de acôrdo com o comêço do nosso estudo) vamos encontrar Fernando Pessoa cursando a *Form II e III*, E. G. Jansen, aluno da *Form VI*, obteve a segunda classificação em tôda África do Sul no *Intermediate Examination* com 1473 pontos. Em 1901, obteve o grau de *Bachelor of Arts* na Universidade do Cabo da Boa Esperança. Este foi o comêço de uma carreira que culminou com a ascen-

(35) Durante a Guerra dos Bôers (1899-1902), os exames externos eram ministrados apenas nos estabelecimentos de ensino da Colônia do Cabo e da Colônia de Natal, visto as duas outras províncias estarem sob a jurisdição do govêrno do Presidente Kruger.

(36) Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 88.

são de E. G. Jansen a Governador Geral da União Sul Africana.³⁷ No ano seguinte, em 1901, outro aluno da *Durban High School* consegue classificação honrosa entre todos os candidatos da África do Sul no mesmo exame. Foi H. G. Mackeurtn que obteve o primeiro lugar no *Intermediate* com 1885 pontos.³⁸ Em Oxford, onde estudou com bolsa obtida pela classificação nesse exame, H. G. Mackeurtn obteve o primeiro lugar nos exames finais do curso de Direito e mais tarde foi o mais conhecido e o mais bem pago advogado da África do Sul.³⁹ Como vemos, na época em que Fernando Pessoa frequentou a *Durban High School*, esta escola conseguiu destacar-se entre os demais estabelecimentos de ensino da África do Sul. Como diz Hubert Jennings, referindo-se aos resultados obtidos pelos dois brilhantes alunos acima citados:

Menciono êstes dois contemporâneos de Pessoa porque, sendo jovem, êle provavelmente os admirava (se alguma coisa suscitou por ventura a admiração de Pessoa) e porque demonstra o padrão atingido por uma pequena escola (186 rapazes comparado com os 800 que frequentam a escola atualmente) em um lugar remoto.⁴⁰

O "HEADMASTER NICHOLAS"

Uma das razões do alto nível atingido pelo liceu de Durban durante os anos em que Fernando Pessoa nêle estudou foi a de ter à testa de suas atividades o excepcional *Headmaster* Nicholas, a quem já nos referimos. W. H. Nicholas, pelas referências contidas no livro de Hubert Jennings acêrca da *Durban High School*, era um dêsses extraordinários professôres que, pela sua marcante personalidade e conhecimento incommum não só da sua matéria como de todos os assuntos adjacentes, marcam as gerações vindouras e formam os grandes homens de amanhã. Hubert Jennings em seu capítulo sôbre Fernando Pessoa sugere a possibilidade da criação de Ricardo Reis ter sido baseada no *Headmaster* Nicholas.⁴¹ Na verdade, os poemas dêste heterônimo revelam a excelência da educação

(37) *Ibid.*, pp. 93-7.

(38) Vide pontos obtidos por Fernando Pessoa no Exame de Admissão à Universidade do Cabo (Simões, *op. cit.*, p. 65n).

(39) Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 88.

(40) Vide apêndice I (Carta de 15 de Junho de 1965).

(41) Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 107-8.

latina recebida através das aulas de W. H. Nicholas.⁴² Tal como Ricardo Reis,⁴³ W. H. Nicholas era “de um vago moreno mate”. Vejamos a descrição de Nicholas feita por Hubert Jennings:

W. H. Nicholas foi diretor de 1886 a 1909 e morreu em 1918. Era de ascendência hispano-irlandêsa, sendo que um seu antepassado havia sido marinheiro da Armada Invençível, posta a pique nas costas da Irlanda em 1588. Era um homem simpático e moreno. Seu conhecimento de literatura clássica inglesa diz-se que era prodigioso.⁴⁴

Sôbre a sua influência como professor, Hubert Jennings acrescenta:

...foi o professor mais brilhante de seu tempo em Natal e era apaixonadamente devotado ao Latim. Todos que o conheceram mencionam isso. Não tinha consideração por ninguém que fôsse fraco em Latim e assim nunca teria escrito ‘Excelente’ ao lado do nome de Pessoa se êle não tivesse brilhado em sua matéria favorita.⁴⁵

Não era apenas como professor que o *Headmaster* exercia nos alunos sua marcante personalidade. No capítulo sôbre Pessoa, Hubert Jennings descreve as tentativas conscientes do diretor da *Durban High School* em educar seus discípulos segundo os padrões rígidos da era vitoriana a fim de torná-los, “into Victorian gentlemen”.⁴⁶

Tenha ou não o *Headmaster* Nicholas servido de modelo à criação do heterônimo Ricardo Reis, o certo é que não podemos deixar de notar a presença marcante dêsse professor, tanto nos conhecimentos do latim evidenciados na obra de Fernando Pessoa, como também em sua conduta pessoal. Apesar de Hubert Jennings concluir em seu trabalho que Fernando Pessoa, sendo estrangeiro, não aderiria às tentativas do diretor Nicholas em transformá-lo num requintado cavalheiro vi-

(42) Análise das provas de latim referentes aos exames de admissão e intermédio. Vide *infra*.

(43) “Carta de Fernando Pessoa sôbre a gênese dos heterônimos”, *Fernando Pessoa*, apr. por João Alves das Neves (São Paulo: Editora Iris, s.d.), p. 180.

(44) Hubert Jennings, Carta Particular, 17 de maio de 1965. (Vide apêndice I).

(45) *Ibid.* A observação “excellent” a que se refere Hubert Jennings foi anotada por W. H. Nicholas na ficha de matrícula de Fernando Pessoa.

(46) Hubert Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 101. Esses esforços parecem ter sido bem sucedidos em relação a E. G. Jansen, conforme afirma o autor nesse mesmo trecho.

toriano, pois, “como a maioria dos estrangeiros, êle rejeitaria essa concepção como o simples colocar da mente de alguém numa camisa de fôrça de monotonia”,⁴⁷ temos razões para pensar que Fernando Pessoa foi atingido mais do que à primeira vista se percebe, pela educação vitoriana recebida na escola através dos esforços conscientes de W. H. Nicholas. Veja-se esta passagem do escritor e crítico Jorge de Sena:

...às vêzes encontrava lá aquele senhor suavemente simpático, muito bem vestido... [sentava-se] com as mãos nos joelhos... um solteirão sem vida sexual e dado à solitária bebida, como tantos inglêses têm vivido... [vivia] recatadamente, não dando britânicamente de si mesmo ao convívio mais que a convenção adequada aos circunstantes.⁴⁸

Carlos Queiroz, em *Homenagem a Fernando Pessoa*, descreve, da seguinte maneira, a personalidade do poeta: Escutava os outros com atenção mas no seu olhar, “lia-se qualquer coisa parecida com o receio que o supusessem prescrutador... Fernando Pessoa tinha profundo respeito por si próprio e pelo que nos outros estimava que também fôsse respeitável.”⁴⁹ Essa preocupação em recusar-se a dar de si e ao mesmo tempo em deixar os outros viverem suas próprias vidas evidencia possivelmente a formação vitoriana do poeta recebida em África e pela qual o *Headmaster* Nicholas seria grandemente responsável. As qualidades vitorianas atribuídas a E. G. Jansen, fruto da educação incutida por W. H. Nicholas, poderiam igualmente descrever a personalidade de Fernando Pessoa:

...ninguém poderia tão bem exemplificar o ideal vitoriano do “gentleman” inglês — o auto-contrôle, a inteira devoção ao dever, a repressão de qualquer manifestação emocional, o sentido meticuloso de justiça — que Nicholas incutia tão conscientemente.⁵⁰

Anos mais tarde, em carta dirigida a João de Castro Osório acêrca do pai dêste, o poeta Paulino de Oliveira, Fernando Pessoa rende homenagem, ainda que indiretamente, ao seu professor de latim. Ao comentar as razões da decadência da

(47) *Ibid.*

(48) Jorge de Sena, “Vinte e Cinco Anos de Fernando Pessoa”, *O Poeta é um Fingidor* (Lisboa: Edições Ática), pp. 81-84.

(49) Carlos Queiroz, *Homenagem a Fernando Pessoa: com os excertos das suas cartas de amor e um retrato por Almada* (Coimbra: Edições Presença, 1963), p. 31.

(50) Jennings, *op. cit.*, p. 97.

cultura portuguesa, o poeta refere-se aos professôres portuguêses de latim do seguinte modo:

A dois séculos de deseducação ministrada por pseudo-humanistas, que de latim só sabiam o latim (tornando-o deveras uma língua morta) seguiu-se um século de deseducação ministrada por anti-humanistas, que nem português, quanto mais latim, sabiam.⁵¹

O professor com o qual Fernando Pessoa aprendera latim em Durban havia sido um educador humanista. Na cerimônia que em 1909 marcou sua despedida da escola que servira durante trinta anos, o *Headmaster* Nicholas dirigiu-se ao povo de Durban pela última vez, discorrendo sôbre o seu tema favorito — o valor de uma educação clássica:

Tôda educação só tem um fim que é o de preparar-nos para a vida. A existência de todos nós se caracteriza por relações com nossos semelhantes e quanto mais culto é o homem, mais apto deveria estar para conciliar sua vida à daqueles que o cercam. O povo de Natal, infelizmente, acreditava que o importante eram as coisas de ordem prática, a habilidade de fazer uma operação arimética ou escrever uma sentença, sendo o mundo das humanidades relegado à condição de um sentimentalismo piegas. No entanto, quero repetir, como várias vêzes o fiz no passado, que uma educação baseada nos clássicos, e falo dos ingleses e franceses bem como dos gregos e latinos, uma educação firmada naquilo que a história pode ensinar, no pensamento e na filosofia dos grandes homens do passado, será essa a educação que irá permitir ao homem vencer a batalha da vida, distinguir-se entre seus semelhantes e ao final resignar-se ao inevitável.⁵²

O professor Nicholas, além de sua especialização nos clássicos, possuía um conhecimento prodigioso da literatura in-

(51) Jorge de Sena (ed.), *Páginas de Doutrina Estética*, op. cit., p. 245.

(52) Jennings, op. cit., p. 81. "All education has only one end, and that is to fit one for one's life. Every man's life is spent in relations with his fellow man and the more cultured a man is, the better able he should be to fit in his life with that of his fellows. Natal people, unfortunately, were too inclined to think that the practicalities, the ability to cast up a column of figures or write a sentence — were all that counted, and that the world of the humanities is sentimental rubbish. But I am going to declare to you again, as I have often done in the past, that an education in the classics, and I mean those in English and French as well as those in Greek and Latin — an education based upon the best that history could teach, upon the thoughts and philosophy of the great men of the past, was the education that enabled a man to fight the battle of life, to make his stand among his fellows and to resign himself to the inevitable at last." (T. do Autor).

glêsa. Um dos antigos alunos da escola, de uma época anterior à de Fernando Pessoa, relata que numa aula de grego seus discípulos escutavam abismados enquanto Nicholas discorria desde “o Fedro ao evangelho de São João e de nôvo sôbre a obra de Shakespeare iluminando tôda beleza escondida nas palavras que estivéramos lendo”. E mais adiante o aluno opina: “de todos os homens que tenho conhecido, Nicholas foi por certo o mais completo.”⁵³ Não é, pois, de admirar que Fernando Pessoa tivesse sido profundamente abalado pela personalidade marcante de seu professor de latim.

Da cultura inglêsa que informava o poeta (que nela buscou compensação para a decadente cultura portuguêsa da época) constavam, portanto, ensinamentos de latim ministrados pelo professor Nicholas e que foram a mais rica dádiva do liceu de Durban à formação cultural de Fernando Pessoa e à poesia portuguêsa moderna. A eficiência educativa com a qual o professor Nicholas distinguiu aquêle estabelecimento de ensino durante o período áureo de sua existência foi mais uma contribuição para a formação intelectual do grande poeta que foi Fernando Pessoa.

Como vemos, por uma daquelas coincidências do destino que são sempre difíceis de explicar, o nível acadêmico do liceu de Durban estava à altura da genial inteligência e enorme curiosidade de Fernando Pessoa. Mais ainda, a educação inglêsa ministrada no liceu de Durban visava formar, como ainda hoje acontece, principalmente o homem e depois o profissional, isto é, dar ao educando uma formação liberal e humanista que o preparasse para a vida como um todo e não apenas para a vida profissional. Durante a inauguração a cinco de fevereiro de 1895 do edifício que ainda hoje aloja os estudantes da *Durban High School*, o *Headmaster* Nicholas anunciou que pretendia dotar seus alunos de “uma personalidade bem informada, conversação culta e vivacidade de espírito”,⁵⁴ que os preparasse para as mais destacadas posições da Colônia. Essa educação humanista sempre fêz parte da escola inglêsa e no caso de Fernando Pessoa ajudou a “libertá-lo para dentro”, como o poeta declara na carta a João de Castro Osório, atrás mencionada.

(53) *Ibid.*, p. 85.

(54) *Ibid.*, p. 75.

THE SCHOOL HIGHER CERTIFICATE EXAMINATION

Após terminar a *Form IV* em junho de 1901, Fernando Pessoa presta o *School Higher Certificate Examination*. Aca-
bava de fazer naquele mesmo mês os seus treze anos e acha-
va-se duas séries à frente dos seus colegas, pois como vimos
no gráfico acima referido, a série correspondente a treze anos
era a *Form II*.⁵⁵ Apesar do jovem Fernando Pessoa encon-
trar-se há apenas cinco anos na cidade de Durban, empreen-
dendo seus estudos em uma língua estrangeira, ascendendo
às classes mais adiantadas sem em alguns casos freqüentar
as séries pelo espaço normal de um ano letivo e estar à frente
dos seus colegas da mesma idade por duas séries, êle passa o
School Higher Certificate Examination em quadragésimo oita-
vo lugar entre seiscentos e setenta e três candidatos. No ofício
que a êste respeito nos foi enviado pelo secretário do *Joint
Matriculation Board* lê-se:

Ele classificou-se na *Primeira Classe* no *School Higher Cer-
tificate* tendo obtido um total de 1146 pontos e foi classifi-
cado em 48.º lugar em ordem de mérito. Em junho de
1901, 673 candidatos prestaram o *School Higher Examina-
tion* dos quais 463 foram bem sucedidos.⁵⁶

A expressão *Primeira Classe* refere-se à classificação do can-
didato. Os alunos que prestavam os exames administrados pela
Universidade do Cabo da Boa Esperança eram classificados,
conforme os pontos obtidos, em três classes diferentes por
ordem de mérito. A classificação obtida por Fernando Pessoa
no *School Higher Certificate Examination* corresponderia a
distinção no sistema escolar brasileiro.⁵⁷

Geralmente a *Primeira Classe* era conferida aos alunos
que alcançavam uma percentagem superior a sessenta por cen-
to no conjunto de tôdas as disciplinas.⁵⁸ Vejamos as discipli-

(55) Vide *supra*, p. 18.

(56) *Joint Matriculation Board Pretoria*, Transvaal, União Sul Africana, Ofício
de 3 de setembro de 1905. "He qualified for a First Class School
Higher Certificate having obtained an aggregate of 1146 marks and
was placed 48th in order of merit. In June 1901 673 Candidates sat
for the School Higher Examination of which 463 passed."

(57) Quer-nos parecer que João Gaspar Simões, ao concluir que o poeta
"entra na Primeira Classe", confunde o termo com a palavra portu-
guesa *classe*. Assim o crítico dá a impressão de que o poeta sômente
depois desse exame é admitido no curso regular do liceu de Durban.
(Simões, *op. cit.*, p. 52.)

(58) Hubert Jennings, Carta Particular, 12 de setembro de 1905 (Vide apên-
dice I).

nas nas quais Fernando Pessoa prestou exame com as correspondentes classificações por pontos, conforme ofício que nos foi enviado pela *Joint Matriculation Board*, a entidade que atualmente administra o *School Higher* e o *Matriculation Examination*. São as seguintes as classificações obtidas pelo poeta:⁵⁹

English Higher Grade — Section A	89/150
English Higher Grade — Section B	89/150
Latin	266/300
French	223/300
Arithmetic	132/300
Algebra	205/300
Geometry	142/300

As percentagens correspondentes a cada disciplina podem ser facilmente deduzidas:

Inglês A e B	59,3%
Latim	88,6%
Francês	74,3%
Aritmética	44,0%
Algebra	68,3%
Geometria	47,3%

A média da percentagem alcançada por Fernando Pessoa neste exame foi a de 63,6%; três vírgula seis por cento acima, portanto, dos sessenta por cento necessários à obtenção da *Primeira Classe*, ou seja, distinção.⁶⁰

A prova de inglês — A fim de prepararem-se para os exames administrados pela Universidade do Cabo da Boa Esperança, os candidatos estudavam através de uma lista de livros previamente tornada pública. Estes livros eram conhecidos por *set books* e sobre eles versava a maior parte do exame.

Graças a informações gentilmente prestadas pela *Joint Matriculation Board*, podemos averiguar quais as obras que Fernando Pessoa leu a fim de prestar o exame de inglês. É

(59) *Joint Matriculation Board*, ofício de 3 de setembro de 1965 (Vide apêndice II).

(60) Hoje em dia a expressão “classe” foi substituída pelo termo “mérito” (Jennings, Carta Particular, 12 de setembro de 1965, vide apêndice I).

sòmente com respeito a essa disciplina que logramos obter informação relativa aos livros prescritos que eram:

George and Sidgwick: Poems of England,
14-16, 25-28, 37 and 38.

Scott: Ivanhoe (texto completo)⁶¹

Além da prova de literatura baseada nas obras que constam desta citação, é de crer que, tal como aconteceu com o exame de admissão prestado pelo poeta em 1903,⁶² os candidatos efetuassem igualmente provas de redação em língua inglesa, assim como de gramática e ortografia.

A prova literária pròpriamente dita versaria sòbre o romance de Sir Warter Scott, *Ivanhoe*, e sòbre a análise de poemas contidos em uma antologia que, pelo seu título, deveria conter poesias de cunho nacionalista, evocando a mãe pátria. Aliás, também o romance de Sir Walter Scott, que tratava de feitos históricos da nação inglesa na Idade Média, parece dever sua inclusão nesta prova aos feitos dos nobres cavaleiros ingleses que tentavam devolver o trono inglês a Ricardo, “Coração de Leão”.

A classificação obtida na prova de inglês, cinqüenta e nove vírgula três por cento, não é tão boa quanto se poderia desejar. O poeta não parece dedicar-se ainda ao estudo da literatura inglesa com aquêlê afinco que caracteriza seus estudos posteriores. Como confessa a José de Castro Osório, a obra que mais o encantou durante esta época (sua infância e primeira adolescência)⁶³ foram os *Pickwick Papers* de Charles Dickens.⁶⁴ Os livros precristos para êste exame podem não ter interessado ao poeta como a obra de Dickens.

(61) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 5 de novembro de 1965. Vide apêndice II.

(62) Vide *infra*, capítulo III.

(63) Simões, *Vida e Obra*, I, pp. 49-50; 53. Quando Gaspar Simões afirma que o poeta não teve infância em Durban despreza, a fim de provar a tese do desprendimento entre Fernando Pessoa e a mãe, casada com outro homem, a própria afirmação do poeta contida na carta a José Osório de Oliveira, fato já apontado por Eduardo Freitas da Costa (*Fernando Pessoa, op. cit.*, pp. 39-41). Também nos quer parecer que a primeira adolescência de Fernando Pessoa começa no momento em que se matricula na *Durban High School* em abril de 1899.

(64) Fernando Pessoa, “Carta a José Osório de Oliveira”, *Páginas de Doutrina Estética*, seleção, preparação e notas de Jorge de Sena (Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1946), p. 298.

Aproveitamento nas restantes matérias — As demais disciplinas em que Fernando Pessoa prestou exame correspondem àquelas que haviam sido estudadas pelo poeta na *Form II-A*, conforme a fôlha oficial de informação escolar apresentada no livro *Obra Poética de Fernando Pessoa*.⁶⁵ A classificação mais alta que o jovem estudante obteve foi em latim, demonstrando a eficácia dos ensinamentos do *Headmaster* W. H. Nicholas. Comparando as notas obtidas no exame com aquelas da *Form II-A*, notamos que as disciplinas em que o poeta se distinguira dois anos antes são aquelas em que melhor se classifica no exame. Sòmente em francês e álgebra parece ter havido um enorme progresso, pois a classificação obtida na *Form II-A* nessas duas matérias não prediz a distinção que Fernando Pessoa nelas viria obter no *Cape School Higher Examination*.

Êsse exame parece ter sido, não um “Exame de aptidão para a freqüência do curso secundário pròpriamente dito”, como declara o crítico João Gaspar Simões,⁶⁶ mas sim uma espécie de exame de término do ciclo. Êle era prestado por alunos que freqüentavam a *Form IV*, com quinze anos de idade, quando seria um pouco tarde para dar entrada no ensino médio. Além disso, referindo-nos novamente ao gráfico apresentado à página dezoito, podemos observar que os estudantes de Durban davam entrada na *Form I* aos doze anos, quando não o faziam antes, aos nove. Mesmo nos casos em que o aluno permanecia no ensino primário até ao término da *Form I* ou *Standard 5*, o limite da idade com que davam entrada no *High School* era treze anos. Notemos também que as duas séries seguintes, a *Form V* e *VI*, eram geralmente aquelas em que o aluno prestava respectivamente o exame de admissão e o exame intermédio. Se analisarmos o título pelo qual o exame era conhecido, *The School Higher Certificate Examination*, podemos discernir que *school higher* corresponde a *high school* e que portanto o certificado obtido pela aprovação nesse exame era um certificado de conclusão do curso do liceu. Ê bem verdade, no entanto, que o educando continuava cursando o grau médio até a *Form VI* e que esta era parte integrante do ensino médio tal como era constituído na

(65) Galhoz, *op. cit.*, reportagem iconográfica. A disciplina *Writing* constante dêste relatório e que não figura entre as que o poeta prestou no exame deveria fazer parte da matéria *English*. Havia opção entre francês e holandês; todavia, o holandês era pouco estudado na época (Hubert Jennings, Carta Particular, 17 de junho de 1965, vide apêndice I).

(66) Simões, *op. cit.*, I, 52.

Durban High School, mas isso se dava, como veremos adiante,⁶⁷ devido ao fato de que não existiam universidades em que o aluno pudesse seguir um curso “em residência”. A Universidade do Cabo da Boa Esperança apenas ministrava os exames externos. Foi portanto com o curso do liceu concluído que Fernando Pessoa partiu para Portugal com sua família em agosto de 1901.⁶⁸

(67) Vide *infra*, capítulo a respeito da Universidade do Cabo da Boa Esperança.

(68) Vide *infra*, pp. 48-49.

II. FORMAÇÃO DO CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO

FERNANDO PESSOA INTERROMPE OS ESTUDOS EM DURBAN

Data da primeira partida para Portugal — Tendo sido aprovado com distinção na *School Higher Certificate Examination*, Fernando Pessoa acompanha sua mãe, padrasto e os filhos do casal em viagem de férias à pátria.¹ De acôrdo com as informações prestadas por João Gaspar Simões no livro a que já nos referimos anteriormente, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, a viagem de regresso a Portugal foi empreendida em agôsto de 1901. Com essa informação coincide a do próprio poeta que, em dados apresentados a Armando Côrtes-Rodrigues, revela ter sido 1 de agôsto de 1901 a data da partida para Portugal:

Neste ano partiu para Durban (Natal, África do Sul), onde permaneceu até 1 de agôsto de 1901. Regressou a Lisboa em 1901, morando em Pedrouços e depois na Avenida de D. Carlos (Avenida das Cortes).²

Esta informação, aliada à de João Gaspar Simões, que a corrobora com os dados relativos à morte da meia-irmã do poeta, Henriqueta Madalena, a 25 de junho de 1901, cujo corpo foi levado para Portugal a bordo do mesmo navio em que viajava a família do Comandante João Miguel Rosa, parece ser de difícil contestação. Além dos endereços das residências onde teria morado o poeta durante êsse “interregno português”, assim chamado por João Gaspar Simões, existem também os dados referentes à viagem que o poeta empreendeu com a família à Ilha Terceira em maio de 1902.³

(1) Simões, *op. cit.*, I, 53. Acompanham Fernando Pessoa “a mãe, o padrasto, a irmã Henriqueta... o irmão Luis Miguel... e o corpo da irmã falecida meses antes.”

(2) *Op. cit.*, p. 123.

(3) João Gaspar Simões, “Cronologia da Vida e da Obra”, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. L (50).

Todavia, no registro escolar do poeta, acima mencionado, existente nos arquivos da *Durban High School*, figura claramente a data de trinta de junho de 1902 como sendo o dia em que Fernando Pessoa interrompe seus estudos a fim de se ausentar para a Europa.⁴ Há ainda na *Durban High School* mais uma referência à partida de Fernando Pessoa para a Europa em 1902. A revista do liceu de Durban no número de abril de 1905 apresenta a relação dos alunos que haviam abandonado a escola no ano anterior. Fernando Pessoa é o primeiro entre os relacionaços:

VI. F. A. Pessoa

Entrou para a escola em abril, 1899. Partiu para a Europa em 1902. Exame de admissão, 1903 (Primeira classe). Reingressou na escola em 1904. Exame Intermédio (Segunda classe), 1904. Membro da Comissão da Revista da D.H.S.⁵

Não sabemos qual foi a fonte de informação em que se baseiam os dados acima apresentados. Poderiam ter sido fornecidos pelo poeta que àquela época ainda se encontrava em Durban ou então, o que é mais provável, a pessoa que os redigiu valeu-se apenas da informação existente no registro da escola. O certo é que em relação a um dos dados o autor achava-se mal informado. Como veremos adiante, o resultado obtido pelo poeta no exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança não foi distinção, *First Class*, mas sim *Third Class*, posição bem inferior.⁶ Este erro, contudo, poderá ser atribuído ao fato de o resultado desse exame ter sido enviado à escola comercial,⁷ não podendo o autor dessas linhas dispor de fonte que pudesse ser consultada diretamente. O algarismo romano VI refere-se à *Form* alcançada por Fernando Pessoa quando saiu da escola. A última linha atesta a participação do poeta na comissão que editava a revista da *Durban High School*.⁸

(4) Vide, *supra*, pp. 23-24.

(5) *Durban High School Magazine*, Abril, 1905, p. 94. Relatado por Hubert Jennings, Carta Particular, 15 de junho de 1965. (Cf. apêndice I).

(6) Vide, *infra*, capítulo dedicado ao Exame de Admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança.

(7) Simões, *op. cit.*, I, 64n. Vide, carta dirigida ao poeta na escola comercial.

(8) Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 102. Fernando Pessoa foi um dos sub-editores da revista da *Durban High School*.

É, pois, de acreditar, já que a data de 1 de agosto de 1901 não pode ser negada, que o diretor da escola errou ao assinalar no registro escolar do poeta a data de sua primeira saída como sendo a de junho de 1902. Aparentemente, o autor da informação na revista da *Durban High School* apenas transcreveu os dados constantes do registro escolar.

FERNANDO PESSOA FREQUENTA A ESCOLA COMERCIAL

Razões do ingresso na escola comercial — Em outubro de 1902 já Fernando Pessoa se encontrava novamente em Durban.⁹ Tinha catorze anos, e se tivesse seguido o curso da *Durban High School* normalmente, isto é, sem pular de série, encontrar-se-ia apenas na *Form III*. Graças, porém, à sua inteligência incomum, Fernando Pessoa já havia completado a *Form IV* e obtido o certificado do ensino secundário, *School Higher Certificate*, no ano anterior, em junho de 1901. Não sabemos se o fato de estar adiantado para a sua idade levou o poeta a não se matricular novamente no liceu de Durban a fim de dar prosseguimento aos seus estudos, preparando-se para o exame de admissão à universidade. De acôrdo com João Gaspar Simões, Fernando Pessoa matricula-se na escola comercial de Durban em outubro de 1902,¹⁰ e aí permanece até obter seu certificado de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança. Não sabemos quais foram as razões que levaram o poeta a trocar seus estudos acadêmicos por um curso de ciência comercialista. João Gaspar Simões adianta a hipótese de terem os seus familiares aconselhado essa mudança¹¹ e Edouard Roditi, que traduziu seus poemas para o inglês e alemão,¹² alvitra que o padraço o tenha “mandado para uma escola comercial de Durban, na esperança de que viesse a ofuscar quaisquer rivais portugueses no utilitário mundo dos negócios anglo-saxónicos...”¹³ Edouard Roditi, quando faz essas afirmações, parece não ter conhecimento das funções diplomáticas do Comandante João

(9) Simões, *op. cit.*, p. 63. Cf. *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues, op. cit.*, p. 123. ‘Partiu para a África em setembro de 1902’.

(10) *Ibid.*

(11) *Ibid.*, p. 64.

(12) Edouard Roditi, “The Several Names of Fernando Pessoa”, *Poetry*, vol. 87, pp. 40-44.

(13) Edouard Roditi, “A Máscara Inglesa de Fernando Pessoa”, *Lustada*, II (dezembro, 1954), p. 90.

Miguel Rosa em Durban. Em vez de ter sido o padrasto a causa dessa decisão, quer-nos parecer que a matrícula na escola comercial seria principalmente devida a duas razões basilares: a primeira é a que sugerimos acima, isto é, o poeta encontrava-se escolarmente muito além dos seus colegas da mesma idade e um curso de contabilidade e comércio prepará-lo-ia para a vida prática, ao mesmo tempo que o amadureceria para prosseguir seus estudos mais tarde, o que realmente veio a acontecer. A educação recebida até a data pelo jovem Fernando Pessoa havia sido essencialmente humanista. Não é de estranhar que o jovem poeta, provávelmente aconselhado pelos seus pais, tentasse obter, através de um curso comercial, conhecimentos de cunho prático, que lhe permitissem ganhar a vida. Na colônia do Natal não havia escolas superiores; seguindo apenas o curso da *Durban High School*, Fernando Pessoa via-se na contingência de ter de abandonar seus estudos mais tarde ou mais cedo, sem ter, contudo, obtido um título universitário que lhe possibilitaria o exercício de uma profissão liberal.

A segunda hipótese que a esta altura formulamo é-nos sugerida pela atividade literária do poeta a esta altura.¹⁴ Fernando Pessoa, ao voltar a Durban, já havia iniciado suas composições poéticas. Em 1901, antes da partida para Portugal, escrevia poesias inglêsas e de 1902 a 1903 “tentou escrever romances em inglês”.¹⁵ É de crer, portanto, que Fernando Pessoa, uma vez senhor do seu talento, decidiu dedicar-se inteiramente a empreendimentos literários nos intervalos dos quais aprendeu a prática do comércio, que, aliás, muito lhe valeria mais tarde, não só na sua profissão de correspondente estrangeiro, como também na direção da *Revista de Comércio e Contabilidade*.¹⁶

Não é pois desmedido acreditar que Fernando Pessoa resolvesse tirar partido do seu adiantamento escolar, matriculando-se na escola comercial, ou que resolvesse dedicar-se exclusivamente a sua já acentuada inclinação para a literatura. A aritmética e a geometria, como vimos, não eram o seu forte e estudando por conta própria, Fernando Pessoa poderia concentrar-se por inteiro nas disciplinas de sua predileção — inglês, francês e latim. Esse afastamento do curso regular acadêmico ministrado na *Durban High School* durante o espaço

(14) Vide, segunda parte do presente estudo.

(15) Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, op. cit., p. 128.

(16) Simões, op. cit., p. 64.

de dois anos e meio, período que vai de agosto de 1901 a fevereiro de 1904, custar-lhe-ia caro todavia; Fernando Pessoa, ao dar prosseguimento aos seus estudos acadêmicos, jamais conseguiria repetir a façanha do *School Higher Examination*, quando alcançou o quadragésimo oitavo lugar, classificando-se na *First Class*.

A única prova existente que permite atestar sem dúvida que Fernando Pessoa frequentou de fato a *Commercial School* de Durban, é a notificação feita ao poeta pela secretaria da Universidade do Cabo da Boa Esperança em que se lhe comunica a obtenção do prêmio cognominado *The Queen Victoria Memorial Prize*, atribuído ao melhor ensaio de estilo inglês.¹⁷ Essa comunicação é-lhe endereçada para a *Commercial School*, pois havia sido através desta escola que Fernando Pessoa se candidatara ao exame. Pelo ofício que nos foi enviado pela *Joint Matriculation Board* pode ser confirmada esta informação de João Gaspar Simões:

“Em novembro de 1903 classificou-se na *Terceira Classe* no Exame de Admissão feito na Escola Comercial de Durban.”¹⁸

A preposição *na* indica que foi nesta escola que Fernando Pessoa prestou o exame de admissão à universidade também conhecido como o “exame de matrícula”, *Cape Matric*.¹⁹ No entanto, êste fato não comprova que o poeta tenha estudado na escola comercial a partir do seu regresso a Durban em outubro de 1902.²⁰ O exame foi prestado em novembro de

(17) Simões, *op. cit.*, I, 64n.

(18) Ofício de 3 de setembro de 1965. “In November 1903 he qualified for a *Third Class Matriculation Certificate* at the *Commercial School*, Durban...” (Vide apêndice II).

(19) Como é evidente nas referências bibliográficas, o substantivo *matriculation* é usado como verbo na referência à passagem desse exame. Assim *he matriculated in 1900* quer dizer que passou o exame de admissão em 1900.

(20) Foram baldados nossos esforços para averiguar a data exata da matrícula de Fernando Pessoa na escola comercial. Apoiados na informação de João Gaspar Simões (*op. cit.*, p. 67n) enviamos ofício ao Departamento de Educação de Pretória, que o remeteu ao Departamento de Educação do Natal, pois à época da matrícula do poeta a República do Transvaal — capital, Pretória — estava sob a égide de um outro governo. O Departamento de Educação do Natal, por sua vez, também não possui registro da passagem de Fernando Pessoa pela escola comercial.

1903²¹ e é de crer que o poeta, tendo regressado em outubro de 1902, já no final do ano letivo, não se tivesse matriculado em escola nenhuma, enquanto não resolvia que destino dar à sua vida.

Composição da escola comercial de Durban — O ensino vocacional e técnico na Inglaterra até o século XX “era ministrado em institutos noturnos e politécnicos de tempo parcial”, como declara Nicholas Hans, na obra intitulada *Educação Comparada*.²² Preparavam para as profissões relacionadas com trabalhos de escritório e sòmente em 1901 foi aberta em Londres a primeira escola diurna de artes e ofícios.²³ No entanto, a maior parte da educação técnica e vocacional continua sendo ministrada em institutos ou colégios noturnos.²⁴

Na colônia inglêsa do Natal o panorama educacional do ensino técnico e vocacional era mais ou menos o mesmo. Os cursos técnicos vocacionais eram ministrados em escolas particulares ainda que subvencionadas pelo govêrno e destinavam-se a estudantes que durante o dia militavam em ocupações afins à instrução que à noite recebiam nessas escolas.

A escola comercial freqüentada por Fernando Pessoa era um desses organismos escolares. No relatório do inspetor do distrito do litoral incluído ao final do relatório do superintendente para a Colônia do Natal relativo ao ano de 1902 aparecem os seguintes dados na secção pertinente às escolas subvencionadas pelo govêrno:

Noturno: Escola Comercial, London Chambers,
Diretor: Dr. C. H. Haggar
(Nota de rodapé esclarece que era uma escola criada naquele ano)²⁵

-
- (21) O mês em que Fernando Pessoa prestou o exame de admissão foi novembro e não dezembro como é apontado por João Gaspar Simões. Vide *Idem, Vida e Obra, op. cit.*, I, 65, e 67n, e 303. *Idem* “Cronologia da Vida e da Obra”, *Fernando Pessoa: Obra Poética, op. cit.*, p. L.
- (22) Nicholas Hans, *Educação Comparada*, trad. José Severo de Camargo Pereira (São Paulo: Companhia Editôra Nacional, 1961), p. 336.
- (23) *Ibid.*
- (24) *Ibid.*
- (25) “Night: Commercial Classes, London Chambers, Head Teacher, Dr. C. H. Haggar. (A footnote explains that an indicates ‘new School’.) “Government Aided-School”, *Report of the Superintendent of Education, Natal: 1902*. Citado por Jennings, Carta Particular de 5 de setembro de 1965 (Vide apêndice I).

Em 1903 a mesma descrição é fornecida pelo relatório do superintendente e pelo Almanaque da Colônia do Natal.

A descrição da escola comercial acima transcrita referente aos anos de 1902 e 1903 indica que êsse organismo escolar funcionava apenas à noite. Por conseguinte, Fernando Pessoa, que só poderia ter freqüentado a *Commercial School* durante essa época, pois em 1904 já se encontrava novamente na *Durban High School*, assiste aos cursos ministrados pelo Dr. Haggar durante o período noturno.

No relatório do superintendente referente ao ano de 1904 aparece a transcrição das características da escola comercial, as quais são aplicáveis também aos anos anteriores:

As escolas subvencionadas pelo Govêrno são classificadas em duas secções diferentes, as de grau médio e as de ensino primário. A escola do Sr. Haggar é classificada nesta última categoria.²⁶

Depreende-se, portanto, pela citação acima, que a escola comercial freqüentada por Fernando Pessoa era uma instituição de ensino particular subvencionada pelo govêrno. Para efeito do apoio governamental, a *Commercial School* era classificada como um organismo escolar de nível do ensino primário.

As disciplinas ministradas na *Commercial School* diziam respeito à ciência comercialista. No relatório do superintendente referente ao ano de 1902 existe uma descrição do tipo de aulas ministrado nas escolas comerciais que, como a do Dr. Haggar, funcionavam no período noturno:

O Sr. Bulley ministrava aulas a telegrafistas às têrças e quintas e o Sr. Gordon-Kirby ensinava taquigrafia a empregados de escritório depois do serviço.²⁷

Hubert Jennings, respondendo a uma nossa indagação a respeito das disciplinas ministradas na escola comercial, esclarece-nos:

(26) *Report of the Superintendent, op. cit.* Citado por Jennings, *ibid.* "The Government-Aided Schools are classified into two sections, Secondary and Primary. Mr. Haggar's school is given in the latter category."

(27) *Report of the Superintendent of Education.* "Mr. Bulley gave classes for telegraph boys on Tuesdays and Thursdays and Mr. Gordon-Kirby lessons in shorthand to office workers after hours." (Vide apêndice I)

Essas escolas eram comuns na minha juventude (uma década posterior à juventude de Pessoa) e ensinavam disciplinas, tais como, curso de guarda-livros, “aritmética comercial”, correspondência comercial e taquigrafia...²⁸

FERNANDO PESSOA CANDIDATA-SE AO EXAME DE ADMISSÃO PELA ESCOLA COMERCIAL DE DURBAN

Preparação para o exame de admissão — Quando em novembro de 1903 Fernando Pessoa presta o exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança nas dependências da escola comercial, eram decorridos dois anos e sete meses desde que o poeta abandonara o curso clássico da *Durban High School*. Com efeito, a partir de junho de 1901 até novembro de 1903, não há qualquer indício de que o poeta tivesse estudado noutra escola que não a *Durban Commercial School*. Por outro lado, já vimos que a escola comercial operava apenas no período noturno, o que indica que o poeta dedicava os dias a tarefas que lhe pareciam mais importantes.²⁹

Afora a longa ausência de contato com os estudos clássicos, a inscrição ao exame de admissão através da escola comercial igualmente contribuiu para o resultado pouco satisfatório obtido pelo poeta. Em primeiro lugar, a escola não poderia dar-lhe os conhecimentos de que precisava nas disciplinas de inglês, francês, latim e física:

Podemos afirmar, com absoluta segurança, que Pessoa não poderia ter recebido quaisquer ensinamentos em latim, francês ou física nessa escola; é claro que não haveria na escola comercial um laboratório de ciências.³⁰

Naquela época, quando poucos eram os alunos que prestavam o *Matriculation Examination*, a inscrição de um aluno

(28) Carta de 5 de setembro de 1965. “These commercial schools were fairly common in my youth (a decade later than Pessoa’s) and taught such things as bookkeeping, ‘commercial arithmetic’, business correspondence and shorthand...” Esta citação responde à pergunta de João Gaspar Simões que indaga se haveria “nesse estabelecimento de ensino uma secção de *High School*?” (Simões, *op. cit.*, I, 64. Cf. apêndice I).

(29) Vide o segundo volume de nosso trabalho, em que estudamos a produção literária de Fernando Pessoa na África do Sul.

(30) Jennings, Carta Particular, 21 de julho de 1965. Vide apêndice I. “One can say with fair certainty that Pessoa could not have had instruction in Latin, French or Physics there, and of course there could be no science laboratory there.”

através da escola comercial representava um acontecimento pouco comum.³¹ No ano anterior, 1902, o número de alunos que, provenientes da Colônia do Natal, concorreram ao exame de admissão, montava a cinqüenta e oito, dos quais apenas vinte foram aprovados.³² Entre êsses candidatos achava-se um aluno que concorrera através da *Commercial School*, mas que fôra, contudo, reprovado.³³ A escola comercial, ao que tudo indica, não poderia preparar adequadamente o candidato, pois não ministrava as matérias exigidas. Todavia, ao aceitar um aluno como candidato ao exame de admissão, o diretor da escola assumia o compromisso de prepará-lo a fim de que fôsse bem sucedido. Ora, C. H. Hagggar, apesar dos seus títulos em filosofia e teologia, especializara-se no ensino de disciplinas da técnica comercialista; tendo em vista o resultado alcançado por Fernando Pessoa e a sua já provada inteligência que por certo reagiria da melhor forma à instrução de Hagggar, é de crer que a capacidade do orientador do poeta deixasse muito a desejar.

Fernando Pessoa preparava-se, portanto, para o exame de admissão durante o dia e à noite assistia aos cursos de técnica comercialista na escola comercial. O diretor da escola, Hagggar, poderia ter tido tempo (ou talvez até mesmo a capacidade) para ajudá-lo com as disciplinas prescritas para o exame. No entanto, a julgar pelo resultado obtido pelo poeta nesse exame, a orientação do Sr. Hagggar não parece ter sido muito eficaz.³⁴

Quaisquer que tivessem sido as razões que levaram o poeta a abandonar o curso regular da *Durban High School*, o fato é que essa mudança custar-lhe-ia caro. Ao decidir, não se pode precisar quando, ingressar novamente no sistema aca-

(31) Em 1904 quatorze alunos da *Durban High School* preparavam-se para prestar o *Matriculation Examination* (*Durban High School Magazine*, IV, p. 68. Cf. apêndice I)

(32) Jennings, Carta Particular, 12 de setembro de 1965. (Vide apêndice I).

(33) "Summary of Matriculation", *Report of the Superintendent of Education*, p. 13. Na esperança de averiguar se Fernando Pessoa se matriculara na escola comercial em 1902 indagamos a Hubert Jennings que a êste respeito entrara em contato com o *Joint Matriculation Board* em Pretória, se êsse candidato poderia ter sido Pessoa. A resposta daquele órgão, contudo, indica que o aluno reprovado não era Pessoa, mas sim Hugh Clifford Sink (Vide apêndice I, Carta de 16 de outubro de 1965).

(34) Jennings, Carta Particular, 5 de setembro de 1965 (Vide apêndice I). "Pessoa was therefore studying for matriculation, and at the same time taking a commercial course in the evenings. Hagggar may have had time (and perhaps the ability) to assist him in the academic course, but not to any great extent, judging from the marks Pessoa obtained."

dêmico de ensino da África do Sul depois de bem sucedido no exame de admissão à Universidade do Cabo, não consegue refazer-se do longo período em que ficara ausente do estudo das disciplinas acadêmicas. Os ensinamentos que recebe na escola comercial, muito embora o tivessem enormemente ajudado na sua profissão de correspondente estrangeiro em Lisboa e na direção da *Revista de Comércio e Contabilidade*³⁵, não o preparam para o exame; a orientação do diretor da escola parece ter sido igualmente insuficiente para prepará-lo a essa prova. Assim, como veremos adiante, Fernando Pessoa, ao invés de prosseguir seus estudos na Inglaterra, regressa a Portugal. Em vez de vir a ser um poeta inglês, torna-se, mais tarde, grande poeta em língua portuguesa.

(35) Em 1903, Fernando Pessoa foi o único candidato a concorrer ao exame de admissão pela escola comercial, a qual parece ter prosperado devido a um dos seus alunos (Pessoa) ter obtido classificação no exame. (*Joint Matriculation Board, Ofício*, 3 de setembro de 1965. Cf. apêndice II).

III. O MELHOR ENSAIO DE ESTILO INGLÊS

PROGRAMA DOS EXAMES DAS VÁRIAS MATÉRIAS

Regulamento do exame de admissão — Quando Fernando Pessoa prestou o exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança em novembro de 1903, a demarcação entre o ensino secundário e o ensino superior na Colônia era menos definida do que em nossos dias. Assim, enquanto hoje o *Matriculation* representa o término do ensino secundário, *Standard X*,¹ naquela época êsse exame era geralmente prestado por alunos que haviam completado a penúltima série do curso secundário, ou seja, a *Form V*. Conquanto não existam dados que nos possibilitem afirmar sem sombra de dúvida que era nesta série que o aluno prestava o exame de admissão, o fato é que a série anterior, a *Form IV*, era assinalada pelo *Cape School Higher Certificate Examinaton* e a série subsequente, a *Form VI*, pelo *Intermediate Examination*, que o aluno prestava no término do curso do liceu. Como já tivemos ocasião de notar ao estudarmos a estrutura da *Durban High School*, os estudos secundários a essa altura não tinham um *status* próprio definido, mas serviam apenas como preparação à universidade. Tanto assim que as escolas não exigiam dos seus alunos provas de fim de ano, nem a permanência em uma certa série durante um ano letivo completo. O importante, quer para fins acadêmicos, quer para fins de colocação nos empregos públicos e particulares, era a classificação obtida nos três exames administrados pela universidade.

A fim de facilitar o trabalho das escolas que habilitavam aos exames, a Universidade do Cabo da Boa Esperança publicava todos os anos um “calendário”, *University Calendar*, contendo o regulamento para os vários exames a serem prestados naquele ano, uma lista das provas exigidas e das obras pelas

(1) *L'éducation dans le monde: organisation et statistique*. (Paris: Unesco, 1955). p. 895.

quais o candidato seria responsável.² A prática de publicar listas de livros, *set books*, orientando os alunos para os exames externos, havia principiado na Universidade de Londres em 1837. De acôrdo com M. L. Clark em seu trabalho *Classical Education in Britain*: “êsses exames tinham os seus ‘livros prescritos’ e edições anotadas davam aos examinandos a ajuda necessária através de notas explicativas.”³

As disciplinas escolhidas por Fernando Pessoa para o exame de admissão realizado em novembro de 1903 foram inglês, francês, latim, álgebra, aritmética e geometria.⁴ O poeta prestou também exame em física, mas os pontos obtidos nessa prova “não foram incluídos no total”.⁵ As provas prestadas por Fernando Pessoa eram, com exceção da de física, obrigatórias. A prova de inglês tinha duas partes de três horas cada. A prova de língua poderia incidir sôbre uma das três línguas modernas: holandês, francês e alemão; ou uma de duas línguas nativas: kafir e sesuto. Fernando Pessoa escolheu francês como língua moderna. Não havia opção nas restantes matérias obrigatórias. Das disciplinas optativas o poeta escolheu física. No regulamento do exame de admissão existe uma alínea que estipula que o candidato que escolher uma das ciências como opção terá que provar que recebeu instrução nessa matéria. Não pudemos estabelecer onde Fernando Pessoa poderia ter recebido os ensinamentos exigidos, pois é quase certo que a escola comercial não tinha física em seu programa. Provavelmente o poeta havia cursado física enquanto aluno do liceu, antes de sua primeira viagem a Portugal. O certo é que a instrução não poderia ter sido muito intensa; dos duzentos e cinqüenta pontos, valor total do exame de física, Fernando Pessoa alcançou apenas quarenta e três. Uma outra alínea do regulamento declara que o candidato que obtivesse menos de vinte por cento em qualquer dos exames optativos não poderia adicionar o resultado dessa prova ao seu total de pontos. Foi êsse um fator que de certo contribuiu para a baixa classificação alcançada por Fernando Pessoa nes-

(2) Vide apêndice II.

(3) *Op. cit.*, p. 94. “These exams had their ‘set books’ and annotated editions gave the boys the necessary help in the way of explanatory notes.”

(4) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 3 de setembro de 1965 (Cf. Apêndice II. Documentos referentes aos exames à Universidade do Cabo).

(5) Simões, *op. cit.*, p. 65n.

te exame.⁶ Como a prova era competitiva, os candidatos que tiveram os pontos alcançados nas matérias optativas incluídos na sua classificação total, levaram vantagem sobre Fernando Pessoa. Mesmo que este alcançasse uma boa percentagem nas disciplinas obrigatórias, o fato de não ter conseguido quaisquer pontos nas matérias optativas colocá-lo-ia em posição inferior a seus colegas.

Programa do Exame de Inglês — O exame de inglês que Fernando Pessoa prestou para o exame de admissão de 1903, tal qual o prestado anteriormente para o *Cape School Higher Certificate*,⁷ era considerado *Higher Grade*:

Cito também os programas das provas do exame de *English Higher* para o exame de admissão realizado em 1903.⁸

Parece isso indicar que havia vários exames de inglês que os candidatos poderiam escolher. Naturalmente, visto os exames de admissão testarem igualmente a aptidão a cargos públicos, o exame *higher grade* destinava-se a alunos que tencionavam seguir um curso universitário. O exame de inglês prestado por Fernando Pessoa, *English Higher Grade*, dividia-se em duas partes iguais de três horas cada.⁹ A primeira parte versava o conhecimento de língua inglesa e a segunda a análise e interpretação de duas obras literárias, uma em prosa e outra em verso:

O exame de inglês testará ortografia, gramática (incluindo-se análise léxica, análise sintática e derivação), composição e o conhecimento de duas obras prescritas, uma em prosa e outra em verso. O exame constará de duas provas de duas horas cada. A primeira versará sobre composição, gramática e ortografia e a segunda análise e os livros prescritos.¹⁰

(6) As informações referentes aos exames prestados por Fernando Pessoa à Universidade do Cabo da Boa Esperança encontram-se em sua totalidade em apêndice ao presente estudo (Vide apêndice II).

(7) Vide *supra*, p. 47.

(8) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 5 de novembro de 1965. "I am also quoting the syllabus for English Higher for the Matriculation Examination in 1903". (Cf. apêndice II).

(9) Ofício enviado pelo *Joint Matriculation Board* declara que cada uma das partes tinha a duração de duas horas. Apoiamo-nos, contudo, no "calendário" enviado pela Universidade da Cidade do Cabo (Vide apêndice II).

(10) Vide apêndice II.

As obras literárias nas quais o candidato seria examinado eram as seguintes:

Shakespeare — Henry V
Addison — Selections from the
“The Spectator” (1) — XXIV ¹¹

A prova de língua inglesa testava as aptidões do candidato em ortografia, gramática e composição. A secção de gramática subdividia-se em análise léxica, *analysis*, análise sintática, *parsing*, e derivação de palavras, ou seja, etimologia das palavras. A segunda parte testava o candidato na análise e interpretação da peça “The Life of King Henry the Fifth” de William Shakespeare e dos vinte e quatro primeiros ensaios escritos por Joseph Addison e Richard Steele no periódico intitulado *The Spectator*.

O exame de ortografia, que com a prova de composição e gramática formava o exame de língua inglesa, consistia no seguinte:

O exame de ortografia consistirá em um trecho que inclui erros — o trecho deverá ser reescrito pelo candidato e feitas as necessárias correções.¹²

O candidato deveria, portanto, reescrever o trecho novamente, corrigindo os erros de ortografia nêle contidos.

O QUEEN VICTORIA MEMORIAL PRIZE

A prova de redação — A secção do exame de língua inglesa correspondente à composição dividia-se, por sua vez, também em três partes:

A prova de redação consistirá de um ensaio, paráfrase e exercícios sôbre a correção de sentenças.¹³

(11) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 3 de setembro de 1965.

(12) *Idem*, 5 de novembro de 1965. “The spelling test will be a passage containing errors — the passage to be written out by the candidate with the necessary corrections.” (Vide, apêndice II).

(13) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 5 de novembro de 1965. “Composition will include exercises in correcting sentences, in paraphrasing and in essay writing.” (Cf. apêndice II).

Os candidatos, portanto, eram obrigados a reescrever sentenças, colocando-as em sua ordem sintática e a interpretar trechos escritos de uma certa dificuldade, vertendo-os para uma linguagem comum. E a isso que habitualmente se dá o nome de paráfrase em inglês.¹⁴

A terceira parte da prova de composição constava de um ensaio.

Para o ensaio o candidato escolherá um dos três assuntos previamente estabelecidos. O ensaio terá uma extensão não inferior a uma nem superior a duas laudas do caderno de exame.¹⁵

Os tópicos do ensaio, em número de três, eram publicados pelo *University Calendar*.¹⁶ O candidato selecionava um desses tópicos, desenvolvendo-o numa extensão não inferior a uma nem superior a duas laudas do caderno em que fazia o exame. Segundo informação prestada pelo secretário da *Joint Matriculation Board* relativa à composição da nota de exame de inglês, a parte de língua tinha um valor de cento e setenta pontos e a parte de literatura de cento e trinta.

A distribuição das notas em cada uma das secções da prova de inglês era a seguinte:

Primeira Parte:	Ortografia	30
	Redação	90
	Gramática	50
Segunda Parte:	Livros Prescritos	130
		<hr/>
		300 ¹⁷

Ora, se a parte relativa à composição representava um valor total de noventa pontos, ou seja, cinqüenta e três por cento do total de pontos atribuídos à parte de língua (170) e se a duração dessa parte era de três horas, verificamos que cinqüenta e três por cento significa que o prazo atribuído pelos examinadores à secção de composição era de uma hora e trinta e cinco minutos, pouco mais de uma hora e meia. Já

(14) Vide apêndice II.

(15) "For the essay, candidates will be required to select one of the three given subjects. The essay should not occupy less than one and not more than two pages of the answer book." (Vide apêndice II).

(16) Cf. apêndice II.

(17) Cópia do ofício de 3 de setembro de 1965 enviado pelo *Joint Matriculation Board* ao Sr. Hubert Jennings e por éste gentilmente cedido. (Vide apêndice II).

que a secção de composição era formada, além do ensaio, de exercícios acêrca do arranjo sintático de sentenças e de paráfrase, não nos parece estarmos longe da verdade ao afirmarmos que o ensaio com o qual Fernando Pessoa conquistou o “Prêmio Rainha Vitória”, que tinha a extensão de duas laudas aproximadamente, deveria ter tido o prazo de uma hora para sua realização.

O tópico do ensaio escrito por Fernando Pessoa — A prova patente do incomum talento literário e da genial inteligência de Fernando Pessoa foi, sem dúvida, enquanto estudante em África, demonstrada pela obtenção do “Prêmio Rainha Vitória”, atribuído ao melhor ensaio de estilo inglês no exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança realizado em novembro de 1903.¹⁸ Por ser o ensaio escrito numa língua que não era a sua e a qual, acreditamos, desconhecia completamente sete anos antes, o prêmio que lhe foi conferido evidencia, não só a familiarização indiscutível de Fernando Pessoa com a língua inglesa,¹⁹ para a qual, além dos estudos, tentativas de elaborar romances por certo muito contribuíram, mas também, indiscutivelmente, o grau de imersão do poeta na vida cultural inglesa, manifesta através do ambiente singularmente britânico da Colônia do Natal. O seu ensaio foi considerado pelos examinadores o melhor entre os dos 899 candidatos²⁰ e difícil seria supor que a distinção alcançada demonstrasse apenas a virtuosidade do poeta no manejo da língua inglesa. Deveria evidenciar igualmente amadurecimento de idéias e um perfeito contrôle da técnica de elaboração de ensaios, tal como essa técnica se apresenta nos ensaios escritos por Joseph Addison no periódico *The Spectator*, que cons-

(18) Esse prêmio fôra instituído em 1902 e conferido pela primeira vez em 1903 (Pessoa, *Presença*, N.º 17, [dezembro de 1928], citado por Simões, I, p. 65). Fernando Pessoa foi o único aluno da *Durban High School* a obter esse prêmio (Cf. Jennings, *The D.H.S. Story*, op. cit., apêndice II, p. 308).

(19) “Ao seu amigo João Correia de Oliveira, freqüentemente se queixava, nos últimos tempos, de não conseguir dominar a sintaxe de sua própria língua, como dominara a da língua estrangeira, o que descontada a atitude de ‘blague’ e exagêro irônico peculiar a Fernando Pessoa, se pode considerar uma indicação preciosa quanto a certos pormenores da sua expressão que têm sido vistos unicamente à luz da originalidade de processos, mas em que antes se deve assinalar o fenômeno de translação do pensamento de uma para a outra língua.” (Monteiro, *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*, op. cit., p. 26).

(20) Simões, op. cit., I, p. 65. Concorreram ao exame 899 candidatos. (Cf. Monteiro, *Incidências*, op. cit., p. 15).

tava da parte literária do exame de admissão de 1903 à Universidade do Cabo da Boa Esperança.

O ensaio que Fernando Pessoa escreveu, pela sua extensão e pela natureza dos tópicos fornecidos pelos examinadores (publicados no *University Calendar* referente ao exame de 1903) não deveria fugir muito ao padrão estabelecido pelos ensaios de Addison e Steele no periódico *The Spectator*. Os tópicos entre os quais o candidato escolheria o assunto de seu ensaio eram:

- a) Minha concepção do homem e da mulher instruídos.
- b) Superstições comuns.
- c) Jardinagem na África do Sul.²¹

É tentador imaginar o tópico do ensaio que o jovem de quinze anos escolheria para essa prova. Parece quase certo que “Jardinagens na África do Sul” não seria o assunto escolhido. Fernando Pessoa tinha, por certo, outras preocupações além da de observar os lindos jardins que rodeavam as casas de sua cidade adotiva e que sempre foram uma das principais ocupações dos habitantes de Durban. Como diz Armand Guibert: “As ciências naturais não eram o seu forte, uma flor é uma flor e acabou-se.”²²

O mesmo não acontece com os outros dois assuntos a serem escolhidos. Qualquer um deles poderia servir muito bem aos dons expressivos do incipiente poeta. “Superstições comuns”, o segundo tópico, daria margem a um ensaio nos moldes daqueles que Addison escreveu para o *Spectator*. Poderia incluir humor, sátira, crítica à sociedade, enfim, tôdas as características do “ensaio periódico”. Por sua vez, o primeiro tópico seria o mais intelectual dos três assuntos. A dissertação acerca do que seria um homem ou mulher instruídos, segundo a concepção vitoriana, daria margem à expressão de idéias há muito existentes, por certo, na mente do poeta. Em contato com uma cultura estranha à sua é de crer que Fernando Pessoa, se tivesse escolhido êste assunto como tópico do

(21) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 3 de setembro de 1965. “a) My idea of a well-educated man and of a well-educated woman, b) Common Superstitions, c) Gardening in South Africa”. (Vide apêndice II).

(22) Guibert, “O Homem Multiplicado”, *op. cit.*, p. 6.

seu ensaio, evidenciasse uma originalidade de conceitos que outros colegas mais envolvidos na cultura inglesa não poderiam decerto emitir. Ao contrário do segundo tópico, êste assunto exigiria a manifestação de qualidades, tais como individualismo e independência de pensamento, frutos da introspecção que decerto naquela época já caracterizava o jovem Fernando Pessoa. Por essa razão, ousamos acreditar que o tópico do ensaio escolhido deve ter sido êste — “A minha concepção do homem e da mulher instruídos”.^{22a}

Seja como fôr, poderemos apenas especular qual seria o tema escolhido por Fernando Pessoa que lhe mereceu o *Queen Victoria Memorial Prize*. Muito embora fôsse de suma importância averiguar o progresso de Fernando Pessoa, após dois anos e meio de ausência do curso liceal, quando escrevia de moto próprio romances inacabados, o ensaio escrito pelo poeta não se encontra nem nos arquivos da *Joint Matriculation Board*, nem no acervo da Universidade da Cidade do Cabo. No decurso de nossa correspondência com êstes dois organismos sucessores da antiga Universidade do Cabo da Boa Esperança pudemos confirmar as afirmações do crítico João Gaspar Simões.²³ “O ensaio premiado não mais existe”, diz-nos o secretário da *Joint Matriculation Board*.²⁴

Programa do exame de latim — A disciplina de latim era uma das matérias obrigatórias do exame de admissão. Fernando Pessoa era responsável pelo livro primeiro da Guerra Civil de César. O exame compreenderia tradução de trechos da obra prescrita e perguntas acêrca de seu conteúdo. Pontos gramaticais acêrca dos trechos a serem traduzidos compunham o restante da secção do exame de latim que dizia respeito à obra de Júlio César. A segunda parte do exame compreendia tradução para o latim de um trecho à primeira vista e versão de um trecho igualmente desconhecido. O restante desta segunda parte versava exercícios sôbre análise sintática, léxica, declinação, sintaxe e versão de sentenças e frases idiomáticas.

(22a) Afinal estávamos errados. O tópico do ensaio, segundo cópia existente no espólio, revela que o poeta escolhera “Superstições Comuns”.

(23) *Vida e Obra, op. cit.*, Cf. I, p. 66 (Cf. Monteiro, *Incidências, op. cit.*, p. 16).

(24) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 3 de setembro de 1965. (Vide apêndice II).

O APROVEITAMENTO DE FERNANDO PESSOA NO EXAME DE ADMISSÃO À UNIVERSIDADE DO CABO

A nota em “*English Higher*” — Como já tivemos ocasião de apontar no decurso dêste trabalho, o aproveitamento de Fernando Pessoa no exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança, apesar do prêmio obtido pelo melhor ensaio de estilo inglês, não pode ser comparado àquele alcançado no exame para o *Cape School Higher Certificate* realizado em junho de 1901. O ensaio, como já vimos, representava menos de cinqüenta e três por cento (dividia essa porcentagem com exercícios de correção de sentenças e de paráfrase) da nota da parte de língua inglesa que tinha o valor total de cento e setenta pontos. Mesmo que o poeta tivesse obtido o total de pontos atribuído à secção de composição, êle alcançaria somente trinta por cento do total da nota do exame de inglês, sendo que a soma das duas partes equivalia a trezentos pontos. Foi a seguinte a classificação por pontos de Fernando Pessoa no exame de admissão (valem-no da transcrição de João Gaspar Simões de uma carta da *Joint Matriculation Board* ao Dr. Guilherme de Castilho, àquela época secretário da delegação portuguesa em Pretória).²⁵

Inglês	186/300
Francês	124/200
Latim	162/300
Matemática	252/600

Fernando Pessoa conseguiu, portanto, sessenta e dois por cento no exame de inglês. São as seguintes as percentagens alcançadas pelo poeta, segundo ofício que nos foi enviado pela *Joint Matriculation Board*.²⁶

English Higher Grade	62%
French	62%
Latin	54%

(25) Simões, *op. cit.*, I, 65n.

(26) Em cópia do ofício enviado pela *Joint Matriculation Board* a Hubert Jennings e que nos foi por êste senhor gentilmente remetida, há uma alusão ao fato de o conselho daquele organismo ter aprovado em uma recente reunião a divulgação das percentagens alcançadas por Fernando Pessoa no exame. “At its recent meeting the Joint Matriculation Board approved that the actual percentages may be disclosed”. (Ofício de 16 de julho de 1965, Cf. apêndice II).

Arithmetic	78%
Algebra	34%
Geometry	33% ²⁷

É na disciplina latim que a carência dos ensinamentos do *Headmaster* Nicholas é mais flagrante. Fernando Pessoa obteve nessa prova cento e sessenta e dois pontos de um total possível de trezentos, apenas pouco mais da metade, ou seja, a percentagem de cinquenta e quatro por cento. No *Cape School Higher*, enquanto estudava latim no liceu dirigido por Nicholas, a percentagem alcançada fôra a de oitenta e oito vírgula seis por cento, aliás a mais alta classificação obtida por Fernando Pessoa em qualquer matérias dos três exames realizados à Universidade do Cabo. Decididamente a ausência de contato com Nicholas não lhe foi benéfica e Haggar não pudera substituir o excelente professor de latim da *Durban High School*.

A obtenção do prêmio pelo ensaio de estilo inglês viria representar uma maior conquista para o futuro de Fernando Pessoa do que se tivesse obtido uma melhor classificação. Reconhecidos assim seus dotes literários, o poeta decide reencetar seus estudos acadêmicos. O prêmio incita-lhe também a ânsia de escrever e durante sua estada no liceu no ano seguinte, Fernando Pessoa dá à estampa a única composição que se conhece escrita durante sua residência em África. É o ensaio a respeito de Macaulay, o qual estudaremos adiante. Sem embargo, a obtenção do prêmio pelo ensaio de estilo inglês é um feito notável para um rapaz há pouco chegado a terras inglesas. Muito deveria Pessoa ter sido respeitado por essa notável realização. É nessa época que principia a lenda que seguirá o poeta por toda a sua vida. Os outros não compreendem a complexidade de sua personalidade e dão-lhe rótulos que nem sempre são verdadeiros. Na revista do liceu de abril de 1905 uma referência ao poeta, que acabara de sair da escola dessa vez para sempre, atribui-lhe distinção, *First Class*, no exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança.²⁸ Clifford Geerdts igualmente acha que a classificação de Fernando

(27) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 3 de setembro de 1965. (Vide apêndice II).

(28) *The Durban High School Magazine*, IV (Abril, 1965), p. 94. Citado por Hubert Jennings, Carta Particular de 15 de junho de 1965. (Vide apêndice I).

Pessoa no exame de admissão fôra muito superior à sua.²⁹ Na realidade, já que dezenove candidatos foram classificados na primeira classe e cento e sessenta e cinco na segunda,³⁰ o poeta fôra classificado algures após o centésimo octagésimo quarto colocado.

É, pois, senhor do reconhecimento que lhe é prestado por seu talento literário que Fernando Pessoa prossegue seus estudos. A percentagem que Fernando Pessoa obteve no exame de inglês foi acima daquela exigida para o ingresso na primeira classe, *First Class*, que é de sessenta por cento. Tivesse o jovem estudante obtido classificação semelhante nas outras disciplinas e essa distinção lhe seria assegurada. Contudo, muito embora a percentagem obtida nas disciplinas de francês e aritmética fôsse igualmente superior a sessenta por cento, nas demais ela decaiu de tal maneira que a percentagem geral obtida é a de cinqüenta e dois por cento e, por conseguinte, Fernando Pessoa é colocado na terceira classe. Atesta-o o secretário da *Joint Matriculation Board* ao relatar-nos em ofício de 3 de setembro: "In November 1903 he qualified for a *Third Class Matriculation Certificate* . . ." ³¹

Aproveitamento nas restantes matérias — Afora o exame de física que não foi computado na nota, as disciplinas em que Fernando Pessoa obteve a mais baixa classificação foram Álgebra, Geometria e Latim. Conquanto a disciplina de Aritmética tivesse sido provávelmente uma das matérias estudadas na escola comercial, Geometria e Álgebra não devem ter feito parte do programa dessa escola. Assim, sem orientação eficaz ou contato direto com curso acadêmico regular, Fernando Pessoa obtém apenas trinta e quatro por cento em álgebra e trinta e três por cento em geometria. No exame anterior, o *Cape School Higher*, o poeta obtivera em álgebra sessenta e oito por cento e em geometria quarenta e sete por cento. É bem verdade que seus pendores literários cada vez mais definidos não devem ter ajudado a despertar o interesse (e, por conseguinte, o estudo) do poeta por essas matérias, tão diametralmente opostas à literatura. Contudo, não deixa de se fazer notar a falta de contato com os professôres da *Durban High School*.

(29) Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 103.

(30) Simões, *op. cit.*, p. 65n.

(31) *Joint Matriculation Board*, Ofício de 3 de setembro de 1965. (Cf. apêndice II).

Doravante, sua vocação se sobrepõe a quaisquer outros interesses. Fernando Pessoa, depois do exame de admissão à Universidade do Cabo, encontrou realmente o seu caminho. É a partir desta data que as obras lidas para os exames coincidem com as influências literárias reconhecidas pelo poeta anos mais tarde. Depois do prêmio que lhe foi conferido pelo melhor ensaio de estilo inglês, a educação inglesa de Fernando Pessoa atua definidamente na sua formação artística.³²

(32) Vide na transcrição do *University Calendar* incluído em apêndice a prova da obtenção do Prêmio Rainha Vitória por Fernando Pessoa, assim como o registro de sua obtenção do certificado pelo exame de admissão.

IV. FERNANDO PESSOA NÃO FREQUENTOU A UNIVERSIDADE DO CABO DA BOA ESPERANÇA

ESTRUTURA DA UNIVERSIDADE

O ensino superior antes da criação da universidade — O ensino universitário na África do Sul principiou com a criação em 1829 da *South African College* na Cidade do Cabo.¹ Durante o espaço de vinte anos foi êsse o único estabelecimento de ensino superior na Colônia. Contudo, em 1849, a *Diocesan College*, também na Cidade do Cabo, foi criada, seguindo-se-lhe logo depois *St. Andrews*, em Grahamstown, 1855, e a *Grey College*, em Bloemfontein, instituída em 1855.²

Êsses estabelecimentos de ensino formavam com as escolas de grau médio a rede escolar de ensino superior na Colônia. O termo *higher education* (ensino superior) significava na época tanto aquêlê ministrado nas universidades como nos estabelecimentos de ensino secundário.

Ensino superior: termo aplicável ao mesmo tempo ao ensino de nível médio e ao de nível superior antes do Ato Educacional de 1944.³

Por sua vez os *colleges* podiam ser instituições de ensino médio ou superior, sendo que neste último caso não podiam conferir títulos universitários.

Colégio: a partir da Idade Média êste termo passou a ser usado mais especificamente em referência a instituições de ensino médio e superior; assim, *Winchester College* e *Eton College* são de nível secundário e os colégios em Oxford e

(1) *Encyclopaedia Britannica* (1958), XXII, 872.

(2) *Ibid.*

(3) "*Higher education*: prior to the Education Act, 1944, a general term for the education provided in the secondary schools and universities." *Dictionary of Education*, ed. por Carter U. Good. (New York: McGraw-Hill Book Co., 1959), p. 628.

Cambridge de nível superior; os colégios não tinham o direito de conferir títulos universitários.⁴

As citações acima referem-se ao sistema escolar da Inglaterra, mas queremos crer que na Colônia do Cabo a situação do ensino tivesse sido semelhante à da metrópole.⁵ É o que se depreende do fato de o companheiro de Fernando Pessoa, J. M. Ormond, ter prestado o exame *Intermediate* pela *South African College*, enquanto outros alunos faziam essa mesma prova pela *Durban High School*.⁶ Portanto, ambas as instituições ministravam cursos que preparavam para esses exames, o que quer dizer que se a *South African College* era um estabelecimento de ensino superior, a *Durban High School* não poderia deixar de sê-lo também, pelo menos nas últimas séries de seu curso.

Criação da Universidade do Cabo — Visto essas instituições não poderem conferir títulos universitários, fazia-se necessária a criação de uma universidade, e, de fato, em 1873 foi instituída na Cidade do Cabo a Universidade do Cabo da Boa Esperança, quarenta e quatro anos após a fundação da *South African College* e sete anos depois da instituição da *Durban High School*.⁷

Em 1858, foi estabelecida, principalmente para examinar candidatos a cargos públicos, uma banca de examinadores de literatura e ciência, que dentro em pouco começou a ministrar exames, não diferentes daqueles para diplomas universitários. Isto estimulou muito o trabalho dos *colleges*,

-
- (4) *College*: from the Middle Ages on, the term began to be applied more specifically to institutions for secondary or higher education, for example, Winchester College and Eton College at the secondary level and the Colleges at Oxford and Cambridge at the higher level; does not have degree-conferring powers. *Ibid.*, p. 624.
 - (5) Hubert Jennings, Carta Particular, 17 de agosto de 1965. "O sistema de notas na África do Sul (baseado no da Inglaterra) deve parecer-lhe complicado." (Cf. apêndice I).
 - (6) J. M. Ormond, de acôrdo com João Gaspar Simões, (*op. cit.*, I, p. 67), foi companheiro de Pessoa na escola comercial. No entanto, à época que o poeta freqüentava essa escola, J. M. Ormond, segundo o registro de sua passagem pela *Durban High School* (1898-1901), prestava o exame intermédio na Cidade do Cabo (1902). Quer-nos parecer que a amizade entre Ormond e Pessoa data possivelmente do tempo da passagem de ambos pelo Liceu de Durban. (Hubert Jennings, Carta Particular, 15 de junho de 1965).
 - (7) A *Durban High School* foi fundada a 1 de junho de 1866. (Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 24).

e numa seqüência natural a Universidade do Cabo da Boa Esperança, uma junta examinadora e outorgadora de diplomas, tomou o lugar da banca em 1873.⁸

Pela citação acima depreende-se que a função principal dos *colleges* existentes antes da criação da Universidade do Cabo era a de preparar candidatos para cargos públicos, já que lhes era negada a outorga de diplomas universitários. Uma Junta Central de examinadores julgava, como vimos, as provas dos candidatos. Por conseguinte, a fim de preparar adequadamente os alunos os exames realizados pela junta examinadora, os programas dos *colleges* e *high schools*, subentende-se, eram uniformizados de acôrdo com as exigências estabelecidas pela Junta. É de crer, além disso, que uma natural elevação do nível de ensino tivesse ocorrido após a organização desses exames centrais. O caráter impessoal e independente da Junta faziam com que êsse organismo agisse como uma agência controladora do ensino ministrado nas escolas preparatórias. Estas, por sua vez, deveriam empenhar-se na preparação dos candidatos a fim de que êstes, através das classificações obtidas, testemunhassem a excelência do ensino por elas fornecido.

Características dos exames externos — Os exames ministrados a alunos oriundos de um outra instituição pela Junta Examinadora e, depois da fundação da Universidade do Cabo da Boa Esperança, por esta instituição de ensino, denominavam-se “exames externos”. A origem dessas provas remonta, como as demais características principais do ensino na Colônia do Cabo, ao ensino na Inglaterra, especialmente àquele peculiar à Universidade de Londres, instituição que, com sua tradição de exames externos, serviu de padrão à criação da Universidade do Cabo.

Desde essa data (1858) Londres confere duas espécies de títulos universitários, *internal*, aos membros da universidade e *external* a qualquer pessoa que passe os exames por ela ministrados, quer sejam membros de uma instituição de ensino ou alunos particulares.⁹

-
- (8) *Encyclopaedia Britannica* (1951), XXII, 872. “In 1858 there was established primarily to examine candidates for public appointments, a board of examiners in literature and science, which shortly began to conduct examinations, not unlike those for university degrees. This greatly stimulated the work of the colleges, and by a natural sequence the University of the Cape of Good Hope, an examining and degree granting body, took the place of the board in 1873.”
- (9) *Encyclopaedia Britannica*, *ibid.*, p. 871. “Since that date (1858) London has awarded two kinds of degrees, *internal*, to members of the university and *external* to anyone else passing its examinations, whether members of an educational institution or private students.”

Fundada em 1811,¹⁰ a Universidade de Londres administrava, portanto, exames a alunos vindos das faculdades que a constituíam (mas que não outorgavam diplomas) e àqueles oriundos dos países da comunidade britânica:

Um organismo que examina e confere títulos universitários às escolas que o constituem e a alunos 'externos' oriundos de tôdas as partes da Inglaterra e do Império Britânico, cujas instituições não possuem autorização para conferir títulos universitários.¹¹

De 1873 até 1916 a Universidade do Cabo da Boa Esperança foi o único estabelecimento universitário, primeiramente na Colônia do Cabo, e de 1910 (data da independência da colônia) a 1916 em tôda África do Sul.¹² Em 1916, porém, outras universidades foram instituídas na União Sul Africana:

Depois de longos debates sôbre a substituição das universidades que também ensinasse, o Parlamento Sul Africano em 1916 aprovou três atos pelos quais a Universidade do Cabo da Boa Esperança se tornou a Universidade da África do Sul com sede em Pretória; a *South African College* se transformou na Universidade da Cidade do Cabo e a *Victoria College* em Stellenbosch, na Universidade de Stellenbosch.¹³

O que motivou a legislação criando outros organismos de ensino superior no país foi, como se depreende pela citação acima, a necessidade de substituir a Universidade do Cabo da Boa Esperança, que apenas ministrava exames, por outras universidades que lecionassem cursos regulares a alunos devidamente matriculados.

A tradição, oriunda da Inglaterra, de universidades que ministram exames externos a alunos vindos de outras instituições continua a ser preservada na África do Sul hoje em dia

(10) Clark, *op. cit.*, p. 131.

(11) Moehlman & Roucek, *op. cit.*, p. 134. "...an examination and degree-granting body, for these constituent schools and for 'external' students from all over England and overseas whose home schools do not enjoy the degree-granting privilege." (Cf. Nicholas Hans, *op. cit.*, pp. 338-9).

(12) Hubert Jennings, Carta Particular, 15 de junho de 1965. (Vide apêndice I).

(13) *Encyclopaedia Britannica* (1951), *op. cit.*, XXII, p. 879. "After long discussions on the replacement of examining by universities by teaching ones, the South African Parliament in 1916 passed three acts whereby the University of South Africa with headquarters in Pretoria; the South African College became the University of Capetown, and the Victoria College, Stellenbosch, became the University of Stellenbosch."

através da Universidade da África do Sul em Pretória, sucessora da antiga Universidade do Cabo da Boa Esperança.

A Universidade da África do Sul administra cursos apenas para alunos externos e é um órgão administrador de exames que conduzem à obtenção de títulos universitários por alunos de outras instituições.¹⁴

A estrutura dessa universidade pode ser melhor compreendida através da descrição que dela se faz no trabalho publicado pela Unesco, *L'éducation dans le monde*:

Cette dernière (University of South Africa) s'occupe principalement non pas de dispenser un enseignement, mais de faire passer des examens...¹⁵

A Universidade do Cabo da Boa Esperança, portanto, não dispunha de cursos regulares em suas dependências, nem de professores que os ministrassem; era, portanto, um organismo examinador, isto é, essa instituição testava a aptidão de alunos que freqüentavam outras instituições. Somente à Universidade do Cabo, porém, competia conferir títulos universitários.

A PRESENÇA DE FERNANDO PESSOA NA UNIVERSIDADE

A opinião da crítica — Após prestar o exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança, Fernando Pessoa não entra na universidade. Como atrás expusemos, a Universidade do Cabo não administrava cursos regulares, mas dedicava-se exclusivamente a administrar exames externos a alunos vindos de outras instituições. Foi essa peculiaridade do ensino superior na Colônia do Cabo que contribuiu, decerto, para a perplexidade dos críticos perante a natureza do curso superior seguido por Fernando Pessoa na África do Sul. Os estudiosos que até a data abordaram o problema dividem-se em duas categorias diferentes: uns afirmam que Fernando Pessoa se transferiu para a Cidade do Cabo, sede da Universidade do Cabo da Boa Esperança, tendo feito nessa cidade os cursos ministrados por essa instituição; outros afirmam que

(14) "South Africa", *Encyclopaedia Britannica* (1951), XXI, p. 61. "The University of South Africa conducts courses for external students only and is an examining body for external degrees."

(15) *L'éducation dans le monde: organization et statistiques* (Paris: Unesco, 1955), p. 898.

o poeta cursou a *Form VI* da *Durban High School* como aluno universitário; todavia, a dupla natureza da última série do curso do liceu que servia ao mesmo tempo como curso secundário e superior continua a frustrar, pela sua complexidade, as melhores intenções da crítica pessoana. Estudos mais recentes que adiante mencionamos, continuam afirmando que Fernando Pessoa cursou como aluno regular a Universidade do Cabo.

Os que declaram ter o poeta cursado regularmente a universidade baseiam-se, sem dúvida, na localização da escola na Cidade do Cabo e no fato incontestável de ter sido êsse o único organismo de ensino superior na então Colônia do Cabo. Edouard Roditi, crítico poliglota e estudioso da obra de Fernando Pessoa, assinala que o poeta foi “educado em Durban e Capetown”.¹⁶ Jacinto do Prado Coelho, tanto na obra editada sob sua direção, *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*,¹⁷ como em seu trabalho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, descreve a educação na África do Sul como tendo sido realizada em Durban e prosseguida na Universidade do Cabo.¹⁸

Entre os críticos que acreditam que a freqüência de Fernando Pessoa na *Form VI* correspondia a um curso universitário, encontra-se João Gaspar Simões, que estudou mais demoradamente o assunto no capítulo dedicado à educação estrangeira de Fernando Pessoa contido no primeiro volume da biografia do poeta atrás mencionada; nesse trabalho, o crítico chega à conclusão de que o poeta não freqüentara realmente a Universidade do Cabo:

...universidade esta que, para mais abstrata ser, nem sequer exige a sua comparência. Fernando Pessoa foi aluno de uma Universidade inglesa onde nunca pôs os pés — que freqüentou afinal, em puro espírito, *livrescamente*.¹⁹

Já no estudo dedicado ao exame de admissão, Gaspar Simões revelara que

(16) Edouard Roditi, “The Several Masks of Fernando Pessoa”, *Poetry*, *op. cit.*, p. 44. Este crítico divulgou a obra de Fernando Pessoa nos países de língua inglesa e alemã (Cf. Lind, *Traduzindo Fernando Pessoa*, *loc. cit.*).

(17) Jacinto do Prado Coelho (ed.), *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega* (Lisboa: Biblioteca Luso-Brasileira, Ltd., s. d.), p. 605.

(18) *Idem*, *op. cit.*, p. 176.

(19) Simões, *op. cit.*, I, 73.

Na Colônia inglesa do Natal em 1904 a '*matriculation examination*' não pressupunha a frequência da própria Universidade do Cabo da Boa Esperança, único instituto de instrução superior na África do Sul. Fernando Pessoa, ao ingressar, em fevereiro de 1904, na *High School*, fazia-o já como aluno universitário, portanto. O exame de admissão a que é submetido abre-lhe as portas da secção "in Arts" da Universidade inglesa, ou seja o curso equivalente ao da nossa Faculdade de Letras.²⁰

Essa dualidade de *status*, isto é, a posição de Fernando Pessoa como aluno de uma instituição superior ao mesmo tempo que freqüentava o curso do liceu, foi sagazmente apreendida por João Gaspar Simões. Entretanto, o biógrafo de Fernando Pessoa não parece estar familiarizado com o sistema de exames externos peculiares à Universidade de Londres desde há mais de um século e que fazia parte também da estrutura básica da Universidade do Cabo da Boa Esperança. É por isso mesmo que estranha que Fernando Pessoa não houvesse freqüentado realmente a universidade. O que os críticos posteriores a João Gaspar Simões não parecem haver entendido foi que quando o crítico se referia ao "curso na Universidade do Cabo"²¹, referia-se igualmente à última séria do curso do liceu, isto é, da *Durban High School*. Na verdade, em uma outra descrição do problema por êste crítico, páginas adiante, êle afirma:

...pois a sua frequência das cadeiras do primeiro ano de "Artes" da Universidade do Cabo não pode ter deixado de lhe dar a conhecer os grandes poetas gregos —...²²

E numa outra obra, escrita posteriormente e destinada a leitores ingleses,²³ João Gaspar Simões de nôvo declara:

Em inglês fizera os seus primeiros estudos e numa universidade britânica apurara suas faculdades intelectuais.²⁴

Não é pois de admirar que estudiosos como Agostinho da Silva, que coloca Fernando Pessoa num ambiente universitário à

(20) *Ibid.*, p. 65.

(21) *Ibid.*, p. 79.

(22) *Ibid.*, p. 108.

(23) João Gaspar Simões, Entrevista Pessoal, junho de 1964. "O trabalho fôra escrito para ser publicado na Inglaterra traduzido pelo poeta Roy Campbell".

(24) Simões, *Fernando Pessoa: Escorço Interpretativo da Sua Vida e Obra*, op. cit., p. 15.

Walter Pater,²⁵ ou Armand Guibert, que declara “ce triomphe scolaire lui ouvrait d’office les portes de l’Université du Cap”,²⁶ tivessem presumido, baseados por certo nas ambíguas declarações de João Gaspar Simões, que Fernando Pessoa freqüentara efetivamente cursos regulares na Universidade do Cabo.

A Form VI como curso universitário — Comentando a afirmação de que Fernando Pessoa freqüentara a Universidade do Cabo, incluída na apresentação da tradução da “Ode Triunfal” pelo tradutor e poeta Armand Guibert, Hubert Jennings declara:

“Armand Guibert declara que Pessoa freqüentou a universidade durante um ano. Não há prova disso em lugar nenhum e é provável que Guibert pensasse que prestar o exame significava freqüentar a universidade.”²⁷

Fica provado, por conseguinte, que Fernando Pessoa não assistiu aos cursos da Universidade do Cabo mesmo porque essa instituição de ensino não ministrava cursos. No entanto, tal como a primeira série do grau médio podia ser feita nas escolas primárias (Fernando Pessoa cursou a *Form I, Standard 5*, na *Convent School*), também o primeiro ano do curso universitário poderia ser realizado nas escolas secundárias ou nos *colleges* existentes na Colônia do Cabo. A única diferença era que após o primeiro ano universitário, os alunos, a fim de prosseguirem o curso superior, transferiam-se para uma universidade da Inglaterra ou então, em alguns casos, continuavam seguindo cursos no liceu ou nos *colleges*. J. M. Ormond, o amigo de Fernando Pessoa que prestara o *Intermediate Examination* no *South African College*, prossegue seus estudos na Universidade de Cambridge e Clifford Geerds, após o *Intermediate*, ingressa na Universidade de Oxford. Por outro lado, E. G. Jansen, um ano depois de ter prestado o *Intermediate* no liceu de Durban, obtém o título de Bacharel em Artes, prestando êsse exame à Universidade do Cabo pela *Durban High School*. Diz-nos Hubert Jennings:

(25) Agostinho da Silva, *Um Fernando Pessoa* (Pôrto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959), pp. 10-11.

(26) Guibert, *op. cit.*, p. 13.

(27) Hubert Jennings, Carta Particular, 17 de junho de 1965. “Armand Guibert states that Pessoa attended the university for one year. There is no evidence anywhere of this and it is probable that Guibert surmised that taking the university exam meant attending the university.” (Cf. apêndice I).

Em alguns casos alguns rapazes até faziam os exames a fim de obter o título final na escola. Um contemporâneo mais velho de Pessoa, E. G. Jansen (mais tarde Governador-Geral da África do Sul) obteve o título B. A. pelo liceu de Durban.²⁸

Segundo informação contida no *Durban High School Magazine* de dezembro, 1904, E. G. Jansen naquele ano trabalhava junto a um escritório de advocacia em Maritzburgo, Messrs. Hathorn and Co., ao mesmo tempo que se preparava para o exame preliminar de Direito a ser realizado em dezembro: "Mr. E. G. Jansen sits for his Cape University Preliminary L. L. B. in december".²⁹ Os dois caminhos que os alunos do curso superior poderiam escolher depois do *Intermediate* a fim de completarem seu curso universitário eram, portanto, o ingresso em uma universidade inglesa ou a prestação dos exames correspondentes à Universidade do Cabo, sendo que a preparação para os exames posteriores ao *Intermediate* era feita individualmente ou, como no caso do curso de Direito de E. G. Jansen, através de estágio em uma organização que fornecesse conhecimentos práticos.

Reportando-nos novamente ao *Intermediate Examination*, informa-nos Hubert Jennings que êsse curso era equivalente ao primeiro ano de um curso universitário hoje em dia.³⁰ No entanto, respondendo a indagação que dirigimos a Clifford Geerdts por intermédio de Hubert Jennings, o colega de Fernando Pessoa informou-nos que na Universidade de Oxford êle foi obrigado a prestar novamente os exames correspondentes ao primeiro ano daquela universidade inglesa, apesar de haver já prestado o *Intermediate* e obtido a mais alta classificação entre os candidatos da Colônia do Natal.³¹ Inferimos por conseguinte, que o curso do liceu de Durban que preparava ao exame intermédio, embora não fôsse reconhecido como equivalente ao primeiro ano de um curso universitário pela tradicional Universidade de Oxford, fazia, no entanto, parte do esquema universitário da colônia e como tal era reconhecido como um curso de grau superior. Assim, enquanto a *Joint*

(28) Jennings, Carta Particular, 15 de junho de 1965. "In a few cases some boys even took their final degree examination at the School. An older contemporary of Pessoa's, E. G. Jansen (afterwards Governor-General of South Africa) took the B. A. degree at the School in 1901."

(29) "Old Boys Notes", *The Durban High School Magazine*, op. cit., p. 73 (Vide apêndice I).

(30) Jennings, Carta Particular, 17 de maio de 1965. (Vide apêndice 5).

(31) *Ibid.*

matriculation Board é a entidade que conserva os documentos referentes ao exame do *Cape School Higher e Matriculation*, a Universidade da África do Sul herdou os arquivos referentes ao *Intermediate* — o exame prestado à Universidade do Cabo da Boa Esperança depois da conclusão da *Form VI*. Ao referir-se a Fernando Pessoa em ofício em que nos presta informações a respeito do aproveitamento do poeta no exame intermediário, o *Registrar* (professor encarregado da secção de registros e matrículas da Universidade da África do Sul) refere-se a Fernando Pessoa como tendo sido aluno da universidade.

Acuso o recebimento de sua carta de 2 de junho em referência ao aluno FERNANDO ANTONIO NOGUEIRA PESSOA, que prestou seus exames como aluno desta universidade, na época denominada Universidade do Cabo da Boa Esperança.³²

Como se vê pela transcrição acima, Fernando Pessoa era ao mesmo tempo aluno da *Durban High School* e da Universidade do Cabo. O exame *Intermediate*, como nos esclarece esse mesmo professor em outro ofício, foi, todavia, prestado em Durban: "He definitely wrote the examination in Durban".³³ Foi em Durban, portanto, mais particularmente na *Durban High School* que Fernando Pessoa seguiu o curso que o habilitou ao *Intermediate Examination*, ministrado pela Universidade do Cabo da Boa Esperança.

A DURBAN HIGH SCHOOL EM 1904

Aproveitamento de Fernando Pessoa na "Form VI" — A fim de preparar-se para o *Intermediate Examination* a ser prestado em fins de 1904, Fernando Pessoa ingressa novamente na *Durban High School* em fevereiro desse mesmo ano.³⁴ No dia vinte recebera, na escola comercial,³⁵ a notícia da

(32) *University of South Africa*, Ofício de 3 de julho de 1965. "I wish to acknowledge receipt of your letter of 2nd June in connection with student FERNANDO ANTONIO NOGUEIRA PESSOA, who took his examinations as a student of this University, at the time known as the University of the Cape of Good Hope." (Vide apêndice II).

(33) *Idem*, Ofício de 9 de setembro de 1965 (Vide apêndice II).

(34) Simões, *op. cit.*, I, 63.

(35) *Ibid.*, p. 64n. Embora de difícil apuração, não seria impossível imaginar, visto a escola comercial em 1904 ainda funcionar somente durante o período noturno, que Fernando Pessoa seguia ainda o curso comercial à noite, ao mesmo tempo que freqüentava o liceu de Durban.

obtenção do Prêmio Rainha Vitória pelo melhor ensaio redigido na prova de inglês do exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança. Como o ano letivo habitualmente principiava em fevereiro, não sabemos se o poeta já se havia matriculado na escola ou se o fez apenas depois de tomar conhecimento do prêmio que lhe fôra outorgado.³⁶ Na *Form VI* encontra os seus antigos colegas de classe, Clifford Geerds,³⁷ Norman Mann e os irmãos Campbell entre outros.³⁸ À testa do liceu continuava ainda o extraordinário *Headmaster* Nicholas.³⁹

A passagem de Fernando Pessoa pela *Form VI* é assinalada pela concessão de mais um prêmio. João Gaspar Simões declara na biografia do poeta:

Em 1904, Fernando Pessoa recebeu ainda um outro prêmio escolar, como refere no seu *Durban High School Record*.⁴⁰

A fonte de informação do biógrafo de Fernando Pessoa só pode ter sido o *curriculum vitae* preenchido mas não enviado pelo poeta, que se destinava a uma história da *Durban High School*, publicada em 1907. É êsse, por certo, o *Durban High School Record* a que se refere João Gaspar Simões. A corroborar essa informação do eminente crítico está o livro que o poeta recebeu como prêmio na *Form VI*, cujo título é incluído na relação de obras em língua inglesa na biblioteca de Fernando Pessoa apresentada por Maria da Encarnação Monteiro:

Johnston (Sir Harry) — *The Nile Quest*. London, Lawrence & Bublén, Ltd., 1903.⁴¹

O livro, tal como os outros recebidos anteriormente, traz a seguinte indicação na parte de dentro da capa:

(36) O poeta soubera que havia sido bem sucedido no exame de admissão em janeiro, visto uma nota incluída na revista da escola esclarecer que em janeiro os resultados dos exames eram conhecidos (*The Durban High School Magazine*, dezembro de 1904, p. 68. Cf. apêndice I).

(37) *Ibid.*

(38) *Ibid.*

(39) *Ibid.*

(40) *Op. cit.*, p. 66n (Vide "The Durban High School Magazine", apêndice I, contra capa).

(41) *Op. cit.*, p. 89.

Government of Natal/Education Department/Durban High School/To F. Pessoa/For Form VI/W. H. Nicholas/Headmaster.⁴²

Graças à relação de livros pertencentes ao poeta apresentada por Maria da Encarnação Monteiro, podemos verificar também seu interesse, enquanto aluno da *Form VI*, pelo prosador vitoriano Thomas Carlyle. Duas obras do grande pensador inglês foram adquiridas por Fernando Pessoa nesta época. Da relação de livros consta *Sartor*, *Resartus* e *Heroes Past and Present*. Na obra encontram-se os seguintes dizeres:

Ass. F. A. N. Pessoa, February, 1904. Com a indicação: Durban High School, Form VI. Muitos sublinhados e algumas observações sobre o estilo de Carlyle e também sobre o gênio.⁴³

Dois meses mais tarde o poeta adquire um trabalho acerca de Thomas Carlyle escrito por John Nichol para a coleção "English Men of Letters". Esta obra é igualmente assinada pelo poeta:

"Ass: F. A. N. Pessoa, April, 1904".⁴⁴

O interesse manifestado por Carlyle é fruto dos ensinamentos da *Form VI*, pois Carlyle, como veremos no capítulo a seguir, fazia parte do programa para a prova de inglês no *Intermediate Examination*.⁴⁵ Como é de esperar, Fernando Pessoa, que a esta altura havia encontrado seu caminho de escritor, foi profundamente influenciado por Thomas Carlyle. Nas notas coligidas por Armando Côrtes-Rodrigues, escritas pelo punho do próprio poeta em 1914, Thomas Carlyle aparece como uma das influências recebidas neste ano de 1904.⁴⁶

(42) *Ibid.* Maria da Encarnação Monteiro, ao colocar a *Form VI* antes do exame de admissão, parece desconhecer o sistema escolar na Colônia do Natal. Esse lapso parece indicar que a autora acreditava ter o poeta, depois dessa série, frequentado a universidade (Vide Monteiro, *Incidências*, *op. cit.*, p. 15).

(43) *Ibid.*

(44) *Ibid.*, p. 94. É curioso notar que ao contrário dos prêmios recebidos em 1889 e 1900, estas obras são assinadas pelo poeta sem a omissão do acento circunflexo. Nos registros da escola em que aparece o nome do poeta o acento é omitido. Somente em 1904, nos livros adquiridos e no ensaio sobre Macaulay, Fernando Pessoa retoma novamente o acento. Não seria talvez descabido supor que o poeta no último ano passado em Durban estaria retomando a sua condição de português, evidenciando, de certa forma, seu propósito de retornar à pátria.

(45) Vide o estudo que adiante fazemos da obra de Carlyle prescrita para o exame intermédio.

(46) *Op. cit.*, p. 129.

Na descrição que se segue da *Durban High School* é nosso intuito apresentar a escola tal como ela era em 1904, no último ano da permanência de Fernando Pessoa em suas dependências. Através de uma foto da escola gentilmente enviada por Hubert Jennings, tentaremos reproduzir o aspecto físico dessa instituição de ensino, assim como, através de dados fornecidos pela revista da escola, *The Durban High School Magazine*, publicada em dezembro de 1904, descrever resumidamente as características principais dessa instituição, principalmente no que diz respeito às atividades extra-curriculares neste ano. A referida revista era publicada quatro vezes por ano: por volta de quinze de abril (dois meses após o início do ano letivo), quinze de junho, quinze de setembro e quinze de dezembro. Por conseguinte, as atividades a que se refere a revista deveriam ter sido desenvolvidas no período que vai do começo de setembro a fins de novembro. Uma advertência contida na revista evidencia que os trabalhos a serem publicados deveriam ser entregues quinze dias antes da data de publicação.⁴⁷

Fotografia da escola em 1904 — Na reportagem iconográfica do presente trabalho incluímos uma fotografia do edifício da *Durban High School* publicada no suplemento de um jornal de 1904, gentilmente enviada, a nosso pedido, por Hubert Jennings. O prédio da escola havia sido inaugurado pelo *Headmaster* Nicholas a cinco de fevereiro de 1895⁴⁸ e ficava situado na Thomas Street nas colinas do bairro Berea, hoje a zona residencial mais importante da cidade.⁴⁹ Como se depreende pela fotografia, o edifício escolar era circundado por densa vegetação. “As árvores recém plantadas que se divisam defronte ao prédio do liceu”, escreve-nos Hubert Jennings, “atingiram proporções gigantescas, tendo desaparecido somente nos últimos dois anos”. Essa exuberante vegetação deu lugar a quarteirões de prédios de apartamentos.⁵⁰ O andar superior do prédio era ocupado pelos dormitórios dos estudantes internos da escola e no rés-do-chão encontravam-se as salas de aula. Os aposentos do *Headmaster* Nicholas eram localizados acima da pequena varanda em forma de um semi-decágono e apare-

(47) *The Durban High School Magazine*, op. cit., p. 78. “All literary matter for the next number of the Magazine must reach the Editor not later than April 1st”. (Cf. apêndice I).

(48) Jennings, *The D.H.S. Story*, op. cit., p. 73.

(49) Vide *supra*, p. 2.

(50) Hubert Jennings, informação contida no verso da foto. “Esse prédio será demolido dentro dos próximos dois anos”. (*Ibid.*).

cem do lado direito da fotografia. A parte inferior da varanda era ocupada pelo gabinete e sala de estudo do diretor da escola.⁵¹ A fotografia da *Durban High School* na reportagem iconográfica do trabalho editado por Maria Aliete Galhoz, *Fernando Pessoa: Obra Poética*, apresenta um outro aspecto do edifício da escola.⁵² Essa foto foi tirada focalizando a parte inferior direita do edifício a qual não aparece nesta fotografia. O ângulo da objetiva da foto incluída no trabalho citado não permite ver toda a extensão do prédio, que conserva, apesar das muitas reformas, a estrutura do edifício onde ainda hoje funciona a *Durban High School*.⁵³

O "*Durban High School Magazine*" de dezembro de 1904 — Na capa da revista da escola publicada em dezembro de 1904⁵⁴ aparece, no canto inferior esquerdo, outra fotografia do edifício do liceu de Durban, que inclui a fachada principal, assim como o lado direito do prédio. Avista-se a bandeira da Inglaterra, *Union Jack*, desfraldada ao vento, pois, a Colônia do Natal pertencia naquela época (e até 1910) ao Império Britânico.⁵⁵ Do lado superior esquerdo da revista nota-se ainda a fotografia do Monte Bluff, a estreita barra que dá acesso ao porto de Durban, ladeada à esquerda por êsse promontório e à direita pelo dedo de terra cognominado *The Point*. Ao centro da capa, sobresposto às fotos acima referidas, aparece o sumário da revista. A importância dos desportos na vida extra-curricular do liceu de Durban é evidente.⁵⁶ A maior parte dos artigos é dedicada ao relato das competições de *cricket* e *rugby*. O primeiro artigo assinado pelo pseudônimo *Verb Sap*⁵⁷ encerra uma crítica à maneira

(51) *Ibid.*

(52) *Op. cit.*, reportagem iconográfica.

(53) Chamamos a atenção do leitor para a planta interna do prédio da *Durban High School* em 1904 constante do trabalho de Hubert Jennings, *The D.H.S. Story, op. cit.*, parte de dentro da capa.

(54) Vide apêndice I, revista da *Durban High School* de dezembro de 1904.

(55) Os meio-irmãos de Fernando Pessoa, por terem nascido em Durban antes de 1910, são súditos britânicos (Eduardo Freitas da Costa, *Fernando Pessoa: Notas a Uma Biografia Romanceada* [Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1951], p. 152).

(56) De acôrdo com informações contida no livro de Hubert Jennings, o diretor Nicholas não enfatizava o desporto no liceu de Durban; maior ênfase era atribuída às conquistas intelectuais dos alunos (Jennings, *The D.H.S. Story, op. cit.*, p. 90).

(57) A maior parte dos artigos e poemas incluídos nas revistas da *Durban High School* são assinados por pseudônimos o que dificulta sobremaneira a identificação de possíveis contribuições de Fernando Pessoa (Jennings, Carta Particular, 6 de dezembro de 1965. Vide apêndice I).

como o *cricket* era jogado na escola. O segundo e último artigo é assinado por F. A. Pessoa.⁵⁸ Trata-se do ensaio a respeito de Macaulay transcrito pela primeira vez no trabalho de Maria da Encarnação Monteiro, *Incidências Ingêlas na Poesia de Fernando Pessoa*, como sendo possivelmente o ensaio premiado no exame de admissão à Universidade do Cabo. Mais adiante estudaremos detalhadamente o ensaio de Macaulay, única contribuição que consta das revistas da escola que pode ser atribuída ao poeta sem sombra de dúvida. É o único trabalho por êle assinado. Da obra de Maria da Encarnação Monteiro consta o testemunho de um antigo aluno da Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo, que afirma ter visto composições poéticas de Fernando Pessoa “no jornal colaborado pelos alunos da ‘Durban High School’”.⁵⁹ Também Charles David Ley num outro opúsculo intitulado *A Inglaterra e os Escritores Portugêses*, citado por Maria da Encarnação Monteiro, afirma: “Os seus primeiros esboços de poesia (dos quais alguns já eram heteronômicos), foram escritos em inglês, no Colégio de Durban”.⁶⁰ No entanto, além do ensaio acêrca de Macaulay assinado pelo poeta, nenhuma outra composição, quer em prosa, quer em verso, aparece nos números da revista publicados entre 1900 (quando foi dado à estampa o primeiro número) e fins de 1904. Hubert Jennings que por nossa solicitação examinou os dezesseis números correspondentes a êste período (é necessário lembrar que de junho de 1901 a fevereiro de 1904 Fernando Pessoa estêve ausente da *Durban High School*) não conseguiu encontrar qualquer composição assinada pelo poeta ou por qualquer um dos seus heterônimos. Em tôdas as revistas consultadas, apenas um poema aparece sob um pseudônimo, “Cam”. Trata-se de uma quadra decididamente infantil⁶¹ e muito embora *Cam* seja o nome de Diogo Cão em inglês (ou talvez uma abreviação de Camões), parece pouco provável, “dada a inferioridade do poema, que seja de autoria de Fernando Pessoa; nem êsse heterônimo, ao que parece, foi usado pelo poeta em qualquer ocasião”.⁶²

Além do ensaio a respeito de Macaulay, nenhuma outra contribuição na revista pode ser atribuída ao poeta. Mas co-

(58) Note-se o acento circunflexo em Pessoa.

(59) *Op. cit.*, p. 16.

(60) *Ibid.*

(61) “A typical schoolboy’s jingle” (Vide apêndice I, Carta de 21 de julho de 1965).

(62) *Ibid.*

mo Fernando Pessoa era um dos editôres da revista, é de crer que tivesse ajudado na elaboração de algumas notas que dela constam. Na verdade, a maior parte do noticiário trata de assuntos esportivos onde, aliás, não se divisa o nome do poeta em quaisquer listas de teams de *cricket* ou *rugby*, como já foi assinalado por Armand Guibert. Apesar da ênfase dada pelo diretor Nicholas a assuntos intelectuais, somente uma charada incluída à página setenta e sete demonstra o alto nível intelectual da escola na época. O concorrente precisaria identificar, com base em uma citação, o nome da personagem shakesperiana que a proferiu. As iniciais de cada personagem identificada dariam, quando lidas em conjunto de cima para baixo, o título de uma peça de William Shakespeare. Quer-nos parecer que Fernando Pessoa deveria ter tido algo que ver com a elaboração dêste teste. Nenhuma outra colaboração na revista parece harmonizar-se tão bem com seus pendores literários.

As atividades extra-curriculares mais importantes da *Durban High School* evidenciadas através de uma leitura minuciosa da revista da escola são as desenvolvidas no campo do desporto pelos quatro clubes, *houses*, que agrupavam os alunos residentes. Êsses clubes eram conhecidos pelo nome de professores da escola: *Belcher's*, *Ballance's*, *Craddock's* e *Wilson's* e correspondiam, pelo que nos é dado apreciar, às atuais *fraternities* nas universidades americanas e inglêsas.

Faziam igualmente parte das atividades extra-curriculares da escola os clubes militares nos quais os alunos recebiam treinamento nas várias armas: exército e marinha. O *Cadets Corps* possuía a sua própria sede, *armory*, e os alunos ocupavam os postos militares desde capitão a cabo. Muitos dêstes mesmos alunos tiveram atuação brilhante na primeira guerra mundial e um número considerável perdeu suas vidas no serviço da pátria.⁶³

Outras atividades extra-curriculares eram assinaladas por concertos e declamação de obras literárias. Na noite de 3 de dezembro de 1904 um concêrto organizado pelo professor de ciências, Mr. Gorst, teve lugar nas dependências do liceu e na noite de catorze de dezembro, o Prof. Belcher leu a sua interpretação de *Christmas Carols* de Charles Dickens.

(63) Jennings, *The D.H.S. Story*, op. cit., *passim*.

Um triste acontecimento assinalado nas páginas da revista da escola foi a morte prematura de Wilfred Arthur Hobley, sobrinho do diretor W. H. Nicholas e o mais popular aluno da *Durban High School*. Wilfred Hobley era capitão dos cadetes, organização militar, e *senior perfect*, a mais cobiçada e distinta posição a que um aluno podia aspirar no liceu de Durban. Não sabemos se a falta dêste colega afetaria a sensibilidade de Fernando Pessoa. A morte não lhe era estranha, pois além de seu pai e irmão, Fernando Pessoa havia perdido em 1901 sua meia-irmã, Madalena Henriqueta. O certo é que as primeiras poesias de Fernando Pessoa fazem alusão a uma morte que parece ter grandemente perturbado o poeta.⁶⁴

* * *

Êste último ano passado na *Durban High School*, quando aos dezesseis anos cursava a *Form VI* (equivalente ao primeiro ano da universidade), foi dos mais fecundos no que diz respeito à assimilação da cultura inglêsa pelo poeta. Os autores estudados faziam agora parte intrínseca de sua formação artística; extra-curricularmente, Fernando Pessoa participava plenamente das atividades intelectuais da escola. O ensaio premiado no exame de admissão abriu-lhe as portas da revista do Liceu de Durban e lá publica o ensaio acêrca de Macaulay.

O exame intermédio, a ser prestado em dezembro daquele ano, possibilitar-lhe-ia, se fôsse bem sucedido, a oportunidade de conquistar a bôlsa de estudos oferecida pelo govêrno da colônia ao estudante que mais se distinguisse nesse exame. Os quatro anos seguintes passá-los-ia o poeta em uma universidade inglêsa de sua escolha. No capítulo seguinte estudaremos a atuação do poeta nesse exame e as razões que o levaram a ausentar-se para Portugal definitivamente.

(64) Vide "Quando Ela Passa", Galhoz (ed.), *Fernando Pessoa: Obra Poética*, op. cit., p. 33; "I could not think of thee as piecéd rot", in Fernando Pessoa, *35 Sonnets* (Lisboa: Monteiro & Cie., 1918); Fernando Pessoa, *Quadras Populares* (Lisboa: Atica, 1965).

V. REGRESSO A PORTUGAL

AS PROVAS DO EXAME INTERMÉDIO

A *Durban High School Magazine* de dezembro de 1904 inclui em seu noticiário uma alusão aos estudantes que se preparavam para prestar os exames à Universidade do Cabo da Boa Esperança.

Ultimamente os exames têm absorvido a atenção dos alunos. Catorze estudam avidamente para o exame de admissão, enquanto dois se preparam para o exame intermédio. Esperamos que os resultados a serem conhecidos em janeiro sejam os melhores.¹

A percentagem de alunos (catorze) que prestavam o exame de admissão, em relação aos que se preparavam para o *Intermediate* (dois alunos) era grande. Isso porque o exame de admissão, como vimos anteriormente, expedia um certificado que habilitava aos cargos públicos da Colônia do Natal. O *Intermediate Examination* destinava-se somente àqueles alunos que pretendiam seguir a universidade e expedia apenas um comprovante de aprovação;² depois desse exame o educando seguia seus estudos na Inglaterra ou então estudava por conta própria, prestando os exames finais à Universidade do Cabo da Boa Esperança no próprio liceu de Durban.

Os dois alunos que se preparavam para prestar o *Intermediate*, referidos na citação acima transcrita, só poderiam ter sido Clifford Geerdts e Fernando Pessoa. No entanto, Geerdts não se lembrava de o poeta haver prestado essa prova. Caso estranho, pois havia apenas dois candidatos e o exame

(1) *The Durban High School Magazine*, *op. cit.*, p. 68. "The air has been very full of Exams lately. Fourteen candidates have been grinding through the Cape Matriculation and a couple through the Intermediate. We hope that the January news of them may be all they could wish for." (Cf. apêndice I).

(2) "O requerente tem o Curso ou Exame Intermédio da Universidade (inglês) do Cabo da Boa Esperança... (Simões, *op. cit.*, II, p. 366).

foi feito nas dependências da *Durban High School*,³ como atesta o ofício que nos foi enviado pela Universidade da África do Sul. Tudo isto, é claro, aconteceu há sessenta e seis anos e não é de estranhar que Clifford Geerds se lembrasse apenas da excelência do poeta e não de suas derrotas. Como veremos adiante, Clifford Geerds foi o contemplado com a *Home Exhibition*.

Através do regulamento constante do *University Calendar* para o ano de 1904⁴ podemos observar a natureza d'êste último exame prestado por Fernando Pessoa, que marca o término da educação regular do poeta na África do Sul. Muito embora não houvesse limite de idade para a prestação desta prova, os prêmios e bôlsas de estudos à disposição da universidade sòmente seriam conferidos aos alunos que não tivessem alcançado ainda a idade de vinte anos; uma outra alínea no regulamento declara que o candidato precisaria ter obtido o certificado do exame de admissão pelo menos um ano antes de se candidatar ao exame intermédio.

Fernando Pessoa, ao contrário de J. M. Ormond que passou o *Intermediate* três anos após haver obtido o certificado do *Matriculation*,⁵ prestou o exame logo após o intervalo mínimo estipulado no regulamento. Com dezesseis anos completos, o poeta antecipou por quatro anos a idade máxima para obtenção das bôlsas e outros prêmios à disposição do conselho universitário do Cabo da Boa Esperança. Clifford Geerds tinha a esta altura dezoito anos.

O exame intermédio era a prova final do curso e aquela para a qual os professores da *Durban High School* dirigiam sua atenção.⁶ O regulamento era publicado no início do ano letivo e através dos livros prescritos e da relação da matéria exigida, os professores preparavam seus alunos para os exames. As provas a serem prestadas se dividiam em compulsórias e optativas. O exame de inglês constava de duas provas rompulsórias. Obrigatórias eram também as provas de latim, matemática, compreendendo álgebra, geometria e trigonometria, e uma ciência física ou natural, *physical or natural science*.

(3) Vide apêndice II.

(4) Vide apêndice II, *Intermediate Examination in Arts*.

(5) Jannings, Carta Particular, 15 de junho de 1965. (Vide apêndice I).

(6) Jennings, Carta Particular, 12 de setembro de 1965. (Cf. apêndice I).

Além das provas compulsórias, Fernando Pessoa escolheu duas matérias optativas. Foram as seguintes as provas prestadas por Fernando Pessoa: física, latim, álgebra e geometria, história, francês e dois exames de inglês.⁷ Examinaremos em seguida o programa das provas das disciplinas em que Fernando Pessoa prestou exame, apoiando nossas considerações nos dados enviados pela Universidade da África do Sul e pela Universidade da Cidade do Cabo.

Não pode haver dúvida quanto à aplicação de Fernando Pessoa nos estudos preparatórios para o exame intermédio. O prêmio obtido quando na *Form VI* parece indicar que o poeta de novo se transformara no melhor aluno da classe. Verificamos, porém, que êsse prêmio demonstra mais a aptidão de Fernando Pessoa nos cursos humanistas da predileção de W. H. Nicholas do que uma excelência em tôdas as matérias que compunham o curso. É o que depreendemos de seu aproveitamento no *Intermediate Examination*. Damos em seguida as percentagens obtidas pelo poeta neste exame, tais como nos foram enviadas pelos atuais dirigentes da Universidade da África do Sul. Ao contrário dos outros dois exames, não nos foi possível obter o valor em pontos de cada matéria; no entanto, são as percentagens que realmente interessam na determinação do aproveitamento do poeta. Os cursos escolhidos por Fernando Pessoa e as notas obtidas foram as seguintes:

Two Courses in English	73%
Latin	65%
Algebra and Geometry	45%
History	63%
French	60%
Physics	65,2% ⁸

O EXAME DE INGLÊS

Tal como no *Cape School Higher Examination* e no *Matriculation*, a prova de inglês se coêmpunha de dois exames diferentes. Assim é assinalado pelo registro existente na Universidade da África do Sul que relaciona “two courses in

(7) *University of South Africa*, Ofício de 3 de julho de 1965. (Vide apêndice II). Subsequentes informações recebidas da Universidade da África do Sul esclarecem que o poeta prestara, de fato, a prova de física.

(8) *University of South Africa*, Ofício de 3 de julho de 1965 e de 14 de fevereiro de 1969 (Vide apêndice II).

English” no exame intermédio e pelo *University Calendar* transcrito em apêndice.⁹ Cada uma das provas de inglês tinha a duração de três horas, equivalendo portanto ao tempo despendido em outras provas constantes do exame. A primeira prova versava sôbre língua e a segunda tratava de literatura; pela distribuição da nota de inglês podemos deduzir a importância de cada uma das partes que compunham êsse exame. O regulamento do exame intermédio insere a seguinte cláusula pertinente à distribuição das notas de exame:

A prova de redação compunha três décimos da nota total do exame; a de história da língua dois décimos; a dos livros prescritos três décimos; e a de história da literatura dois décimos.¹⁰

Pela ordem de importância, portanto, o exame se dividia em quatro partes diferentes. À composição e aos livros prescritos era atribuído o maior pêso; cada uma das provas de história da língua e história da literatura tinha o valor de dois décimos da nota.

A prova de redação versava sôbre um dos quatro tópicos fornecidos ao examinando. O tópico do ensaio não tinha relação com os livros prescritos, segundo advertência feita aos candidatos no regulamento do exame. Como vimos ao analisarmos os tópicos dos ensaios da prova de inglês do exame de admissão, um dos assuntos estava intimamente ligado à obra prescrita, isto é, aos ensaios de Addison e Steele, incluídos na revista *The Spectator*. Eram os seguintes os tópicos do ensaio para o *Intermediate Examination*:

- (1) Eastern and Western Ideals of Civilization
- (2) Proverbs
- (3) The Influence of Climate on Character
- (4) The Pleasures of Idleness¹¹

(9) *University of South Africa*, Ofício de 3 de julho de 1965 (Cf. apêndice II).

(10) Vide, apêndice II. “Of the total marks in English, three-tenths will be assigned to composition, two-tenths to the history of the language, three-tenths to the prescribed works, and two tenths to the history of the literature.”

(11) Vide, apêndice II. (1) O Ideal de Civilização do Oriente e do Ocidente, (2) Provérbios, (3) A Influência do Clima Sôbre a Personalidade, (4) Os Prazeres do Lazer.

Como no exame de admissão, os ensaios ofereciam uma variada seleção de assuntos. O candidato escolheria um tópico entre os apresentados pelos examinadores e discorreria sobre ele durante uma hora e meia. Podemos apenas cogitar quanto ao tópico do ensaio escolhido por Fernando Pessoa. A Universidade da África do Sul não mais possui quaisquer exames da época.

Não há dúvida, porém, que qualquer que tivesse sido o tópico do ensaio elaborado para o exame intermédio, Fernando Pessoa saiu-se bem na prova de redação (não havia qualquer prêmio para o melhor ensaio como acontecia no exame de admissão), o que deve ter contribuído bastante para seu aproveitamento total neste exame.

A segunda prova em importância no exame intermédio era a que dizia respeito aos livros prescritos, *set books*. Repartia com a redação o peso maior atribuído às diversas provas que compunham o exame de inglês. A análise das obras literárias prescritas tinha o valor de três décimos da nota total. Tal como nos dois exames anteriores, as obras incluídas no *Intermediate Examination* se dividiam em uma obra poética e outra em prosa. A obra poética intitulava-se *The Golden Treasury of English Songs*. A obra em prosa dizia respeito à segunda parte do livro *Past and Present* de Thomas Carlyle intitulada "The Ancient Monk".

.. A *Palgrave's Treasury of English Songs* era uma antologia imensamente popular na época vitoriana e, de certa maneira, subserviente aos gostos literários desse período da literatura inglesa desenvolvido à sombra do reinado daquela soberana.¹² A segunda parte da antologia é quase que inteiramente dedicada a Milton. Como afirma Louis Untermeyer que prefaciou a edição da *Modern Library*, "Shakespeare domina a primeira parte, Milton a segunda, Gray a terceira, e Wordsworth a quarta".¹³ Fernando Pessoa seria responsável por poemas contidos nas páginas um a trinta e um e setenta e um a noventa da segunda parte desta antologia. A edição usada para o exame seria a de Bill, publicada pela Mac-

(12) Frances Turner Palgrave, *The Golden Treasury*, introdução de Louis Untermeyer (New York: The Modern Library, 1944), p. XIII. Vide, *Idem*. New York e London: Macmillan and Co., 1898.

(13) Untermeyer, *ibid.*, p. XV.

millan & Co.¹⁴ Eram os seguintes os poemas constantes da prova: De Milton, “Ode on the Morning of Christ’s Nativity”, “Lycidas”, “L’Allegro” e “Il Penseroso” e “At a Solemn Music”; de John Dryden: “Song for St. Cecilia’s Day” e “Alexander’s Feast”. A quinta e sexta pergunta diziam respeito a êsses e outros poemas da antologia. Na quinta pergunta eram fornecidos os títulos do poemas e o candidato precisaria identificar seu autor, expondo, através da citação de alguns versos, o pensamento principal da composição poética. Na sexta pergunta o candidato identificaria o poema do qual a citação fôra tirada, esclarecendo ao mesmo tempo seu significado.¹⁵ É importante assinalar que o grau de assimilação das poesias prescritas teria que ser intenso a fim de possibilitar as respostas às questões enumeradas. Uma pesquisa na antologia de Palgrave pelo leitor interessado leva-lo-á a verificar que a identificação das citações não é tarefa fácil. A quinta pergunta é igualmente complexa. O candidato precisaria ter decorado o poema (êstes não eram extensos) para poder citar trechos que elucidassem os pensamentos nêle contidos.¹⁶

(14) Vide, apêndice II. Confrontando a edição da antologia de Palgrave usada por Fernando Pessoa com a da *Modern Library*, vemos que os poemas prescritos para a prova encontram-se, nesta última edição, entre as páginas que vão de cinqüenta e três a oitenta e quatro e de cento e dezessete a cento e trinta.

(15) Os poemas referentes à quinta e sexta pergunta do exame são indicados seguidamente (fornecemos as páginas correspondentes à edição da *Modern Library*): “How happy is he born and taught” (p. 79); “The glories of our blood and state” (p. 77); “When I consider how my light is spent” (p. 79); “When God at first made man” (p. 81); It is not growing like a tree” (p. 81); “Where the remote Bermudas ride” (p. 128). *Pergunta número seis*: “He nothing common did or mean/upon that memorable scene”. (Horation Ode Upon Cromwell’s Return from Ireland, p. 65). “The repeated air/of sad Electra’s poet”. (When the Assault was Intended to the City, p. 78); “Comes the blind Fury with the abhorréd shears,/And slits the thin-spun life”. (Lycidas, p. 69); “But felt through all this fleshly dress/Bright stones of everlastingness”. (The Retreat, p. 83); “Unsphere/The spirit of Plato, (Il Penseroso, p. 122); “Blest pair of Sirens, pledges of Heaven’s joy,/Sphere-born harmonious sisters, Voice and Verse” (At a Solemn Music, p. 129); “Or what (though rare) of later age/Enobled hath the buskined stage”. (Il Penseroso, p. 125); “The Cynsure of neighbouring eues” (L’Allegro, p. 120). “To thy protection fear and sorrow flee/And those that weary are of light, find rest in thee” (Hymn to Darkness”, Francis T. Palgrave, *The Golden Treasury* [London: The Macmillan Company, 1898], p. 128). Este último poema não foi incluído na edição da *Modern Library*.

(16) Na segunda parte do presente trabalho estudaremos a possível contribuição dêstes poemas para a obra amadurecida de Fernando Pessoa.

O segundo capítulo da obra de Thomas Carlyle, *Past and Present*, intitulado “The Ancient Monk”, era a obra em prosa prescrita para o exame de inglês. Neste trabalho, publicado em 1843, Carlyle pretende estudar as relações políticas e sociais entre os monges de um convento do século doze, *St. Edmundsbury*, a fim de tecer comparações entre seu modo de viver e a desorganização da sociedade vitoriana.

As perguntas que Fernando Pessoa precisava responder a respeito dêste capítulo da obra de Carlyle referiam-se ao tema central da obra acima exposto. Trechos eram citados que o examinando precisaria identificar, explicando sua relação com o objectivo do autor. Podemos verificar também aqui que o candidato, a fim de responder às perguntas do exame, precisaria ter um conhecimento profundo da obra prescrita. Não poucas das questões inseridas nesta parte do exame têm que ver com expressões e imagens complexas que requerem um estudo minucioso da obra de Carlyle.¹⁷

A prova de história da língua tinha um pêso inferior às provas acima analisadas. Esta prova representava dois décimos da nota. Segundo officio enviado pela Universidade da África do Sul, tôda matéria constante desta prova se encontrava no livro do professor norte-americano, F. O. Emerson, intitulado *Brief History of the English Language*, publicado em 1896. As perguntas desta parte do exame diziam respeito às diversas mutações sofridas pela língua inglêsa através dos anos. A prova de história da língua constante do exame intermédio, assim como as provas prestadas nessa mesma matéria no exame de admissão, demonstram que Fernando Pessoa, além de dominar estilisticamente a língua inglêsa — prova-o o ensaio a respeito de Macaulay — possuía igualmente um não menos profundo conhecimento teórico dêsse idioma — sua gramática e evolução histórica. Existe, a corroborar êsses conhecimentos, a própria afirmação do poeta que, segundo Maria da Encarnação Monteiro, freqüentemente se queixava a João Correia de Oliveira de não poder dominar a sintaxe de sua própria língua como dominara a da língua inglêsa.¹⁸ Longe de ser esta afirmação uma atitude irônica da parte de Fernando Pessoa, como sugere a autora, quer-nos parecer que devemos tomar a declaração do poeta ao pé da letra. Fernando Pessoa não empreendeu, ao que parece, estudos sôbre a língua

(17) Vide apêndice II, pergunta n.º 3 referente a *Past and Present*.

(18) *Incidências*, *op. cit.*, p. 26.

pátria semelhantes àqueles efetuados em língua inglesa, na preparação aos exames externos.

As fronteiras que separam os períodos literários ingleses, como aquelas correspondentes às literaturas de outros países, não são definidas nem rígidas. A fim de identificar o período literário prescrito,¹⁹ apoiar-nos-emos, portanto, nas datas do período elizabetano estabelecidos por Fernando Pessoa em um dos artigos incluídos em *A Nova Poesia Portuguesa*, que coincidem pouco mais ou menos com as datas do período literário prescrito para o exame. Diz-nos o poeta que o período isabelino principia em 1580 e vai até “a um ponto pouco mais ou menos coincidente com o fim da República”.²⁰ O fim da república é 1660. O período literário estudado pelo poeta para o exame intermédio coincidia com o começo do período isabelino, abrangendo, porém, quarenta anos da época neoclássica. Em vez de terminar com Milton (1660), incluía igualmente a obra de John Dryden. Verificamos que este autor, cuja obra encerra o período literário referido, era também o último constante do segundo livro da antologia de Palgrave. Por conseguinte, ambas as provas não versavam nada além da obra de John Dryden. Os conhecimentos de Fernando Pessoa da literatura inglesa, provenientes da educação recebida em Durban, incidiam principalmente sobre o período elizabetano, fato que explica a linguagem em que foram escritos os *35 Sonnets* e as inúmeras referências do poeta a esse período das letras inglesas.

Das perguntas referentes a esta prova, em número de sete, apenas a décima terceira era obrigatória. Quanto às demais, o candidato poderia escolher quaisquer três das restantes seis a fim de preencher os requisitos estabelecidos pelos examinadores. As seis questões desta parte do exame diziam respeito às seguintes obras: *Fairie Queen* de Edmundo Spenser; as peças dramáticas de William Shakespeare; o teatro elizabetano em geral; os escritos em prosa de Bacon, Fuller e Locke, a

(19) Vide apêndice II. Existe uma discrepância entre as informações acerca da prova de história literária fornecidas pela Universidade da África do Sul e pela Universidade da Cidade do Cabo. O arquivista daquela instituição de ensino declara em ofício de 3 de julho de 1965 que o período literário prescrito compreendia os anos de 1550 a 1750. No entanto, a transcrição das provas do *University Calendar* de 1904, enviada pela Universidade da Cidade do Cabo, revela que o exame de história literária abrangia o período 1579-1700. Somos obrigados a aceitar esta última informação, visto ela se apoiar na fonte original de informação — o *University Calendar* de 1904.

(20) *Op. cit.*, p. 23.

sátira de Samuel Butler e John Dryden; *Paradise Lost* de John Milton; *Pilgrim's Progress* de John Bunyan. Uma outra pergunta se referia à influência da côrte de Charles I e Charles II na poesia e no drama. A décima terceira pergunta, que era, como vimos, compulsória, exigia a identificação de oito das treze obras enumeradas com as datas aproximadas de sua publicação. Essas obras abrangiam quase tôda a produção literária importante do período literário prescrito.²¹

A natureza das questões parece indicar que as obras principais enumeradas nas primeiras seis perguntas foram de certo lidas pelos examinandos para a prestação da prova. Acerca da leitura de uma delas, *Paradise Lost* de John Milton, existe o testemunho do próprio Fernando Pessoa. Em carta a João Gaspar Simões de 11 de dezembro de 1931, o poeta afirma ter lido a epopéia de Milton. Suas afirmações atestam a influência dos poetas lidos enquanto residente em África.

...e certas influências poéticas inglêsas, que sofri muito antes de saber sequer da existência do Pessanha, actuam no mesmo sentido que êle... E a construção e amplitude do poema épico, tem-as Milton (que li antes de ler os Lusíadas), em maior grau que Camões.²²

As obras referidas na décima pergunta, contudo, não deveriam necessariamente ter sido lidas na sua totalidade. Os examinadores parecem estar apenas interessados no reconhecimento, por parte dos candidatos, dos títulos das obras e das datas de sua publicação. Não há dúvida, porém, que Fernando Pessoa possuía, à época de seu regresso a Portugal, um conhecimento extenso e profundo da literatura da época elizabetana. As exigências do exame intermédio, aliadas à sua natural queda para a literatura, não poderiam deixar de cavar fundo na alma do poeta nesses anos de formação. O quanto a literatura do

(21) São os seguintes os autores e as datas de publicação das obras enumeradas na décima terceira pergunta da prova a respeito do período literário 1579-1700: 1 — "The Sad Shepherd", Ben Jonson, 1637 (obra inacabada); 2 — "The Anatomy of Melancholy", Robert Burton, 1621; 3 — "Tamberlaine", Christopher Marlowe, 1587; 4 — "Euphues", John Lyly, 1579; 5 — "Religio Medici", Thomas Brown, 1642; 6 — "The Purple Island", Phineas Fletcher, 1633; 7 — "Leviathan", Thomas Hobbes, 1651; 8 — "Annus Mirabilis", John Dryden, 1666; 9 — "The Baron's Wars", Michael Drayton, 1596; 10 — "Pindarics", Abraham Cowley, 1656; 11 — "The Complete Angler", Izaak Walton, 1653; 12 — "The Temple", George Herbert, 1633; 13 — "Sejanus", Ben Jonson, 1603.

(22) Pessoa, *Cartas a João Gaspar Simões*, op. cit., pp. 104-5.

período elizabetano contribuiu para a sua formação artística será por nós estudado na segunda parte deste trabalho.

A percentagem de setenta e três por cento, treze pontos acima da média necessária para a obtenção de distinção (setenta por cento) evidencia a aplicação do poeta e sua profunda imersão na literatura inglesa. A maioria dos autores incluídos no exame são assinalado por Fernando Pessoa como influências sofridas a esta data.²³ A nota de inglês foi a nota mais alta conseguida pelo poeta neste exame. Ela faz jus à sua inteligência, aos seus pendores literários (agora mais definidos) e à sua aplicação aos estudos.

A nota alcançada no exame da disciplina de inglês foi a mais alta conseguida nesta matéria nos três exames prestados à Universidade do Cabo. Nos exames anteriores, o *Cape School Higher Examination* e o *Matriculation Examination*, o poeta alcançara respectivamente cinqüenta e nove vírgula três por cento (59,3%) e sessenta e dois por cento (62%). É indicativo também que os autores estudados para êstes dois exames (Sir Walter Scott, William Shakespeare e Joseph Addison) não são reconhecidos por Fernando Pessoa como influências nas notas que aparecem no apêndice às cartas a Armando Côrtes-Rodrigues. Somente a partir de 1904, quando o seu caminho de poeta estava, acreditamos, traçado (devido, cremos, à obtenção do prêmio pelo ensaio escrito como parte do exame de admissão), os estudos de literatura inglesa começam a servir o poeta no seu propósito de escritor. Anteriormente, o estudo que desses poetas e prosadores fazia Fernando Pessoa visava apenas aprovação nos exames.

O EXAME DE LATIM

Pela relação das provas de latim transcritas do *University Calendar*²⁴ verificamos que estas se dividiam em duas partes distintas. A primeira tinha como base os livros prescritos. Os candidatos seriam examinados a respeito do conteúdo dos

(23) Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, op. cit., p. 129.

(24) Como existem discrepâncias entre as informações fornecidas pela Universidade da África do Sul e o texto do *University Calendar*, 1904, gentilmente enviado pela Universidade da Cidade do Cabo, no que diz respeito às provas do exame de latim do *Intermediate Examination*, basear-nos-emos, doravante, por nos parecerem mais seguros, nos dados apresentados por esta última fonte (Vide apêndice II).

set books e deveriam responder às questões acêrca de pontos gramaticais pertinentes aos trechos do trabalho prescrito a serem traduzidos. A tradução de textos latinos compunha a maioria das questões desta primeira parte. A segunda testava a capacidade do candidato de expressar-se em latim através de versão de trechos em língua inglêsa; uma segunda secção desta segunda parte apresentava trechos em prosa e em verso que precisariam ser traduzidos do latim à primeira vista.

Os livros prescritos para a prova de latim do exame intermédio dividiam-se, como no exame de inglês, numa obra em prosa e outra em verso. Aquela era *A Guerra de Jugurta* de Salústio e esta as *Geórgicas* de Virgílio. Fernando Pessoa seria responsável pelo trecho compreendido entre as páginas um e sessenta e cinco do trabalho de Salústio e pelo quarto livro do poema de Virgílio.

A nota (65%) alcançada por Fernando Pessoa no exame de latim representa bem a diferença entre os conhecimentos obtidos sob a tutela de Haggar, diretor da escola comercial (Fernando Pessoa obteve um índice de aproveitamento de cinquenta e quatro por cento na prova de latim do *Matriculation Examination*) e o ano dispendido na *Durban High School*, sob a orientação de W. H. Nicholas. Um ano não foi, porém, o suficiente; quando Fernando Pessoa prestou o *Cape School Higher Examination* em junho de 1901, depois de frequentar o liceu de Durban durante três anos, a percentagem do exame de latim foi de oitenta e oito vírgula seis por cento. Mesmo assim, a nota do *Intermediate Examination* evidencia os conhecimentos gerais de Fernando Pessoa acêrca da língua e literatura latina.

AS RESTANTES MATÉRIAS

Não logramos obter uma relação minuciosa das perguntas constantes das provas de francês, história e física. Possuímos apenas a descrição dos aspectos gerais dêsses exames.

As linha gerais do programa do exame de francês prestado por Fernando Pessoa eram idênticas àquelas das provas de holandês e alemão. Quaisquer dessas provas teriam a duração de três horas e dividiam-se em três partes iguais. A primeira parte versava sôbre questões de sintaxe e expressões idiomáticas. A segunda constava de tradução para o inglês de passagens de três textos diferentes: dois em prosa e um em

verso. Um dos textos seria tirado da obra de autor francês contemporâneo. A terceira parte da prova incluía versão para o francês de um simples trecho em prosa. É curioso notar que o exame de francês era bem mais fácil do que o exame de latim. Os tempos eram outros e a era vitoriana primava pelo conhecimento dos clássicos.

A prova de história permitia ao candidato escolher entre dois temas: “A história política e constitucional da Inglaterra até 1485” ou “A história geral da Europa entre 375 e 1517”. Não seria talvez coincidência o fato de tanto a prova de história como a obra de Thomas Carlyle prescrita, “*The Ancient Monk*”, versarem a Idade Média. Fernando Pessoa, possivelmente por haver prestado a prova literária e a prova histórica do exame intermédio, lançaria sempre seu olhar para os princípios da gente lusitana, a fim de encontrar no passado longínquo o significado perdido do presente.

Com exceção das disciplinas Álgebra e Geometria (que contavam como uma só prova) Fernando Pessoa obteve média superior a sessenta em tôdas as matérias de que constava o *Intermediate Examination*. Na prova de francês êle obteve sessenta por cento, um pouco menos da média alcançada nessa matéria durante o exame de admissão (A nota do *Cape School Higher* foi setenta e quatro por cento). Na revista da escola de dezembro de 1904 existe uma alusão ao fato de o professor de francês ter adoecido:

É pesarosamente que anunciamos a doença do Professor de Francês. Apresentamos ao casal O’Grady nossos votos de rápidas melhoras.²⁵

É bem provável que a doença do Professor O’Grady tenha contribuído para a decaída do poeta nessa matéria. O afastamento do professor atrasaria a preparação para o exame. Devemos nos lembrar de que os livros prescritos e a descrição das provas a serem prestadas eram conhecidas bem antes da data dos exames. Fernando Pessoa poderia já a esta altura conhecer bem francês, mas o exame final nessa matéria abrangia conhecimentos de literatura tanto quanto de língua e a orientação didática seria imprescindível a uma boa preparação na matéria.

(25) *The Durban High School Magazine*, *op. cit.*, p. 67. “We regret to report the illness of the French Master. Mr. and Mrs. O’Grady have the sympathy of the School.”

Nesse ano a disciplina de história aparece pela primeira vez nos três exames prestados à Universidade do Cabo da Boa Esperança. Clifford Geerds, que em entrevista pessoal concedida a Hubert Jennings, recordou as disciplinas estudadas na *Durban High School*, menciona história como uma das matérias constantes do currículo. Essa disciplina compreendia a história da Inglaterra, "*Largely English History*", adianta-nos Clifford Geerds.²⁶ Fernando Pessoa saiu-se bem nesse exame e conseguiu nota superior a sessenta (sessenta e três por cento).

Dada a exigência de o examinando prestar os exames em pelo menos cinco matérias,²⁷ Fernando Pessoa não poderia deixar de prestar o exame de álgebra e geometria que, além disso, eram matérias obrigatórias. Decerto o poeta reconheceria a sua deficiência nessas disciplinas em que uma boa base é indispensável. Os três exames indicam que o poeta fôra, desde o início de seus estudos, deficiente nessas matérias. No exame *Cape School Higher* obtivera sessenta e oito por cento em Álgebra e quarenta e sete por cento em Geometria. No *Matriculation*, depois de ter interrompido os seus estudos acadêmicos, o poeta obteve trinta e quatro por cento em Álgebra e trinta e três em Geometria. Uma informação contida no livro de Hubert Jennings, *The D.H.S. Story*, a respeito do professor de matemática na época parece indicar que V. C. Stutfield, que foi professor da escola de 1902 a 1932, conhecia matemática, mas não conseguia transmiti-la aos seus alunos: "Stutfield, brilliant mathematician — if only he could teach it".²⁸ O estudo da matemática era tradicional na Inglaterra, particularmente na Universidade de Cambridge. A luta para conseguir um curso clássico nesta instituição superior dedicada de longa data ao ensino de matemática é descrita no livro de E. M. L. Clark, *Classical Education in Great Britain*.²⁹ O próprio Fernando Pessoa, em seu ensaio a respeito de Macaulay, descreve à guisa de lenitivo, a aversão que o historiador inglês tinha pela matemática, tão enfatizada em Cambridge: "Macaulay felt little attracted by the mathematical studies then 1824 so extensive at Cambridge."³⁰ Fernan-

(26) Hubert Jennings, Carta Particular, 17 de maio de 1965 (Vide apêndice I).

(27) Vide, *supra*, p. 112.

(28) *Op. cit.*, p. 111.

(29) *Op. cit.*, pp. 120-122.

(30) Pessoa, "Macaulay", *The Durban High School Magazine*, *op. cit.*, p. 64 (Vide apêndice I).

do Pessoa, devido à importância tradicional da matemática no sistema do ensino britânico não pôde, pois, deixar de prestar o exame nessa disciplina. O resultado foi que a média de quarenta e cinco por cento obtida nos exames de álgebra e geometria diminui o índice geral de seu aproveitamento.

Não obstante o baixo índice de aproveitamento em física no exame de admissão, Fernando Pessoa saiu-se bem na prova de física do exame intermédio. Reconhecendo sua insuficiência na matéria, o poeta provavelmente dedicou-se com afinco ao estudo de física nesse último ano. O fato é que dos duzentos e cinquenta pontos possíveis nessa prova, êle alcançou o total de cento e sessenta e três pontos ou seja, sessenta e cinco vírgula dois por cento (65,2%).

FIM DA EDUCAÇÃO INGLÊSA DE FERNANDO PESSOA

A certidão passada pelo vice-reitor da Universidade, *Vice chancellor*, atestando o aproveitamento de Fernando Pessoa no *Intermediate*, acha-se transcrita na obra de João Gaspar Simões. O poeta havia-a submetido com outros documentos ao candidatar-se à posição de conservador do “Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães” em 1932. A classe em que foi colocado consta dessa certidão:

Atestamos que Fernando António Nogueira Pessoa passou o Exame Intermédio em Artes prestado nesta Universidade no ano de 1904 e foi colocado na segunda classe.³¹

Fernando Pessoa havia prestado, pois, o exame de “Arts”, e não em “Science”, e havia sido colocado na segunda classe. Especificamente o poeta havia obtido a média geral de sessenta e um vírgula oito por cento (61,8%), mais do que necessário para a obtenção de distinção, *First Class*. Visto Fernando Pessoa ter sido colocado na segunda classe é de crer que a média de sessenta por cento necessária para a obtenção de *First Class*, atrás referida, se aplicava apenas ao exame de admissão e não ao *Intermediate*; ou então a percentagem obtida em Álgebra e Geometria tornou o candidato ineligível para receber distinção. O índice de aproveitamento alcançado

(31) Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, op. cit., I, p. 70, 366-7. “We hereby certify that Fernando Antonio Nogueira Pessoa passed the Intermediate Examination in Arts of this University in the year 1904 and was placed in the Second Class.”

no *Cape School Higher Examination*, quando fôra colocado na *First Class*, foi de sessenta e três virgula seis por cento (63,6%), dois pontos mais do que a média alcançada no *Intermediate*. É de crer, porém, que os índices variassem de exame para exame, conforme o aproveitamento geral dos candidatos e o tipo de prova que prestavam, isto é, exame de admissão ou intermédio.

Os resultados do exame intermédio prestado em dezembro de 1904³² foram conhecidos em janeiro. A *Durban High School* conquistara mais uma vez (incluindo o ano de 1904, alunos do liceu de Durban haviam ganho a *Home Exhibition* dez das doze vêzes em que a competição se realizara) a bolsa de estudos conferida pela Colônia do Natal ao aluno que mais se distinguisse no *Intermediate Examination*.³³ Naquele ano o candidato que logrou alcançar essa distinção foi Clifford Geerds, amigo de Fernando Pessoa.³⁴ Clifford Geerds partiu para a Inglaterra onde prosseguiu seus estudos de Direito na Universidade de Oxford. Em vista do prêmio obtido por Fernando Pessoa na *Form VI* e das notas que logrou alcançar no exame intermédio, parece-nos lícito inferir que o poeta pretendia conquistar a bolsa de estudos que lhe permitiria estudar em uma universidade inglesa de sua escolha durante quatro anos. O espaço de tempo em que permaneceu afastado da *Durban High School* tornou impossível a realização desse desejo. Sobressai-se nas matérias que lhe agradam e com as quais tinha uma natural afinidade: Inglês, Latim, Francês e História, decaindo porém, irremediavelmente, nas provas de Álgebra e Geometria, que já haviam concorrido para seu baixo índice de aproveitamento no exame de admissão. Terminados eus estudos, Fernando Pessoa resolve regressar a Portugal. João Gaspar Simões afirma que o poeta, colocado na segunda classe, continuara na escola de Durban até agosto de 1905.³⁵ Tal não aconteceu, porém. O poeta abandonou a *Durban High*

(32) *Ibid.*, I, p. 70.

(33) Jennings, *The D.H.S. Story*, *op. cit.*, p. 87. "Era esta uma bolsa de estudos no valor de £ 150 por ano conferida pelo govêrno de Natal ao aluno desta província que obtivesse as notas mais altas no exame intermédio.

(34) Em officio de 21 de novembro de 1967 endereçado a Hubert Jennings o arquivista da Universidade da África do Sul informa que Clifford Geerds obtivera o total de 930 pontos e Pessoa 1098 no exame intermédio. Parece que o poeta não fizera jus à bolsa de estudos por não residir em Durban durante o espaço de tempo estipulado no regulamento.

(35) Simões, *op. cit.*, p. 70.

School no fim de 1904, no mesmo dia em que Clifford Geerds, o que parece indicar que seu exame intermediário se realizara a dezesseis de dezembro de 1904.³⁶ É natural que, interpretando a palavra *class* no sentido português de série e não no de classificação, o crítico João Gaspar Simões deduzisse que ser colocado na segunda classe implicaria na continuação pelo poeta de seus estudos em uma segunda série.

Não parece haver dúvidas de que a principal razão do regresso de Fernando Pessoa a Portugal foi a de prosseguir seus estudos na Faculdade de Letras de Lisboa. Como já vimos, na África do Sul àquela época não existiam estabelecimentos de ensino superior. Sòmente depois de instituída a bolsa de estudos conferida pela Colônia do Natal é que os alunos, impelidos pela oportunidade de continuar os estudos na Inglaterra, principiaram a freqüentar as aulas da *Form VI* que habilitavam ao *Intermediate Examination*.³⁷ Antes disso os estudos cessavam com o certificado do *Matriculation* que habilitava a um emprêgo público. Todavia, depois do *Intermediate* não havia mais possibilidades de estudo para o aluno não contemplado com a *Home Exhibition*. É verdade que alunos obtinham às vêzes o bacharelato prestando os correspondentes exames externos à Universidade do Cabo da Boa Esperança, mas êsse grau, por ser externo, não parecia significar muito para o aluno da África do Sul. Foi assim que Fernando Pessoa, tendo-lhe sido negada, parece que por questão de elegibilidade, a oportunidade de prosseguir seus estudos no único lugar em que, para um aluno da África do Sul, valeria a pena estudar, isto é, uma tradicional universidade inglesa, resolve prosseguir seus estudos superiores em Portugal. Era natural essa resolução. Ao contrário de seus irmãos, que haviam nascido em Durban e eram, portanto, súditos britânicos, Fernando Pessoa era português. Nos últimos anos que estudara em Durban, o poeta reassumira o uso do acento circunflexo em seu sobrenome. Um fato insignificante, sem dúvida, mas que poderia indicar o desejo de Fernando Pessoa de unir o seu destino ao de sua pátria. É curioso assinalar que anos mais tarde Fernando Pessoa recusará um convite que

(36) Maria da Encarnação Monteiro afirma igualmente que o poeta interrompeu seus estudos sòmente ao regressar à pátria (Vide, Monteiro, *op. cit.*, p. 19).

(37) Jennings, *loc. cit.* "This too had the inestimable advantage of keeping a boy at school for a year after matriculation to take a first year's university course."

lhe foi feito para residir na Inglaterra,³⁸ muito embora pretendesse, pouco antes de morrer, deslocar-se para a Inglaterra, a fim de residir com seu irmão Luis e cunhada.³⁹

Outra das causas dadas como razão do seu regresso a Portugal era a de o poeta não suportar “bem o clima sul-africano”.⁴⁰ Essa havia sido a razão, segundo Eduardo Freitas da Costa, que teria levado a família materna, “puerilmente alarmada com a ida da criança para a África dos degredos e das febres, a ter querido retê-lo em Lisboa.”⁴¹ Como já tivemos ocasião de mostrar, o clima em Durban não poderia ter sido considerado muito diferente do de Lisboa e muito embora houvesse lá epidemias comuns à época (uma das quais vitimou um seu colega da *Form VI* em 1904), a falta de saúde de Fernando Pessoa em Durban poderá ser atribuída à sua débil condição física que o impedira de praticar desporto e o levava comumente ao leito, vítima de resfriados, em Lisboa.

Nos apontamentos que em 1914 foram coligidos por Armando Côrtes-Rodrigues, baseados em dados fornecidos pelo próprio Fernando Pessoa, o mês em que o poeta partiu de Durban é dado como tendo sido setembro: “Partiu para a África em setembro de 1902 onde ficou até setembro de 1905. Daí regressou a Lisboa em outubro de 1905.”⁴² Por maior confiança que nos possam inspirar essas informações, visto serem baseadas em dados fornecidos pelo poeta, elas entram em choque com a informação prestada por João Gaspar Simões:

Parece que o motivo desta sua partida em Agosto... foi a necessidade de o moço estudante preparar sua entrada no Curso Superior de Letras... Pessoa viajou sozinho e sozinho se encontrou no seu bem amado Tejo, diante de sua Lisboa bem amada, em fins de agosto.⁴³

Eduardo Freitas da Costa, em suas observações à biografia de João Gaspar Simões publicadas em seu trabalho *Fernando Pessoa: Notas a Uma Biografia Romanceada*, dá a chegada do poeta a Lisboa como tendo sido pelo mês de setembro de

(38) Freitas da Costa, *op. cit.*, pp. 61-62.

(39) Luis Miguel Rosa, Entrevista Pessoa, agosto, 1968.

(40) Freitas da Costa, *op. cit.*, p. 57.

(41) *Ibid.*, p. 38.

(42) Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, *op. cit.*, p. 123.

(43) Simões, *op. cit.*, I, p. 77, p. 303 (Cf. Pessoa, *Obras Poéticas*, *op. cit.*, L. (Vide, Monteiro, *Incidências*, p. 18).

1905.⁴⁴ Temos portanto, três datas diferentes: a fornecida pelo próprio poeta que diz ter saído de Durban em setembro e chegado a Lisboa em outubro; a de João Gaspar Simões que afirma ter o poeta partido da África em agosto e chegado em agosto e Eduardo Freitas da Costa, alegando que Fernando Pessoa chegou a Lisboa em setembro.

Não podemos saber com precisão quem está com a verdade. Em uma dedicatória contida num livro oferecido a Fernando Pessoa por um seu amigo, W. Storm, existe uma data que poderia dar-nos o dia da partida de Fernando Pessoa para Lisboa. Junto à assinatura do poeta no livro *The Complete Works* de William Shakespeare encontra-se a seguinte legenda:

With kind regards from W. Storm Durban Aug. 16th 1905.⁴⁵

A data, dezesseis de agosto de 1905, parece indicar que o poeta partiu nesse dia para Portugal.⁴⁶ Um amigo fôra acompanhá-lo e dera-lhe, de recordação, sabendo da predileção de Fernando Pessoa por coisas literárias, a obra completa de William Shakespeare.⁴⁷

Foi portanto em meados de agosto que Fernando Pessoa deixou Durban para não mais voltar. Por largos anos ainda manteve contato com alguns companheiros da *Durban High School*, — J. M. Ormond e Clifford Geerds. Sua correspondência com êsses dois colegas durou até ao fim da Primeira Guerra Mundial. A respeito de suas experiências em terras inglesas o poeta conservar-se-ia, com raras exceções, mudo. As poucas vezes que a elas se referiu foi para assinalar sua educação inglesa, como se fôsse recebida na própria Inglaterra e não na colônia africana de Natal. De fato, o aspecto mais significativo, para o estudo da vida e obra de Fernando Pessoa, de sua permanência na África do Sul é, sem dúvida, a aculteração inglesa do poeta em uma escola que seguia as mais puras tradições das escolas britânicas; daí a

(44) *Op. cit.*, p. 103.

(45) Monteiro, *Incidências*, *op. cit.*, p. 98.

(46) Eduardo Ronditi dá as datas da permanência em África como sendo 1896-1908 (*Vide*, Ronditi, "The Several Names of Fernando Pessoa" in *Poetry* (outubro, 1955) Vol. 87, pp. 40-44) e Ronditi, "A Máscara Inglesa de Fernando Pessoa" in *Lustada*, vol. II, n.º 6, dezembro de 1954, p. 83. Neste último trabalho o mesmo autor dá as datas 1896-1906 como sendo o período que Fernando Pessoa passou em África.

(47) Maria da Encarnação Monteiro, *op. cit.*, p. 98.

ênfase que tentamos dar a êsse aspecto no decurso do presente estudo.

A cultura inglêsa atuou no seu espírito até ao fim dos seus dias. A atestá-lo temos a sua biblioteca de livros inglêses — composta por mais de duzentos volumes anotados e sublinhados — e os escritos inéditos quase todos redigidos em inglêz, que estão atualmente sendo publicados. Na segunda parte do presente estudo tentaremos demonstrar a contribuição das leituras empreendidas a fim de prestar os exames à Universidade do Cabo da Boa Esperança para a obra amadurecida de Fernando Pessoa.

VI. O ENSAIO ACERCA DE MACAULAY

Poucos meses antes de seu regresso definitivo a Portugal, Fernando Pessoa dá à estampa, no número de dezembro de 1904 da revista do liceu de Durban, *The Durban High School Magazine*, um ensaio crítico intitulado "Macaulay". Tinha então dezesseis anos de idade. Nesse mesmo mês prestaria seu último exame à Universidade do Cabo da Boa Esperança, encerrando, dêsse modo, sua educação formal. Esse ensaio, revela-nos que o poeta manejava perfeitamente àquela época a língua inglesa e possuía, sobretudo, um não menos notável conhecimento das normas da arte de escrever. A riqueza de seu vocabulário, o pensamento crítico independente, arguto e judicioso, o perfeito à vontade com que discute as normas da criação artística levam-nos a inferir que Fernando Pessoa ao aportar, dentro de seis meses, à sua terra natal era, apesar de seus verdes anos, um artista formado.

O ensaio a respeito de Macaulay, após sua publicação inicial em Durban, permaneceu desconhecido da crítica pessoana durante mais de cinquenta anos. Fernando Pessoa jamais a êle se referiu, nem um exemplar da revista foi até hoje encontrado na famosa e inexaurível arca. Em 1954, Maria da Encarnação Monteiro, se dirigiu ao diretor da *Durban High School* solicitando algo que assinalasse a passagem de Fernando Pessoa pela escola. Em resposta, o diretor enviou-lhe a transcrição do ensaio, a qual a autora integrou em seu trabalho *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*, sem, contudo, o analisar. O original é o segundo artigo de fundo do número de dezembro, 1904, da *The Durban High School Magazine* e ocupa duas páginas e meia da revista em um total de aproximadamente duas mil palavras. O artigo é assinado F. A. Pessoa — a assinatura adotada pelo poeta durante o período em que residiu em África.

No preâmbulo da transcrição do ensaio apresentado por Maria da Encarnação Monteiro no trabalho acima referido, a autora sugere que êsse trabalho, por ter sido elaborado logo após o poeta ter recebido o Prêmio Rainha Vitória, seria uma reprodução melhorada do ensaio premiado, o qual não foi

encontrado até à presente data. Armand Guibert, tradutor da poesia de Fernando Pessoa para o francês, tomou a sugestão como fato e vários outros autores, principalmente no estrangeiro, têm indicado o ensaio a respeito de Macaulay como aquêlê que mereceu ao poeta êsse galhardão acadêmico. Ora, como vimos, o ensaio que distinguiu Fernando Pessoa com o prêmio pelo melhor estilo inglês entre 889 candidatos, só poderia ter sido um dos três tópicos prèviamente fornecidos aos examinandos. Nenhum dêsses tópicos tem algo que ver com Macaulay.

A Influência de Carlyle — Mesmo que não possuíssemos êsse irrefutável documento, as freqüentes alusões a Carlyle ao longo dêste ensaio nos diriam que Fernando Pessoa escreveu o ensaio acêrca de Macaulay já sob a influência dos estudos sôbre Carlyle. Sòmente em 1904 (após haver prestado o exame de admissão), o poeta adquire as obras de Thomas Carlyle existentes em sua biblioteca, conforme provam as datas de aquisição nelas assinaladas. Nos dados biográficos enviados por Fernando Pessoa a seu amigo Armando Côrtes-Rodrigues, o poeta reconhece ter sido em 1904 que sofreu a influência do prosador vitoriano. Com efeito, logo no início do ensaio, Fernando Pessoa abandona a análise da obra de Macaulay, a fim de expor sua apreciação do estilo de Carlyle:

We feel an immense commotion in reading him, in his electrical attraction for us, and in his majestic skydisturbance: we now are astonished by a period of breathless calm, and now are dazzled and bewildered by a lurid outburst of chaotic force; we either linger in expectancy or, though expectant, are surprised by the sudden horrors of a spasmodic day — a day enlightening, but with a gleam too short for our sight, the labyrinths and the caverns of indefinable mortality; we transgress, in hearing, our senses and forever are held enraptured and attentive by that expressive swaying of a terrific thundermarch.

Ao apreciar o estilo de Thomas Carlyle, o poeta revela características de seu próprio estilo que perdurarão pela vida fora, e que tiveram sua origem nos anos passados em Durban, em contato com a obra de escritores ingleses. As imagens por êle usadas acusam sua predileção pelo estranho, pelo fantástico sobrenatural e são transmitidas através de expressões carregadas de sensação tais como: *commotion, electrical, majestic, lurid, spasmodic, enraptured, thunder-march*. O além, *undefinable mortality*, é apreendido por Carlyle, como o será por Pessoa, em breves instantes de exposição reveladora, que logo

passam, mas que enquanto perduram, iluminam o desconhecido, despertando nossos sentidos por meio de palavras que sôbre êles incidem como uma “marcha de trovoadas”.

A poesia de Fernando Pessoa iria mais tarde acusar características semelhantes: a descrição poética dos momentos inefáveis de apreensão da eternidade; o descrever minucioso e concreto da emoção em metáforas alusivas a algo extra-terreno e a especulação metafísica. No trecho citado, o dia iluminador, *a day enlightening*, é a visão do ideal inacessível que de vez em vez surge através da exposição ilógica mas profunda de Carlyle. Em um dos poemas de *Mensagem*, como se sabe o único livro de poemas publicado pelo poeta em vida (1934), Fernando Pessoa emprega igualmente o *dia* como símbolo do irreal. O poema se titula “Antonio Vieira”. O Quinto Império preconizado por Fernando Pessoa para o futuro da pátria portuguesa surge, na visão do “imperador da língua portuguesa”, como o dia — realidade irreal em via de realização:

.....
No imenso espaço seu de meditar,
Constellado de forma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do ethereo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

A imagem do *dia* como símbolo paradoxal do que é oculto e misterioso é encontrada a passo e passo na obra poética de Fernando Pessoa, tanto na escrita no vernáculo, como na elaborada em língua inglesa.

Estilo e loucura — Dando prosseguimento à análise do estilo de Macaulay, Fernando Pessoa aponta a coerência de suas idéias como prova da falta de genialidade:

“There is one thing in him, or, rather, in the style of him, that might lead the cynic to doubt whether he were worthy of being called a genius, or merely a man of enormous talents. Macaulay seems to have been same. We have not, in truth, any evidence to the contrary; for evidence in favour we need but to glance at the style.”

O poeta parece aqui associar o gênio à loucura. Primeiramente, declara que há algo no estilo de Macaulay que leva os

críticos a pensar que êle não era gênio mas apenas um homem de grande talento; Macaulay não era louco e a prova disso é o seu estilo orgânico e coerente. Podemos deprender destas observações o esboço de um problema que assolava o poeta nesta época — a loucura. Macaulay não é gênio porque é lúcido. Seu estilo demonstra sua sanidade mental:

“Therefore is it that he gives us no emotional undulations of style, which would affect the clearness and the logic, no climax to sink out of sight the logical links around, no bathos to make them prominent”.

Para Fernando Pessoa, o homem de gênio era menos científico em sua exposição e, como Carlyle, mais preocupado em apreender e transmitir, em arrancos de estilo, o sentido do mundo. Parecerá talvez exagerado que o poeta associe a expressão lógica à sanidade mental. É evidente, no entanto, que para êle, a especulação metafísica — concebível somente por meio de um estilo caótico e desorganizado — é indício de distúrbios mentais. Fernando Pessoa demonstra estar, a esta altura, grandemente preocupado com a natureza do seu próprio gênio.

O problema do Gênio associado à Loucura, apresentado no ensaio acêrca de Macaulay, nunca abandonou o poeta. Logo depois de regressar a Portugal, contudo, êle se agravou sobremaneira. É então que resolve enviar uma carta a Clifford Geerdts, seu colega da *Durban High School*, que à época prosseguia seus estudos em Oxford, Inglaterra, dizendo-se médico psiquiatra de um senhor Fernando Pessoa, estando, portando, interessado em averiguar a opinião de Geerdts a respeito da lucidez de seu cliente. Fernando Pessoa usava dêste processo a fim de descobrir o juízo que Geerdts, seu amigo íntimo em Durban, fazia a seu respeito e principalmente a opinião de seu amigo no que dizia respeito à sua sanidade mental. Êste episódio, que nos foi transmitido indiretamente pelo próprio Clifford Geerdts em 1965, parece encerrar a primeira vista um truque um tanto desairoso da parte de Fernando Pessoa; se atentarmos, contudo, para o jovem Pessoa em Lisboa, removido de seu ambiente, sem saber que rumo dar à sua vida, tendo pela frente o caminho solitário e hostil que o gênio lhe apontava, compreenderemos, por certo, sua atitude. Precisava saber se os outros haviam notado sua genealidade. Clifford Geerdts, porém, percebendo pelo estilo que o autor da carta era o próprio Pessoa, respondeu-lhe cautelosamente. Hubert

Jenings transcreve-nos em carta particular as impressões de Geerdts acêrca dêsse incidente:

“Geerdts replied very cautiously because he was convinced (from the style and the nature of the questions), that the writer was actually Pessoa himself who had chosen this way to try to find out what Geerdts opinion of him was.”

O artista formado — Passamos em seguida a examinar alguns passos do presente ensaio que atestam o grau de desenvolvimento intelectual atingido por Fernando Pessoa nestes anos de formação sul-africana e o amadurecimento de seus conceitos crítico-literários. Por exemplo, em carta enviada a João Gaspar Simões a onze de dezembro de 1931, Fernando Pessoa trata do aspecto metodológico da análise crítica. Comentando o terceiro ponto de sua exposição acêrca da função do crítico, o poeta declara que, pelo fato de a alma humana ser inexplicável, o crítico deveria “cercar estas buscas e êstes estudos de uma leve aura poética de desentendimento”. Semelhante observação é feita pelo poeta vinte e sete anos antes, ao comentar o ensaio de Macaulay a respeito de John Milton. Fernando Pessoa acha que o prosador vitoriano, além de acusar uma falta de domínio do assunto em extensão e profundidade, não restringe seus sentimentos: “We note his initial grasp upon the subject and his subsequent lack of depth and breath and even of a certain restraint.” É por isso mesmo que mais adiante, ao comentar as semelhanças entre a poesia de Macaulay e a de Alexander Pope, o jovem poeta português recusa-se a explicar suas afirmações: *obvious or not* é o seu único comentário. Reconhece, dessa forma, os limites do conhecimento humano.

Mas não é apenas aqui que notamos o amadurecimento crítico de Pessoa. Observemos sua crítica, cáustica e contundente, às baladas de Macaulay. Informando-nos irônicamente que Elizabeth Barrett Browning escreveu a Richard Hengist Horne concordando com a admiração manifestada por êste crítico pela poesia de Macaulay, “pois não era possível lê-lo deitado”, Fernando Pessoa comenta, com uma certa graça iconoclasta, que vários críticos não só acham possível ler Macaulay deitado, como também é muito fácil adormecer lendo-o. “A poesia de Macaulay”, acrescenta o poeta, “revela que o verdadeiro estilo poético lhe era alheio. Conhecia o cérebro mas não a alma da Musa”. Fernando Pessoa prossegue em sua análise, comentando o estilo do reverenciado historiador inglês, através de uma sutil comparação entre o impacto que

à primeira vista as sentenças curtas de Macaulay nos causam e o troar de canhões:

...on our approaching nearer and nearer to the scene of action the rattle of the volleys becomes more and more unpleasant and abrupt, while on having arrived at the very spot of engagement we find it difficult to believe that this once could sound otherwise than rough, though somewhat regular and startling.

Esta análise estilística da obra de Thomas Babington Macaulay, escrita pelo poeta aos dezesseis anos de idade, nada fica a dever aos comentários à vida social portuguesa e resenhas de livros publicadas em sua maturidade. A profundidade de conceitos, a seqüência lógica de seus pensamentos, fruto de uma inteligência superior, e até mesmo a dissidência crítica permeada por declarações por vêzes caracteristicamente chocantes são aspectos de seu estilo encontráveis em ensaios posteriores. O domínio da língua inglêsa, o estilo fluido, às vêzes demasiado rico e sintaticamente complexo, mas bem ao gôsto vitoriano, fazem-nos especular, antes de prosseguirmos nosso estudo, acêrca das eventuais possibilidades artísticas de Fernando Pessoa nos países de fala inglêsa, se tivesse continuado a expressar-se nesse idioma. Durante os próximos anos, até 1908, quando começa a escrever sua obra em língua portuguesa, ainda alimenta a esperança de vir a ser poeta em língua inglêsa. Tal não aconteceu, porém. Nem seus escritos posteriores nessa língua revelam a mesma propriedade de estilo. Não, a cultura assimilada em Durban, em parte revelada neste ensaio, atuou de forma decisiva na formação artística de um poeta em língua portuguesa e é a isto que nos devemos ater.

Conceito histórico — Um dos aspectos mais curiosos dêste ensaio e talvez dos mais importantes para a formação artística de Fernando Pessoa, é a interpretação feita pelo jovem poeta do conceito histórico de Carlyle e Macaulay. Diz-nos êle, que para os dois historiadores vitorianos o que interessava ao processo histórico eram as forças misteriosas ocasionadoras dêsses acontecimentos; a chave elucidatória só seria encontrada nas correntes misteriosas do sentimento nacional dos povos, nas condições à época existentes e no estado geral do povo: "They sought the sources of these events in the unseen currents of national sentiment, of conditions then existing, in the state of the masses at the time."

Como é comumente sabido, Fernando Pessoa, em suas interpretações da história portuguesa assinaladas em *Mensagem*

e em entrevistas concedidas a vários jornais e revistas portuguesas, pretendeu encontrar as origens misteriosas das correntes do sentimento nacional português na Idade Média e começo da Renascença. É na universalidade do homem português da era dos descobrimentos, já anunciada pelo cosmopolitanismo dos fundadores míticos e históricos da pátria, que o poeta vislumbra a idéia-fôrça a ser totalmente realizada em um Quinto Império do porvir, um período cultural imensamente glorioso para a pátria portuguesa. “O homem português é essencialmente cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português, foi sempre tudo. Ora ser tudo em um individuo é ser tudo; ser tudo em uma coletividade é cada um dos individuos não ser nada. Quando a atmosfera da civilização é cosmopolita, como na Renascença, o português pode ser português, pode portanto ser individuo, pode portanto ser aristocracia”. Nesta entrevista concedida à *Revista Portuguesa* e publicada a treze de outubro de 1923 (N.ºs 23 e 24), estão contidas algumas das idéias do poeta concernentes ao futuro de Portugal, apoiadas no passado histórico da nação portuguesa. Se a Renascença representa o auge da potencialidade coletiva da raça lusíada, manifesta através de seu cosmopolitanismo, depreende o poeta que um nôvo Renascimento apresentaria características semelhantes. O “estado geral do povo” se traduzia então por uma consciência universalizante e é êsse mesmo aspecto que há-de subsistir no futuro Quinto Império de características mais declaradamente espirituais. As correntes misteriosas desse cosmopolitanismo histórico são vislumbradas nos primórdios da nação portuguesa e acompanham seu desenvolvimento histórico. Os heróis assinalados por Fernando Pessoa na primeira parte do livro de poemas *Mensagem* são quase todos provenientes de outros países ou, sendo de origem portuguesa, se tornaram cidadãos do mundo, como é o caso de “D. Pedro, Regente de Portugal”. Mas é na figura de D. Diniz, o Rei-poeta, que Fernando Pessoa encarna as características essenciais do homem do Quinto Império:

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio murmuro consigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio êsse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a falla dos pinhaes, marulho obscuro,
É o som presente d'esse mar futuro,
É a voz da terra anciando pelo mar.

O conceito histórico de Carlyle e Macaulay, apontado por Fernando Pessoa neste ensaio, contribuiu, queremos crer, para a interpretação feita pelo poeta do consciente coletivo da nação portuguesa; o Portugal futuro seria a concretização dessa idéia-fôrça vislumbrada desde os princípios da nacionalidade e que, transcendendo os limites geográficos do país, se espalharia pelo mundo por meio da Língua, Literatura e Filosofia portuguesas.

Alguns aspectos da formação artística de Fernando Pessoa enquanto residente na África do Sul podem ser deduzidos através desta análise deste ensaio. A extensão das leituras compreendidas, a fim de escrever o ensaio, representam só por si um notável cabedal de conhecimento. O poeta menciona oito ensaios, além do volume de baladas, *The Lays of Ancient Rome*, e os trabalhos históricos de autoria do prosador vitoriano. Comparações com Carlyle demonstram uma equivalente se não superior familiarização com este autor.

Fernando Pessoa, em virtude de sua formação intelectual inglesa, continuou a servir-se das obras estudadas durante sua permanência em Durban, como fonte inspiradora de sua expressão artística. Ao regressar a Portugal, o poeta não logrou encontrar, devido à precária situação das letras portuguesas nos anos que antecederam e se seguiram a implantação da República, uma cultura que sobrelevasse a inglesa assimilada em Durban. O ensaio a respeito de Macaulay, publicado seis meses antes de seu regresso definitivo a Portugal, demonstra certas tendências de sua personalidade artística que iriam influir na poesia e prosa publicadas em língua portuguesa. Na segunda parte deste estudo procuraremos discernir a presença dessa cultura em sua obra amadurecida.